

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

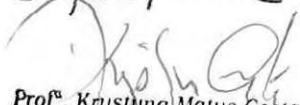
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO

DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

CONSTRUINDO CIDADANIA: CONTRIBUIÇÕES NO CONTEXTO  
DA FORMAÇÃO SÓCIO- POLÍTICA DE LIDERANÇAS  
COMUNITÁRIAS – UNAMI/ITAJAÍ, SC – NESSOP/UFSC

Defendido em

30/09/2002



Prof.<sup>a</sup> Krystyna Matys Costa  
Chefe do Depto. de Serviço Social  
CSE/UFSC

FABIANA MARISA MARTINS

FLORIANÓPOLIS - SC

SETEMBRO, 2002

**FABIANA MARISA MARTINS**

**CONSTRUINDO CIDADANIA: CONTRIBUIÇÕES NO CONTEXTO  
DA FORMAÇÃO SÓCIO- POLÍTICA DE LIDERANÇAS  
COMUNITÁRIAS – UNAMI/ITAJAÍ, SC – NESSOP/UFSC**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de  
Serviço Social da Universidade  
Federal de Santa Catarina, para  
obtenção do Título de Assistente  
Social pela Acadêmica Fabiana  
Marisa Martins, orientada pela  
Professora Mestra Iliane Köler.

**FLORIANÓPOLIS – SC  
SETEMBRO DE 2002**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**ILIANE KÖHLER**

---

**ANDRÉA BENTO**

---

**LUCIANE DOS SANTOS SCHMIDT**

**Florianópolis, setembro de 2002**

**Nota.....**

## AGRADECIMENTOS

A ti meu Deus, por teres me dado o dom da vida e por teres me compreendido internamente sem esperar as recompensas.

À professora Iliane, pela dedicação e pelo empenho de estar tantas vezes me orientando durante o período de estágio e de conclusão desse trabalho, mesmo sabendo às limitações que eu tinha, sempre foi muito companheira e amiga.

Aos meus pais, Estácio e Marisa, pelo apoio, carinho, e incentivo nessa caminhada.

Ao meu irmão Augusto, que sempre esteve presente ajudando a me dar forças para não desistir, nem que fosse somente nas horas de desabafo.

Ao meu companheiro Rafael, junto nos momentos de alegria e tristeza, sempre companheiro e dedicado.

Às minhas amigas e colegas da faculdade, pelo empenho nos estudos e pelas horas de risadas, não poderia deixar de citar a Josiane, Patrícia e Roberta, e a todas que, *nesse árduo caminho me ajudaram de alguma forma.*

Às lideranças comunitárias do Sapé, Saco Grande e Itajaí, junto a elas realizei o meu estágio e adquiri muito conhecimento, agradeço a todos;

Aos membros do NESSOP pela oportunidade de estar realizando minha formação teórico-prática, enquanto estagiária do Projeto de Formação Política.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a elaboração e conclusão das atividades desenvolvidas nesse trabalho de conclusão de curso, eu deixo meus agradecimentos e o meu muitíssimo,

OBRIGADO!

## É POR AMOR

É por amor!  
Sim, é por amor à vida que cantamos.  
E, tantas vezes choramos também.

É por amor à vida  
evidentemente,  
que encaramos de frente  
essa imensa dor  
que se impõe  
nesse reinado amargo  
de ódio presente!

É por amor à vida  
que estamos nas ruas  
nas praças, nas estradas...  
e gritamos palavras de ORDEM!

É por amor!  
Sim, é por amor à vida  
que escrevemos nas pedras  
os poemas da esperança rebelde,  
que pichamos nos muros e nas portas  
as frases corajosas de  
um futuro novo,  
que dançamos nas festas de sábado,  
no batuque do carnaval de um  
povo livre!

É por amor  
que nos abraçamos,  
que nos beijamos na esquina  
e já não tememos  
andar de braços dados  
seguindo a bandeira da Paz  
e da ternura conseqüente!

É por amor  
sim, é por amor à vida  
que desesperadamente  
AMAMOS!!!!!!

Zé Vicente.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
<b>CAPÍTULO I – FORMAÇÃO SÓCIO-POLÍTICA PARA SUJEITOS DO MOVIMENTO SOCIOCOMUNITÁRIO E POPULAR.....</b>	<b>2</b>
1. 1 A relevância da temática.....	2
1.2 Relação Universidade/Sociedade. O Projeto de Formação Sócio-Política do NESSOP/DSS/UFSC.....	6
<b>CAPÍTULO II – CAMINHOS À CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE FORMAÇÃO SOCIOPOLÍTICA NO MOVIMENTO SOCIOCOMUNITÁRIO E POPULAR CONSTRUINDO CIDADANIA: Uma experiência em cena.....</b>	<b>12</b>
2.1 Caminhos com a comissão local.....	12
2.2 Caminhos com o grupo de cursistas.....	15
2.3 Caminhos com o grupo de educadores.....	21
2.4 Desenvolvimento do conteúdo.....	23
<b>CAPÍTULO III – SIGNIFICANDO A EXPERIÊNCIA VIVENCIADA: UM OLHAR À COMISSÃO LOCAL, AOS CURSISTAS E AOS EDUCADORES, NA PERSPECTIVA DO SERVIÇO SOCIAL.....</b>	<b>34</b>
3.1 A Metodologia da pesquisa.....	34
3.2 Aplicação das entrevistas.....	37
3.2.1 Com a comissão local.....	37
3. 2.2 Com os cursistas.....	41
3 2 3 Com os Educadores.....	66
3.3 Análise das categorias da entrevista aplicada com a comissão local, cursistas e educadores.....	80
3.4 Mapa de algumas conquistas cidadãs.....	88

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
FONTES BIBLIOGRÁFICAS.....	94
ANEXOS.....	97

## 1. INTRODUÇÃO

A experiência do estágio curricular obrigatório se centrou no NESSOP, mas precisamente no Projeto de Formação Política para Agentes do Movimento Sócio Comunitário e Popular – Construindo Cidadania, do qual resultou no presente Trabalho de Conclusão de Curso. Este foi sendo desenvolvido durante os anos de 2001 e 2002, no Núcleo de Estudos em Serviço Social e Organização Popular, vinculado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

Trata-se de um importante momento da nossa trajetória acadêmica de formação em Serviço Social, pois se constitui em oportunidades de reflexões face às possibilidades da ação do profissional - Assistente Social -, na relação com os movimentos sociocomunitário e popular.

Deste modo o trabalho se encontra dividido em três capítulos.

Num primeiro momento, que se denomina Capítulo I, descreveremos a *história da educação popular na relação com o movimento sociocomunitário*, aproximando a questão às contribuições da Universidade Pública, em face de relação Ensino/Pesquisa/Extensão e o Projeto de Formação Sociopolítica do NESSOP/DSS/UFSC.

O Capítulo II tratará em descrever os caminhos construídos neste projeto, desde a formação do grupo de cursistas, educadores e comissão local, e como se deu o desenvolvimento dos conteúdos ao longo desse curso.

Já o Capítulo III, buscará descrever a metodologia da pesquisa aplicada, contendo as análises e resultados obtidos *face às questões levantadas junto ao tema pesquisado*.

Tentará-se no decorrer deste trabalho redesenhar da melhor forma possível, a caminhada desse Projeto de Formação Política junto aos agentes comunitários de Itajaí. Esperamos que seja mais uma contribuição a todas aquelas pessoas interessadas nas atuais lutas por inclusão social no âmbito da educação popular.



## CAPÍTULO I

### FORMAÇÃO SOCIOPOLÍTICA PARA SUJEITOS DO MOVIMENTO SOCIOCOMUNITÁRIO E POPULAR

#### 1.1 A relevância da temática

Durante a chamada fase primitiva dos programas de educação popular no Brasil, as Ciências Sociais trabalhavam mais centralizadamente as fases do desenvolvimento brasileiro (como estudos sobre raça, cultura, idiomas,...), *referenciado na década de 50, com estudos embasados no nacional desenvolvimento*. Esta década foi marcada como um novo tempo para a educação brasileira, e o movimento em defesa da escola pública dos anos 50 foi a expressão máxima desse processo.

Já a década de 60 foi marcada por uma produção de estudos sobre a classe operária brasileira; primeiros estudos sobre a urbanização das principais capitais brasileiras e críticas às bases da teoria da modernização, em *desenvolvimento na América Latina*.

O Movimento de Educação de Base é um exemplo desses estudos, pois significou uma alternativa de luta dos meios populares organizados por melhorias nas condições sociais e humanas e de resistência aos processos de dominação sócio-humanos.

Este movimento foi resultado de um convênio assinado entre a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e o Governo Federal. O mesmo procurou desenvolver nos anos 60, mesmo após o golpe militar, um trabalho junto às comunidades populares das áreas menos desenvolvidas do País. Esta educação foi vista primeiramente como uma educação que pudesse levar as pessoas à aquisição de conhecimentos básicos para uma vida mais humana.

O processo de ação julgado adequado pelo MEB é o de Educação de Base, isto é, uma educação que visa a formar o homem no que é, *ao mesmo tempo, essencial e mínimo indispensável para sua realização como pessoa*. Neste sentido, todo trabalho educativo do MEB é desenvolvido em uma perspectiva de autopromoção do povo, formando e assessorando líderes indispensáveis ao trabalho de suas respectivas comunidades. (MEB: 1965, p.11 e 20).

No cotidiano do Movimento de Educação de Base foram desenvolvidas práticas voltadas às bases desses movimentos no sentido de uma organização centrada nos trabalhos sociopolíticos das comunidades, com propostas de mudanças referentes aos espaços físicos existentes para o lazer, melhorias políticas para a cidade, melhorias sociais voltadas para uma educação sociocomunitária.

Contudo, buscava-se através da educação instrumentos e técnicas à saída do Regime Militar autoritário, pois o que era visto como “energia da sociedade civil”<sup>1</sup> era bem aceito como alternativa política acessível, porém era também necessário adequar a educação brasileira às exigências do novo modo de acumulação associado ao capital internacional.

Na relação com esta contradição, a educação popular era discutida por grupos de intelectuais orgânicos e por grupos populares resultando em questão imprescindível para o avanço dos movimentos populares em suas lutas por uma sociedade com justiça social. Viana destaca que:

A transição do capital, com suas implicações sociais políticas e culturais, associada aos avanços no campo da tecnologia das comunicações, contribuíram para alterar as formas de luta e organização de movimentos sociais. (Viana, p.38).

Nos anos 80, a política de bem-estar social de conteúdo neoliberal recupera as práticas do capitalismo assistencialista com os passes de transporte urbano gratuitos, a distribuição de ticket de leite, produzindo a destruição de direitos já conquistados, como o acesso a um teto de salário mínimo para atender com dignidade as necessidades sócio-humanas básicas.

A realidade de miséria sócio-humana é reconhecida e é tema de reflexão nos trabalhos de educação popular desenvolvidos, em particular, nas Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, não obstante seguirmos em nosso País sob a égide da ditadura militar.

Na área da educação popular o desenvolvimento de uma ação pedagógica conscientizadora atuante, junto às camadas populares, foi o ponto

---

<sup>1</sup> Formas de lutas por melhores condições de vida no regime militar, onde a fala do povo e o saber dos oprimidos era considerado pontos a serem analisados.

de partida ao resgate da dignidade do ser humano, perdidos sob as condições indignas de sobrevivência no meio urbano e rural do capitalismo selvagem brasileiro. Neste período ganham expressão os movimentos por moradia, direito à educação pública, proteção à infância, saúde pública, reforma agrária e urbana, entre outros.

Nos âmbitos sindicais e da política partidária também ganham força reivindicações por relações no trabalho e na política, identificadas com os interesses dos trabalhadores. Os trabalhos na área da educação popular influenciaram decisivamente os trabalhos da Constituinte e a transição do regime autoritário para o regime democrático em nosso País

Nos anos 90 formou-se um novo cenário, onde a sociedade como um todo foi organizando e reivindicando seus direitos de cidadania, baseados na Constituição de 1988. Entretanto, há refluxos pelo clima de descrença na política e nos organismos estatais, face à política de caráter neoliberal, que prioriza interesses do capital monopolista centralizador de riquezas. Esta política põe o crescimento econômico e o consumo, como a única razão de ser da economia globalizada e da vida cidadã. O Estado comprometido com este modelo passa a desregular direitos e a privatizá-los, contribuindo para o avanço dos processos de exclusão/inclusão sociais.

Contudo, no âmbito da sociedade civil engrenam-se e atualizam-se formas de lutas e proposições expressadas pelos movimentos sociopopulares, que buscam criar meios, debates, estratégias de resistência e sobrevivência por espaços mais alternativos na busca da democratização dos direitos, e por um modelo de desenvolvimento sócio-humano e ecológico. Nestes contextos o sentido de sujeito coletivo que entra em cena é o resultado dos trabalhos de educação popular desenvolvidos em ONGs, universidades, igrejas e sindicatos, na relação com as suas práticas de luta nos seus cotidianos locais/globais.

A educação popular renova as esperanças para que se construa através de práticas coletivas e solidárias, experiências educativas/projetos identificados não apenas com a questão da vida material, mas também com a qualidade de vida e com uma práxis pedagógica capaz de orientar a organização sociopolítica da sociedade em torno de interesses coletivos, democráticos e

emancipatórios.

Neste sentido é que caminha o projeto de Formação Sociopolítica, que segundo Costa (1977) é uma educação voltada para a parcela da população que sofre com as exclusões sociais.

A Educação Popular supõe que as camadas de populações mais marginalizadas e mais pobres se apropriem de um novo saber instrumento; um saber que pode ser usado diretamente na realização dos objetivos sociais destas camadas. (Costa: 1977, p. 5).

Essa política de formação está coerente à concepção de que a educação popular é uma prática que está sendo criada, transformada e desenvolvida para a socialização de saberes junto às camadas populares. Nas ações de extensão universitária, o NESSOP/DSS/UFSC tem com uma das suas áreas temáticas e de ação à organização do movimento sociocomunitário e popular, entendida como uma das interfaces do movimento social. Segundo WARREN:

(...) quando os grupos se organizam na busca de libertação, ou seja, para superar alguma forma de opressão e para atuar na produção de uma sociedade modificada, podemos falar da existência de um movimento social. (WARREN: 1984, p. 9).

Associações civis são formas organizadas de ações coletivas, empiricamente localizáveis e delimitada, criadas por sujeitos sociais em torno de identificações e propostas comuns. (Viana, p. 51)

O Projeto de Formação Política para Agentes do Movimento Sócio-Comunitário-Popular do NESSOP atua socializando o saber científico na relação com o saber popular, proporcionando condições para que a população alvo interaja e participe das ações do Projeto, buscando se capacitar à criação e à formação de uma consciência sociopolítica organizativa, crítica e emancipatória.

Contudo, no contexto da nossa experiência o que se observou é que, *contraditoriamente, realiza-se a efetiva concretização dessa política de formação*, já que a participação contínua dos sujeitos envolvidos: educadores, cursistas, comissão local, NESSOP/UFSC e representantes do Movimento Sociocomunitário, sofreram fluxos e refluxos ao longo da sua duração.

## 1.2 Relação Universidade/Sociedade - O Projeto de Formação Sócio-Política do NESSOP/DSS/UFSC

O artigo 3º do Regimento e Estatuto Geral da UFSC, diz:

A Universidade tem por finalidade produzir, sistematizar e socializar o saber filosófico, científico, artístico e tecnológico, ampliando e aprofundando a formação do ser humano para o exercício profissional, a reflexão crítica, a solidariedade nacional e internacional, na perspectiva da construção de uma sociedade justa e democrática e na defesa da qualidade da vida.(Estatuto e Regimento da UFSC: 1999, p. 2).

A nossa prática profissional como Assistente Social em formação, se centrou na Universidade Federal de Santa Catarina. A Constituição de 1988, sustenta a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão:

As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. (Constituição Federal: 1988, p.121).

A universidade é um campo de formação profissional e de produção do saber. A Universidade Federal de Santa Catarina, através do NESSOP (Núcleo de Estudos em Serviço Social e Organização Popular) / DSS (Departamento de Serviço Social) foi o campo de estágio curricular obrigatório, onde o estagiário (a) desenvolveu ações na área de extensão universitária. A relação universidade e sociedade, segundo as Leis de Diretrizes e Bases nº 9.394, de 20/12/1996, do Ministério de Educação e Cultura, preconizam nos incisos III, VI e VII, as modalidades e os níveis de educação:

III - Incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando ao desenvolvimento da ciência, da tecnologia, da criação e difusão da cultura, e desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive.

VI - Estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade.

VII - Promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da

pesquisa científica e tecnológica geradas na Instituição.

Nesta direção a Universidade Pública Brasileira assume atribuições importantes junto aos segmentos populacionais que pela:

Falta de acesso ao sistema educativo se associa a carência de participação em outras áreas do fazer cotidiano, e carecem de participação real na transformação do seu mundo e na superação das condições que afetam sua vida cotidiana.(SIRVET: 1984, p. 35).

O Departamento de Serviço Social, na sua trajetória histórica, insere-se desde a sua criação nesta concepção de universidade. Mais recentemente, no ano de 1991, foi criado o Núcleo de Estudos em Serviço Social e Organização Popular - NESSOP, enquanto projeto que possibilitasse a participação de agentes que não fossem somente os alunos(as) professores(as) do Departamento de Serviço Social, e sim, outras representações da sociedade civil como: associações de moradores, conselhos comunitários, outras representações da vida associativa catarinense como são as Uniões e as Federações das Associações de Moradores, movimentos por qualidade de vida, e outros grupos (ONGs), identificados com ações que democratizam as relações sociais e um projeto civilizatório de sociedade com equidade e dignidade social. Foram ainda criados o Núcleo de Estudos em Serviço Social em Assistência Social e Trabalho - NETA; Núcleo de Estudos em Serviço Social Criança e Adolescente - NECAD; Núcleo de Estudos em Serviço Social e Saúde – NESSS (na atualidade extinto), todos vinculados ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

O ensino, a pesquisa, e a extensão do DSS, devem ser pensados e repensados na direção de Políticas de ação que substantivem suas especificidades e garantam a visibilidade de suas relações e inter-relações nos Núcleos de Estudos e no Projeto Curricular (CASTRO: s/ano, p. 20).

As atividades do núcleo se estruturam com uma ligação heterogênea ao currículo do Curso de Serviço Social sistematizando Ensino, Pesquisa, Extensão na compreensão acadêmica de formação profissional do Assistente social, isto é:

- No Ensino, o núcleo articula-se com a disciplina Processo de Trabalho em

Serviço Social, Movimentos Sociais e Conselhos de Direito, numa relação direta entre alunos, professores e entidades sociocomunitárias.

- Na Pesquisa desenvolveu atividades junto ao Processo de Formação Política, FAMESC-1998/1999; Banco de dados sobre o perfil dos moradores do Morro da Mariquinha e Morro da Penitenciária – Florianópolis/SC. Também trouxe contribuições na formulação do perfil produtivo do Promorar I, Saco Grande, Jardim Ilha Continente e todos os bairros de Florianópolis/SC.

- Na Extensão o NESSOP contribui desenvolvendo projetos, tais como: Projeto Gestão de Dados Sociais - Banco de Dados; Projeto Eventos - Experiências em Cena; Projeto Assessoria - Formação Sociopolítica, e Fórum da Cidade (mobilização do movimento sociocomunitário de Florianópolis e comissão executiva).

O NESSOP participa da criação de espaços para debates junto à população, privilegiando a construção da cidadania participativa.

Sendo assim, o Serviço Social no NESSOP, trabalha nas ações do núcleo no que diz respeito:

\*À prestação de assessoria junto às organizações sociocomunitárias e populares, especialmente em suas questões de gestão democrática, socialização de saberes/instrumentais à sustentação da agenda de lutas local, com participação e nas suas relações com as Políticas Públicas.

\*Ao comprometimento com métodos pedagógicos formadores de práticas geradoras de autonomia, interdependência, coletividade no contexto da formulação e acompanhamento de políticas sociais.

\*À articulação com entidades organizadoras da sociedade civil, identificadas com a temática da organização sociopopular, num processo de trabalho interdisciplinar e investigativo.

Desde o ano de 1997 aos dias atuais, vêm-se construindo no NESSOP/UFSC/DSS, a formulação e execução de uma política de formação de agentes populares vinculados à FAMESC<sup>2</sup>, UNAMI (União das Associações

---

<sup>2</sup> A FAMESC é uma entidade sem fins lucrativos, que representa no Estado mais de 2000 Associações de Moradores, e visa segundo seu estatuto o desenvolvimento de seus trabalhos, buscando a liberdade associativa, a dignidade da pessoa humana, a melhoria e o bem-estar a seus habitantes, (...) no entendimento do setor comunitário (FAMESC/NESSOP/DSS: 2000).

de Moradores de Itajaí) e associações de moradores de Florianópolis (Sapé, Saco Grande).

Com a concretização deste trabalho de formação sociopolítica de lideranças comunitárias, foram surgindo novas demandas por formação, e no ano de 2000, foi-se construindo no NESSOP um grupo de trabalho com representantes das seguintes entidades comunitárias: Conjunto Habitacional do Sapé, (localizado no bairro do Jardim Atlântico); do Conjunto Habitacional Vila Cachoeira e pelo Conselho do Saco Grande, ambos de Florianópolis. Incluem o PROSANEAR (Programa de Saneamento para População de Baixa Renda, do Município de Itajaí), a UNAMI - União das Associações de Moradores de Itajaí, uma assessoria para essas demandas foi desenvolvida a partir do Projeto Assessoria que se define como:

(...) uma prestação de serviço, que propõe assessorar, aquelas demandas que expressem buscas teórico-metodológicas na democratização das relações sociais nos contextos interno/externo do Movimento Sócio-Comunitário Popular, na gestão de questões específicas das Organizações Sócio Comunitárias e Popular (Associação de Moradores, Conselhos Comunitários, Rádio Comunitária) nas lutas e proposições junto às políticas públicas (conselhos de direito e outros) bem como na realização de palestras, debates, formação e na elaboração de documentos. (Projeto Assessoria).

Diz o art. 4º, inciso IX da Lei 8.662, de julho de 1993, no Código de Ética da Profissão do Assistente Social:

Prestar assessoria e apoio aos movimentos sociais em matéria relacionada às políticas sociais, no exercício e na defesa dos direitos civis, políticos e sociais da coletividade.(Lei 8662:1993, p. 39).

Esboçado este breve cenário, apresenta-se a seguir desdobramentos do Projeto de Formação Política, expressos através do curso, junto ao qual buscou-se oportunizar as entidades comunitárias envolvidas, um processo de conhecimento e favor das suas lutas por direitos sociais.

Os sujeitos que fizeram parte desse projeto foram pessoas com reconhecida experiência e participação em ações de interesses coletivos, que atuam no Movimento Sociocomunitário, e que tiveram disponibilidade para participar do Projeto/Curso.



A metodologia do Projeto/Curso fundamentou-se em procedimentos didáticos comprometidos com uma relação pedagógico-participativa e dialógica. Foram utilizadas dinâmicas de grupos e materiais didáticos que atendam um caminho de aprendizagem com motivação identificada com questões sociais como: política, economia, meio ambiente, cultura, educação, entre outras. E, se oportunizou aos cursistas uma habilitação às suas intervenções como mediadores do movimento sociocomunitário nas suas questões internas ao próprio movimento e junto às políticas públicas. Também foram realizadas reuniões com os educadores(as) para produção e acompanhamento dos avanços no processo de aprendizagem, confecção de materiais didáticos, processo de avaliação a cada conteúdo ministrado para o estabelecimento de articulações entre um conteúdo e outro.

Os recursos financeiros para a execução do Projeto/Curso foram obtidos através da constituição de apoio, junto às entidades comunitárias envolvidas.

O papel do Assistente Social nesta área de atuação tem um grande valor sociopolítico; é um dos princípios fundamentais do Código de Ética do Assistente Social.

O posicionamento em favor da equidade e justiça social, que assegure Universalidade de acesso aos bens e serviços relativos aos programas e políticas sociais bem como sua gestão democrática.(Código de Ética do Assistente Social).

Isso nos leva a refletir que para o Serviço Social é primordial compreender a construção coletiva e as formas participativas, caracterizadas por esse caminho de Formação Política, já que a construção no coletivo proporciona aos movimentos populares um envolvimento cada vez maior e mais emancipatório da realidade atual.

Os profissionais do Serviço Social tanto o do NESSOP quanto da comissão local e os demais educadores, pretenderam com esse projeto trazer à tona uma consciência mais crítica para todos aqueles sujeitos participantes, esclarecendo como funciona o nosso sistema econômico-capitalista, pontuando as nossas tarefas e conhecendo os direitos e responsabilidades que levam ao cumprimento e à conquista da cidadania, bem como o conhecimento de leis,

políticas e demais abordagens, que possivelmente se contemplará nos próximos capítulos deste estudo.

## CAPÍTULO II

### CAMINHOS À CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE FORMAÇÃO SOCIOPOLÍTICA, NO MOVIMENTO SOCIOCOMUNITÁRIO E POPULAR - CONSTRUINDO CIDADANIA: UMA EXPERIÊNCIA EM CENA.

No perfil de um projeto que busca uma consciência crítica construída num processo participativo, coletivo e democrático, é importante conhecermos o envolvimento dos sujeitos. Assim, pontuaremos nos itens que seguem o caminho deste processo com a comissão local, com os cursistas e os(as) educadores(as).

#### 2.1 Caminhos com a comissão local

Quando as organizações sociocomunitárias (citadas no capítulo anterior) vieram ao NESSOP com a demanda por um projeto para os agentes do movimento sociocomunitário e popular, foram delineadas ações para que a sustentabilidade do projeto se firmasse participativamente. Nesta direção foi exigência do processo de trabalho desenvolvido pelo NESSOP, a participação de representantes dos sujeitos demandatários na formulação do projeto de ação.

No contexto das ações de formação sociopolítica, esta exigência configura-se pela comissão local.

Para o NESSOP:

As comissões locais constituem-se em um importante espaço para contemplar as especificidades que caracterizam uma demanda. Que no contexto do presente trabalho, é a Formação Sócio Política de Agentes do Movimento Sócio-Comunitário e Popular. (Declaração da Coordenadora do Projeto, Iliane: 2002).

A comissão local, criada para os trabalhos desenvolvidos com a UNAMI/Itajaí, SC, oportunizou desde a concepção do projeto, delinear e propor um processo de formação o mais próximo da realidade social dos cursistas a

serem envolvidos. Os membros da comissão local assumiriam atribuições com o NESSOP, fundamentais à pedagogia do curso, à infra-estrutura, à mobilização de recursos e das associações de moradores para indicarem seus representantes, que possivelmente fariam o curso.

A comissão local acompanhou ao longo da realização do projeto as expectativas, as dificuldades e as conquistas vivenciadas pelos diferentes sujeitos envolvidos: cursistas, educadores e parcerias. Os membros da comissão local vivenciaram um fazer e pensar, formadores de subjetividades participativas, mobilizadoras de recursos humanos, materiais e financeiros, e comprometidos com procedimentos ético-democráticos.

Uma vez reconhecida a viabilidade da realização do curso na relação NESSOP/DSS/UFSC e UNAMI/PROSANEAR/ Itajaí/SC, no dia vinte e sete de agosto de 2001, foi apresentada em reunião no NESSOP/DSS/UFSC a comissão local do projeto em tela, constituída pelas Assistentes Sociais, Andréa Bento e Anadir Terezinha Schneider, (ambas Assistentes Sociais do PROSANEAR de Itajaí), pelos agentes comunitários Olinda Idelbrando de Oliveira (PROMORAR II), Antônio Orací Ribeiro de Melo (UNAMI), Cristina Martins e Maurílio Morães (Vila Operária).

As atribuições da comissão local basicamente foram: mobilização dos sujeitos vinculados às associações de moradores do Município de Itajaí, SC, da região do bairro PROMORAR II; gestão de necessidades relacionadas ao local do curso; material didático; preparo do lanche; finanças; cronograma; articulação de conteúdos; educadores; acompanhamento do fluxo e refluxo de participação dos cursistas, e participação em encontros promovidos pela assessoria do NESSOP/UFSC.

Para o contexto do presente trabalho, entende-se a temática da mobilização como um procedimento que KFOURI (1980: p. 29) declara:

como um espaço cultural voltado para a criação da ciência, arte e tecnologia. Constitui, por conseguinte um centro de elaboração de cultura e de informação”.

E, segundo o entendimento a partir da leitura de algumas bibliografias

existentes sobre o tema Mobilização, ficou compreendida como:

Um processo onde um agente provoca ações no sentido de congregar a busca de conquistas aos demais agentes a tentarem ações alternativas prepositivas de mudanças, e isso se dará como o envolvimento e a participação política das pessoas. (Comentário da Fabiana: 2002).

A comissão local fez convites às Associações de Moradores, alvo do Projeto de Formação Política. Abordavam através de visitas e telefonemas os sujeitos interessados em estar construindo a participação no coletivo, como os próprios objetivos e conteúdos teórico-metodológicos do curso se definem.

Este processo de mobilização, assumido pela comissão local, possibilitou para que em quinze de setembro de 2001, se iniciasse o curso. Neste primeiro dia compareceram onze cursistas, representando as associações de moradores dos bairros: Rio Bonito; Vila Operária, São João; PROMORAR II; Fazenda; Fazendinha; Cordeiros e São Vicente.

Na relação NESSOP e comissão local foi possível identificar-se já no início das atividades, questões tais como: necessidade de definir mais claramente tarefas no âmbito da comissão local, em especial, no preparo adequado do ambiente do curso - Centro Comunitário do PROMORAR II, no que se refere à sua ocupação no horário combinado (12h30min); disponibilização dos materiais didáticos; incentivar o início de cada encontro sem atraso, e de analisar o processo de divulgação e convites à participação no curso das associações de moradores, alvos do Projeto de Formação Política.

A gestão do curso, sendo participativa, foi exigindo da comissão local uma atenção e um envolvimento permanente. E, para que as necessárias alterações pudessem acontecer, o instrumental técnico-operativo mais utilizado foi o contato telefônico e as reuniões.

A distância entre o Município de Itajaí e de Florianópolis, impediu a realização de reuniões sistemáticas e freqüentes entre o NESSOP e a comissão local. Mesmo assim, em algumas oportunidades, puderam comparecer membros da comissão local para a realização de

encaminhamentos necessários ao êxito das atividades sociopedagógicas do Projeto. Assim, os procedimentos adotados - contatos telefônicos e reuniões - possibilitaram a construção de soluções para cada situação que se revelava difícil, como aquelas anteriormente citadas. Considerou-se também que contatos sistemáticos com a comissão local (quinzenais) poderiam qualificar as articulações entre o NESSOP, grupo de educadores e cursistas, na direção da formulação de uma política de formação sociopolítica para o movimento sociocomunitário popular local/regional.

Não obstante, a cada etapa do curso, o projeto conquistava sustentação face à presença do NESSOP, através das ações no âmbito do Estágio Curricular Obrigatório, desenvolvido pela estagiária Fabiana Marisa Martins, com a supervisão de campo desenvolvida pela professora Iliane Kohler e pelo apoio imprescindível da estagiária extracurricular, Josiane Bortoluzzi. Gradativamente ficavam explicitadas as intenções do Projeto, suas possibilidades e limitações. Quanto à trajetória vivenciada com os membros da comissão local ao resultar em conquistas, mas também em descompassos e desarticulações no acompanhamento das questões sociopedagógicas, se considera ser um cenário a ser mais bem compreendido, indo ao encontro dos membros da comissão local e desdobrar com os mesmos os significados de mais esta experiência em suas trajetórias como sujeitos que constroem cidadania social.

O Capítulo III apresenta os resultados da pesquisa realizada no mês de julho de 2002, junto aos membros da comissão local, onde também as indagações sobre o fazer no coletivo, processo de engajamento, e de articulação/desarticulação se buscará melhor explicitar.

Nos itens a seguir, se delinearão como foram construídos os caminhos com o grupo de cursistas e de educadores à construção dos conteúdos, bem como a obtenção dos dados da pesquisa.

## **2. 2 Caminhos com o grupo de cursistas**

O Projeto de Formação Política do NESSOP/DSS/UFSC, tinha como candidatos e candidatas a participar, aquelas pessoas com reconhecida experiência e atuação em ações de interesse coletivo do movimento socio-comunitário, mobilizados pela comissão local.

A comissão local ficou responsável em estar mobilizando as entidades comunitárias de Itajaí, identificando o interesse de cada uma em participar do Projeto. Foi estabelecido por ela, que cada entidade poderia ter a representação de até dois membros no curso. A partir daí foi definido o grupo de cursistas. Este grupo foi formado pela representação de seis associações de moradores de Itajaí<sup>3</sup>. O perfil dos cursistas quanto ao gênero: 54% de homens e 38% de mulheres se inscreveram para participar do Projeto, onde a faixa etária dos cursistas está distribuída entre os trinta e sessenta anos. Quanto à escolaridade, 38% dos candidatos têm o 1º grau incompleto; 7,5% tem o 1º grau completo; 15% o 2º grau incompleto; 23% tem o 2º grau completo; e 23% possuem nível superior. A maioria já está envolvida no movimento sociocomunitário há mais de dez anos. (ver ficha de inscrição dos cursistas no anexo nº 1)

Salienta-se que muitos dos agentes comunitários que fizeram as suas inscrições não seguiram até o fim do curso, surgindo novos agentes interessados em participar e, conseqüentemente, se uniram aos demais como integrantes do grupo de cursistas.

A seguir se fará uma tabela mostrando como se deu o desenvolvimento da participação dos cursistas em cada encontro e o módulo do curso demonstrando o fluxo e refluxo dos cursistas.

#### **TABELA DE PARTICIPAÇÃO DE FLUXO E REFLUXO DOS CURSISTAS:**

<b>DATA</b>	<b>CONTEÚDO</b>	<b>EDUCA- DORES</b>	<b>CURSISTAS *** 4</b>	<b>LOCAL</b>
-------------	-----------------	-------------------------	----------------------------	--------------

<sup>3</sup> Associação de moradores dos bairros: Cordeiros, Promorar II, Fazendinha, São João, Vila Operária, UNAMI.

<sup>4\*\*\*</sup> Nome completo dos cursistas ver anexo nº 1 da ficha de inscrição.

15.09.01	<p>1ª Etapa</p> <p>*Apresentação do Projeto.</p>	Simone Matos Machado	<p>Alda, Cristina Davi David Félix Maurílio Rosalvo Rosemeri Suelí Tânia Valdir</p>	<p>Associação de Moradores do bairro Promorar II – Itajaí/SC</p>
22.09.01	<p>1ª e 2ª Etapas*Reapresentação do Projeto; *Como vivemos em sociedade hoje; *Dinâmica dos Cegos e Amarrados.</p>	<p>Breno J.Loebens</p> <p>Iliane Kohler</p> <p>Luciane dos Santos Schimidt</p>	<p>Antônio Cristina Davi David Félix Maurilio Morgana Olinda Rosalvo Sandra Valdir</p>	<p>Associação de Moradores do bairro Promorar II – Itajaí/SC</p>
29.09.01	<p>2ª Etapa</p> <p>*Continuação da temática como vivemos em sociedade hoje; *Dinâmica da linha de produção.</p>	<p>Breno J. Loebens</p> <p>Luciane dos Santos Schimidt</p>	<p>Alda Antônio Carlito Cristina Davi David Félix Idalina Márcio MariaGoreti Maurílio Morgana Olinda Paulo Rosangela Rosemeri Sandra Salette Tânia Valdir</p>	<p>Associação de Moradores do bairro Promorar II – Itajaí/SC</p>



20.10.01	2ª e 3ª Etapas *Conclusão do conteúdo como vivemos em sociedade hoje; *Introdução à temática: Sócio-ambiental	Breno J. Loebens  Marisa Rollim Moura	Carlito David Félix Olinda Sueli Valdir Zélia	Associação de Moradores do bairro Promorar II – Itajaí/SC
27.10.01	3ª Etapa *Conclusão da temática Sócio-ambiental; *Temática ser sujeito coletivo;	Clecí E. Albiero,  Marisa Rolim Moura  Ricardo Pinheiro Lima	Carlito Cristina Davi David Félix Olinda Santina Zélia	Associação de Moradores do bairro Promorar II – Itajaí/SC
10.11.01	3ª Etapa *Temática Participação Sociopolítica; *Temática Democratização das Relações Sociais;	Carlos Magno  Sirlândia Shappo	Carlito Davi Félix Maurílio Olinda	Associação de Moradores do bairro Promorar II – Itajaí/SC
17.11.01	3ª e 4ª Etapas *Temática: -Reuniões; -Ser dirigente Comunitário;	Luiz Carlos Chaves	Antônio Carlito Félix Idalina Maria Goretti Olinda Paulo Rosângela	Associação de Moradores do bairro Promorar II – Itajaí/SC

24.11.01	<p>4ª Etapa</p> <p>*Resgate das temáticas até então trabalhadas;</p> <p>*Conclusão das temáticas:</p> <p>-Gestão e representatividade sociocomunitária;</p> <p>-Campanhas sociocomunitárias;</p> <p>-Mobilização social;</p> <p>-Assembléias comunitárias;</p> <p>-Rádio comunitária;</p> <p>-Informativo;</p> <p>-Murais;</p> <p>-Festas; e-Associativismo</p>	<p>Luiz Carlos Chaves</p> <p>Luciane dos Santos Schimidt</p>	<p>Carlito Davi David Félix Idalina Maurílio Paulo Rosângela Zélia</p>	<p>Associação de Moradores do bairro Promorar II – Itajaí/SC</p>
01.12.01	<p>4ª Etapa</p> <p>Conclusão das Temáticas:</p> <p>-Redes sociais;</p> <p>-Representação nas Políticas Públicas;</p>	<p>Andréa Bento</p>	<p>Carlito Davi David Eugênio Félix Maurílio Olinda Rosângela</p>	<p>Associação de Moradores do bairro Promorar II – Itajaí/SC</p>
23.02.02	<p>4ª Etapa</p> <p>*Conclusão das Temáticas da letra (a);</p> <p>*Introdução às Temáticas da letra (b):</p> <p>-Estatuto da Criança e do Adolescente;</p> <p>-Leis: LOAS, SUS, Terceiro Setor, Sistema Único de Saúde.</p>	<p>Anadir Terezinha Schneider</p> <p>Luciane dos Santos Schimidt</p>	<p>Carlito Félix Idalina Olinda Rosângela Tânia Zélia</p>	<p>Associação de Moradores do bairro Promorar II – Itajaí/SC</p>

02.03.02	Conclusão das Temáticas da 4ª Etapa às letras (a e b), referenciando ainda: -Grupos de interesse; -Documentação; -Convênios; -Controle e Prestação de contas;	Iliane Kohler  Luciane dos Santos Schimidt	Carlito Félix Olinda Rosângela Zélia	Associação de Moradores do bairro Promorar II – Itajaí/SC
09.03.02	5ª Etapa * Avaliação e *Encaminhamentos.	Andréa Bento  Anadir Terezinha Schneider  Clecí E. Albiero  Iliane Kohler  Ricardo Pinheiro Lima  Luciane dos Santos Schimidt	Antônio Carlito Cristina Davi David Eugênio Félix Idalina Maurílio Olinda Rosângela	Associação de Moradores do bairro Promorar II – Itajaí/SC

Como se observou na tabela, a participação dos cursistas em cada encontro foi muito diversificada, principalmente, nos quatro primeiros encontros. Seguiu-se, após, com uma participação em média de oito agentes comunitários-cursistas a cada encontro.

Todo o processo de mobilização dos agentes comunitários-cursistas foi de responsabilidade da comissão local. Conforme já foi ressaltado, a mesma tinha a incumbência de estar convidando e interpretando para os agentes sociocomunitários o Projeto de Formação Política. A mobilização social visa à

construção de uma participação tanto ética como operacional, e que Bravo a define:

Como princípio operacional, a participação contribui para incentivar e motivar indivíduos no engajamento comunitário. No nível ético, a participação pode ser entendida como o direito que têm as pessoas de se envolver, de se engajar nas questões que lhes dizem respeito. Portanto, qualquer projeto de comunidade, por objetivar a melhoria da qualidade de vida, deve envolver o homem como ser participante e responsável pelo seu progresso pessoal e social. (BRAVO: 1983, p. 89).

A comissão local organizou e buscou executar o planejamento do Projeto. (ver anexo nº 2 do Projeto de Formação)

A seguir se pontuará como se deu o caminho com o grupo de educadores, bem como o desenvolvimento dos conteúdos em cada módulo do curso e as dinâmicas realizadas.

### **2.3 Caminhos com o grupo de educadores**

O Projeto Assessoria/Formação Política sustenta-se metodologicamente no fazer e refletir coletivos. Ganha assim, presença e exigência, a participação dos sujeitos aqui denominados de educadores(as) envolvidos(as) nas ações didático-pedagógicas do subprojeto em análise no contexto do presente trabalho.

O grupo de educadores foi formado pelas seguintes pessoas:

Iliane Kohler; Simone Matos Machado; Luciane dos Santos Schmidt; Andréa Bento; Breno José Loebens; Sirlândia Schappo; Carlos Magno Nunes; Cleci Eliza Albiero; Luiz Carlos Chaves; Anadir Terezinha Schneider; Ricardo Pinheiro; Marisa Rolim de Moura.

Cada pessoa convidada trouxe em comum nas suas diferentes formações profissionais uma identidade com a educação popular, como estratégia que participa do delineamento e execução da transformação social de realidades que promovem a exclusão social, e como um espaço de relação humana onde o ato de educar e ser educado, transforma o ser dos sujeitos

implicados.

*Em reuniões, ora semanais, ora quinzenais, ao longo do período de realização do curso em Itajaí (15 de setembro de 2001 a 09 de março de 2002), os membros do grupo discutiram os conteúdos temáticos de cada etapa, as estratégias didáticas, material didático de apoio, bibliografias, e principalmente, a experiência que o grupo estava acumulando na área de educação popular. Cada participante, ao expressar-se sobre a temática com a qual se identificava para ministrar, participou da construção do curso de formação, ao trocar saberes sobre os desafios didáticos-pedagógicos no contexto da educação popular, principalmente no que se refere à delimitação dos conteúdos, adequação da linguagem, entre outros.*

*Os encontros com os educadores lograram êxito no que se refere à articulação dos conteúdos a serem ministrados, análise dos avanços e dificuldades, intercâmbio de materiais bibliográficos, proposições de procedimentos didáticos-participativos e o cultivo de vínculos de trabalhos solidários e cooperativos.*

*Avalia-se que os avanços pela formulação de uma política de formação de agentes sociocomunitários foram incipientes. Não foi possível formar um grupo de educadores para ir além das questões didático-organizativas do curso. O envolvimento dos educadores com outras atividades criaram impedimentos para estes participarem de um processo de criação e de delineamento de uma política de formação com base nas acumulações político-pedagógicas oportunizadas no curso em etapa.*

*No âmbito do NESSOP pretende-se contribuir na direção de uma política de formação, por entender ser uma prática social com atribuições pela realização de um processo de ensino-aprendizagem que privilegia a presença, o diálogo, as ações no coletivo, a vida real dos sujeitos, a história, o polítocultural, e o sócio-ecológico, em especial sua concepção, a partir do movimento sociocomunitário e popular.*

*O serviço social ao articular e coordenar as ações do grupo de educadores fomentou as relações socioparticipativas dos seus componentes, fortaleceu um espaço decisório no coletivo e acolheu os limites que o projeto se*

deparou face ao delineamento de uma política de formação de agentes sociocomunitários e populares.

Ao longo da trajetória percebeu-se ser primordial a assessoria do Assistente Social ao facilitar a problematização da experiência e a livre expressão de cada participante das suas contribuições, ao projeto e sua auto-avaliação em face da experiência vivenciada.

Um dos pontos que sempre foram levantados nas avaliações finais de cada encontro foram as formas com que cada educador trabalhou. Alguns educadores trouxeram para as reuniões que a formalidade usada na linguagem de alguns encontros dificultou o processo de compreensão pelo grau de escolaridade de alguns cursistas ser insuficiente.

Muitas dessas pontuações foram importantes para que o projeto tivesse uma continuação, pois cada colocação feita fez refletir e avaliar o andamento do curso no Município de Itajaí, SC.

No item a seguir se pontuará como se deu o desenvolvimento dos conteúdos em cada módulo do curso, bem como as dinâmicas realizadas.

## **2.4 O desenvolvimento do conteúdo**

O conteúdo programático definido para o projeto em tela, foi construído em conjunto com entidades comunitárias do Sapé e do COMOSG (Conselho de Moradores do Saco Grande) e membros do NESSOP.

Este projeto está dividido em cinco etapas.

Na Primeira Etapa – “Quem Somos?” –, houve a apresentação do Projeto de Formação, ministrado pela educadora Simone, que ao longo de sua aula foi fazendo uma síntese do processo de formação política no âmbito dos movimentos sociais, apresentando também o projeto de formação no qual estavam se engajando. No debate referente ao conteúdo do curso, cada cursista deu sua contribuição à inclusão de temáticas, tais como: estratégias de trabalho e de mobilização social; alternativas de mobilização não dependente do poder público; construção de parcerias; focar na questão do

meio ambiente: coleta seletiva de lixo, saneamento básico, desratização; questões partidárias x trabalhos comunitários. Todas essas pontuações foram levadas à reunião semanal do grupo de educadores que observou a importância de cada temática.

No segundo encontro, a educadora Iliane fez a revisão da temática – "Quem Somos?". Na oportunidade convidou cada cursista a se apresentar para os demais, dizendo o nome, como gosta de ser chamado, onde nasceu, ano de nascimento, no que trabalha, onde mora, seu envolvimento com lutas no movimento sociocomunitário, e um objeto de uso pessoal importante na sua vida. A vivência oportunizou a cada participante revelar um tanto da sua história pessoal e comunitária, e que foi sistematizada no caderno confeccionado pelas estagiárias do NESSOP e entregue a cada cursista (ver anexo nº 3 do Caderno Memorial nº 1 da Etapa "Quem Somos"). Neste mesmo encontro, os educadores Breno e Luciane, deram a introdução à Segunda Etapa do Projeto – "Como Vivemos em Sociedade Hoje?". A educadora Luciane introduziu essa temática com a dinâmica dos "Cegos e Amarrados". Esta tem por objetivo a conscientização sociopolítica acerca das diferentes classes sociais e grupos de poder existentes na sociedade capitalista brasileira. A seguir, o educador Breno fez a introdução sobre o sistema econômico-capitalista e deu encaminhamento para o próximo encontro.

No terceiro encontro a educadora Luciane introduziu a aula, aplicando a dinâmica da "Linha de Produção". Esta dinâmica foi feita com barquinhos de papel, e teve como objetivo o entendimento do processo de uma linha de produção de uma indústria num construir no coletivo. Assim que foi feita a discussão da dinâmica, foi distribuída uma apostila por ela confeccionada a todos os cursistas (ver anexo da apostila nº 4), sendo lida no grupo para que as dúvidas que surgissem fossem sanadas naquele momento. Logo após, o educador Breno deu continuidade ao conteúdo por ele introduzido no segundo encontro. Ele explicou em forma de transparência a trajetória histórica do trabalho, desde a época do feudalismo até os dias atuais, construindo um debate muito positivo para a compreensão do movimento sociocomunitário, na sua relação com a sociedade.

Já no quarto encontro, o educador Breno contemplou a temática – "Trabalho e Tecnologia". Foi frisado pelo educador que a temática – "Como Funciona a Sociedade Hoje" – tem uma relação direta com as pessoas, com os trabalhadores, pois é através da compreensão das relações sociais no mundo capitalista globalizado que se pode perceber a forma como os homens se relacionam, como produzem sua vida, como se reproduzem enquanto assalariados, e como reproduzem esse sistema capitalista (ver apostila do educador, no anexo nº 5). Foi nesse encontro que a educadora Mariza deu introdução à Terceira Etapa do Projeto com a temática – "Consciência Socio-crítica e Realidade Social - trabalhando a temática – Sócio-ambiental". Ela iniciou o curso solicitando aos cursistas que redigissem em uma folha de papel uma palavra que expressasse o que vem a ser *meio*. Concluída a tarefa, os cursistas fizeram a leitura das palavras e a educadora trabalhou a temática de forma participativa, fortalecendo a compreensão que a sociedade precisa construir uma consciência de preservação e não de destruição. A educadora concluirá o tema no próximo encontro.

No quinto encontro a educadora Mariza deu continuação ao conteúdo "Sócio-ambiental", construindo no início da aula uma discussão com os cursistas sobre a força que estes têm, enquanto lideranças sociocomunitárias, sustentando a afirmação de que através do movimento sociocomunitário poderemos promover a interação entre a sociedade e o ambiente, possibilitando com isso um trabalho de conscientização em relação à coleta de lixo, a rede de esgoto etc., trazendo à tona a compreensão da união dos fatores físicos, biológicos e econômicos. Na realização desta temática, participou o educador Ricardo que se centrou na explicação sobre a utilização dos recursos naturais pelos seres humanos. Ainda no mesmo dia, após a pausa para o lanche, a educadora Cleci introduziu mais um conteúdo da Terceira Etapa – "Ser Sujeito Coletivo". Inicialmente a educadora distribuiu um texto (ver anexo nº 6) sobre esse conteúdo, fazendo logo após a dinâmica de "Representação da Comunidade onde Mora". O grupo foi dividido em dois, e cada um demonstrou através de desenhos e colagens em um cartaz, a sua comunidade. Esta dinâmica tinha por objetivo identificar a realidade



socioeconômica cultural e política de cada grupo. Foi feita a discussão do texto e da dinâmica, possibilitando se expressar qual a situação que sua comunidade se encontra.

Ainda completando os conteúdos da Terceira Etapa, a educadora Sirlândia deu início ao sexto encontro com a temática – "Democratização das Relações Sociais". Ela propôs que, em dupla, os cursistas se reunissem para a realização da dinâmica – "Saber Ouvir". Pretende-se despertar com essa dinâmica as várias dimensões da subjetividade de cada sujeito, enquanto líderes comunitários, pontuando a importância de saber escutar o outro, colocando para a realidade como é importante no trabalho coletivo escutar as bases e todos os membros da comunidade, e, principalmente, no movimento *sociocomunitário se avalia que os seus dirigentes somente poderão entender a realidade se conviverem com a sua área de abrangência da organização que representam, ouvindo e escutando as pessoas que ali residem*. Em seguida a educadora distribuiu e explicou um texto (ver anexo nº 7). Com a conclusão desta temática, o educador Carlos fez introdução à temática da Terceira Etapa – "Participação Sociopolítica". Solicitou que, em uma folha de papel, os cursistas descrevessem o porquê é importante participar. No debate em grupo cada cursista pôde socializar sua contribuição. Em seguida, o educador demonstrou na forma de álbum-seriado os processos de controle existentes na sociedade sobre as tomadas de decisão, os vários níveis de participação nos variados segmentos sociais. Com o desenrolar dos comentários feitos no debate final, foi frisada a importância para que os cursistas incluam e vivenciem as temáticas da democracia e da participação sociopolítica na relação com os demais conteúdos a serem ministrados, como um exercício que fortalece a convivência com as diferenças e a autonomia.

O educador Luiz deu introdução às temáticas da Quarta Etapa do projeto neste sétimo encontro. Entre elas está a "Gestão e Representatividade Sociocomunitária; mobilização social; reuniões; campanhas sociocomunitárias; informativo e documentação", iniciando com a dinâmica – "Da reunião". Teve por objetivo, analisar através da observação sociológica, as características individuais dos dirigentes sociocomunitários, e com essa observação pode-se

caracterizar o grupo em suas relações de força e poder. Depois o educador distribuiu o texto – "O que é ser dirigente comunitário" (ver anexo do texto nº 8) e comentou que o texto é um pequeno fio condutor para inspirar a prática sociopolítica dos cursistas.

Ainda dando continuação aos conteúdos da Quarta Etapa, já no oitavo encontro, o educador Luiz fez o resgate da aula anterior, fazendo a complementação de mais alguns conteúdos temáticos desta Etapa tais como: "Relações Associativas na Comunidade; Representação nas Políticas Públicas, englobando o conteúdo Participação Coletiva". Este iniciou a aula com a explicação sobre a representação dos agentes comunitários nos Conselhos de Direito e nas Políticas Públicas, salientando que é primordial a participação para poderem se interar dos acontecimentos ocorridos na sua cidade e no seu bairro. Completou falando que a representatividade sociocomunitária como a realizada pela UNAMI é uma forma articulada na busca do atendimento das reivindicações de acesso a direitos garantidos pela Constituição Federal que cabe ao poder público local desenvolver. Logo após, a educadora Luciane fez a complementação dos conteúdos temáticos da Quarta Etapa, tais como: "Rádio Comunitária; Murais; Festas (tradição, história, folclore) e Assembléias Comunitárias. Neste encontro os cursistas debateram sobre os conteúdos, até então ministrados sobre as mudanças no cronograma do curso, e estes sentiram a necessidade de estar articulando uma nova data de finalização, já que este se estenderia até a segunda quinzena de dezembro de 2001. Os cursistas mencionaram que se encontravam sobrecarregados com muitas atividades de final do ano em suas comunidades. Após debaterem uma nova proposta foi definido dar conclusão ao curso na segunda quinzena de fevereiro de 2002. Esta decisão foi levada ao NESSOP pela comissão local na reunião dos educadores e acolhida face aos motivos expostos".

Já no nono encontro e último de 2001, a educadora Andréa trabalhou uma das temáticas da Quarta Etapa – "Redes Sociais e Representação nas Políticas Públicas". Iniciou a aula com a dinâmica: "Redes Sociais", que consiste cada cursista expressar em uma palavra o que vem a ser rede, ao

fazer com barbante um emaranhado de linhas e assim descobrindo através das contribuições dos cursistas o que vem a ser rede. Com a contribuição de cada um formou-se uma definição de Redes Sociais que, para os cursistas, pôde ser entendida como:

Uma união entre as comunidades, paróquias, órgãos governamentais e não governamentais, e setor privado, comprometidas e motivadas em resgatar os interesses sociais de forma coletiva (Grupo de Cursistas do Projeto de Formação Política/ Nessop: 2002).

Ainda neste encontro foi trabalhado sobre a temática - Políticas Públicas, e o Terceiro Setor na relação com a organização sociocomunitária e outras formas de sociedade civil organizada. Voltou-se a retomar a discussão sobre a mudança do cronograma. Andréa colocou que na reunião dos educadores, comissão local e NESSOP, os três últimos encontros serão realizados após a segunda quinzena de fevereiro de 2002, já que os integrantes desse grupo solicitaram a mudança, devido ao acúmulo de atividades de fim de ano na associação da qual fazem parte.

No ano de 2002, mais especificamente, no dia vinte e três de fevereiro, as educadoras Luciane e Anadir retomaram o projeto e os conteúdos da Quarta Etapa sobre as Leis do "Terceiro Setor, Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e Sistema Único de Saúde (SUS)". Neste encontro as educadoras distribuíram cartilhas e explicaram com o apoio de álbum-seriado cada uma dessas temáticas, motivando os cursistas para no debate apropriarem-se de uma compreensão inicial de tão importante conteúdo: a qualificação da presença no movimento sociocomunitário e de suas representações no contexto das Políticas Públicas, e nas suas lutas pela conquista e ampliação da cidadania participativa e emancipatória.

Complementando alguns pontos sobre o ECA que ficaram pendentes no último encontro, a educadora Luciane retomou essa temática da Quarta Etapa do Projeto de Formação Política, já agora no décimo primeiro encontro. Ela coloca que o Estatuto da Criança e do Adolescente deve ser conhecido. O conjunto de suas leis garante os direitos das crianças e adolescentes menores

de dezoito anos, definindo os deveres dos pais e da esfera pública. Segundo a educadora é importante para o movimento sociocomunitário estar conhecendo esse conjunto de leis, pois possibilita o entendimento dos direitos humanos e sociais que no dia-a-dia do bairro, cidade e país são desregulamentados e/ou não-cumpridos. Ainda neste encontro a educadora Iliane introduziu as temáticas que configuram a Quarta Etapa, entre elas estão: "Grupos de Interesse; Documentação; Convênios; Controle e Prestação de Contas; e, a Lei que rege o Estatuto da Cidade". Inicialmente, a educadora entregou aos presentes um resumo xerocado da nova lei (Lei Federal nº 10.257, de 10/07/2001), o Estatuto da Cidade, privilegiou esta questão, pois para o movimento sociocomunitário é importante conhecê-la por possibilitar a efetiva participação dos habitantes de uma cidade na definição do seu desenvolvimento local. Ela coloca que o Estatuto garante a elaboração participativa do plano-diretor, principal instrumento de planejamento da vida na cidade. O debate sobre o tema foi produtivo, já que alguns cursistas participaram do I Fórum da Cidade – olhar do movimento sociocomunitário, realizado nos dias cinco e seis de outubro de 2001, no Município de Florianópolis, SC. No fim da aula a educadora deixou algumas cartilhas, livros, e apostilas com os cursistas para que tenham um pequeno acervo bibliográfico que lhes possibilite pesquisar e aprofundar temáticas estudadas ao longo do curso.

Na Quinta Etapa e a última do Projeto, a temática desenvolvida foi – "Avaliação e Encaminhamentos". Este encontro teve a participação de vários educadores, entre eles, Andréa; Anadir; Cleci; Iliane; Ricardo e Luciane. Os cursistas foram convidados a participarem de uma dinâmica que objetivou construir um cartaz, respondendo a seguinte pergunta: "O que significou esse curso para você?". Cada um dos cursistas fez o seu, trabalhando com uma folha de papel pardo, giz de cera, caneta hidrocor e colagem. E, em grande grupo, eles fizeram a apresentação. Todos os cartazes confeccionados e os depoimentos foram muito interessantes, revelando os pontos essenciais do processo de aprendizagem vivenciado por cada cursista, e que se pontuará abaixo:

Maurílio Morães:

"O curso para mim na verdade me abriu a visão muito na parte de comunidade. Eu não tinha essa outra visão de que vai nascendo, nascendo, igual a um rio de água e vai se formando um rio e depois esse rio vai para o mar e, é nesse sentido que a gente consegue, é só tentar, lutar, ir se envolvendo na comunidade que a gente consegue. Então gente, isso para mim foi uma experiência muito grande, eu não tinha essa visão de comunidade, de como trabalhar. E, muitas vezes eu tinha o pensamento de que trabalhar com comunidade, era tudo muito rápido, e não era assim. Entendeu, e muitas vezes o que via que foi rápido, era daquele momento, mas não, vinha sendo feito a muito tempo um trabalho de comunidade, pois eu não tinha esse pensamento. Eu agradeço às pessoas que estão aqui, eu fiz o cartaz na forma de um diploma e entrego para as pessoas que vieram aqui para dar esse curso é uma forma de agradecimento. Muito obrigado."

Olinda Idelbrando de Oliveira:

"Este curso para mim como representante do meu bairro foi de muito valor, pois com o curso eu aprendi muito, agora posso passar o que eu aprendi para as pessoas que me rodeiam. Eu acho que aproveitei todos os dias. Tenho muito a agradecer os educadores por esta força. Este curso foi uma caminhada para o aprendizado estar escrevendo o que o coração sente. Hoje mais do que nunca estou feliz por poder começar e terminar esse curso junto com todos estes amigos cursistas e educadores. Obrigado por me ensinar como ser um dirigente comunitário, como entrar e sair de um problema. Obrigado que Deus abençoe a todos".

Idalina Maria Mello:

"Fez um cartaz que dizia: Entrei no curso assim, pensativa, duvidosa, depois estudamos, vimos a realidade, nós divertimos, e saio assim, otimista e animada. Eu realmente saí daqui do curso muito feliz, sinto por ter faltado algumas vezes. O educador Luiz foi um dos mais importantes neste curso, pois ele trabalhou muito a questão do dia-a-dia. Como nós aprendemos, como a gente cresceu. Foi muito bom esse curso, não vou esquecer."

Félix Antônio de Freitas:

"Sem união - nem tanto eu, nem quanto vocês - se consegue nada. Eu agradeço por estar participando desse evento, desculpa algum incômodo. Quando tiver um outro projeto dessa natureza pode contar comigo. E quem estiver presente precisando de meu apoio, minha ajuda, pode contar comigo. Sem união nem tanto vocês nem eu teremos vitória nenhuma, pois como o cartaz diz", só através de união que se consegue as grandes vitórias". Obrigado."

David Fernando Rodrigues:

"Para mim pelo pouco é que se aprende muito. E dentro de vários assuntos que aqui trabalhados foram destaque, e como eu trabalho na área do meio ambiente, a palestra que foi falada sobre o meio ambiente, me preocupou porque hoje as pessoas não têm muito esclarecimento sobre esses pontos. O governo precisa dar mais esclarecimento a parte social. A natureza é destruída e o governo pouco se importa. Todos falam, mas no final deixam para amanhã a parte social. Falam, falam e não cumprem a promessa. Então é isso, muito obrigado".

Rosângela Darugna:

"O cartaz que esta cursista fez dizia: "Não entre pelo cano, faça sua voz estar em todos os lugares, aceite o desafio. Eu acho que através do curso temos a proposta de lutar pelos desafios aí propostos. Temos mais esclarecimento e clareza das coisas, quem quiser lutar com a gente estamos aqui, obrigado por todos que trabalharam conosco pelo desafio, pelo companheirismo, amizade, e dedicação. Estamos aí para o que precisar."

Carlito Lauro Pereira:

"Eu primeiro quero agradecer os professores (educadores) que deram essa luz para nós, e depois quero mostrar no cartaz, pois acho que foi a luz que vocês vieram trazer lá de Florianópolis para nós e principalmente para mim. Eu era um ignorante e de repente uma luzinha dessa me abriu a conhecer o que não se sabe e o que não se conhece. Eu queria

agradecer a todo mundo, aos meus colegas tudo o que tenho a dizer: é obrigado”.

Eugênio:

“A promoção de políticas públicas é primordial para conseguirmos os trabalhos com a comunidade. Com cidadania, integração com a sociedade através do conhecimento se pode ter mais conscientização da população e, esse curso me trouxe muitos esclarecimentos. *Obrigado*”.

Antônio Orací Ribeiro de Mello (Toninho):

“A minha idéia inicial sobre esse curso é que ele fosse trazer a construção do conhecimento no coletivo, no nível da UNAMI - União das Associações de Moradores de Itajaí. E desde que foi fundada a UNAMI, sempre tivemos esse desafio fazendo com que as Associações cumpram seu papel e até hoje isto está como desafio. Temos hoje mais de 30 Associações de Moradores e na hora de atuar ficamos com 20% desse atendimento, e para nós é um desafio. Meu cartaz tenta mostrar a importância de construirmos esse processo. Na base do curso contamos com a participação do NESSOP para sustentar essa base, para começar a pegar essas pessoas que estão nessas associações, de uma certa forma revoltadas e desanimadas. Sem saber onde recorrer se revoltam. Que as nossas Associações não fiquem mais soltas, jogadas cada uma fazendo da sua maneira. Pensamos na construção coletiva para a melhoria das condições de vida da população de Itajaí e a importância do NESSOP nesse momento foi como uma base para nós, contamos que essa base se efetive em outros momentos. E, enquanto pessoa esse curso me ajudou a reforçar a idéia de que se acreditamos em uma sociedade que pensamos em construir, pode virar realidade. Nós da UNAMI sabíamos que o que vocês estavam passando era o que nós tínhamos como desejo que seja de construir no coletivo. Foi muito importante essa participação de todos vocês aqui no curso, e a gente tem o desejo de estar construindo sempre em conjunto, eu agradeço por estar aqui fazendo parte desse projeto com esse grupo.”

Houve o um momento de confraternização entre os presentes para celebrarem o encerramento do curso e expressarem sua alegria pelos vínculos de companheirismo que envolveu ao longo dos doze encontros, e que ficaram mais fortalecidos pelo conhecimento conquistado. O Projeto de Formação Política do NESSOP/DSS/UFSC foi de uma experiência que oportunizou socializar conhecimentos e fomentar uma prática sociopolítica no movimento sociocomunitário e popular, comprometida com o saber, com a crítica, com a história, com a solidariedade, e com uma cidadania ativa. Ao término de cada um dos encontros realizados, os cursistas foram convidados a escreverem uma palavra numa “fruta de papel” e colocá-la na árvore, “significando cada encontro”.



## Legenda

1º

**Primeiro Encontro**

2º

**Segundo Encontro**

3º

**Terceiro Encontro**

4º

**Quarto Encontro**

5º

**Quinto Encontro**

6º

**Sexto Encontro**

7º

**Sétimo Encontro**

8º

**Oitavo Encontro**

9º

**Nono Encontro**

10º

**Décimo Encontro**

11º

**Décimo Primeiro Encontro**

12º

**Décimo Segundo Encontro**



### CAPÍTULO III

## SIGNIFICANDO A EXPERIÊNCIA VIVENCIADA: UM OLHAR À COMISSÃO LOCAL, AOS CURSISTAS E AOS EDUCADORES NA PERSPECTIVA DO SERVIÇO SOCIAL.

Neste Capítulo passaremos a apresentar os resultados de uma pesquisa realizada junto ao grupo de cursistas, educadores e comissão local. A pesquisa é uma ferramenta fundamental no exercício da profissão do Assistente social para conhecer e analisar as conquistas e as dificuldades contraditoriamente vivenciadas pelos sujeitos envolvidos.

### 3.1 A metodologia da pesquisa

A palavra metodologia é derivada do grego - método (methodo) e logia (logos); método significa organização; logia quer dizer estudo sistemático, e pesquisa, por sua vez, significa investigação. E, segundo Barbosa Filho (1980: p.12):

"A metodologia de pesquisa, é, portanto, o estudo ou investigação sistemática; é um meio racional de obtenção do conhecimento".

Assim entendida, a pesquisa poderá se dar em qualquer aspecto da natureza e da sociedade, desde os grandes problemas aos mais triviais.

A pesquisa se firmou na educação política, na relação com o movimento sociocomunitário no projeto Assessoria/NESSOP/DSS/UFSC como subprojeto de Formação Política, mais, precisamente, com aqueles sujeitos que envolvidos diretamente no projeto, construíram características próprias para que esta se firmasse desde os educadores populares, comissão local e grupo de cursistas representados pelas lideranças comunitárias participantes.

Ciente que o profissional de Serviço Social, se configura e se recria no âmbito das relações entre o Estado e sociedade civil, no passar dos tempos a interpretação teórico-metodológica e política desta, foi-se adequando a uma formação acadêmica no campo profissional com sua dimensão ética, efetivada no Código de Ética do Assistente Social.

Este trabalho de Formação Política desenvolvido pelo NESSOP/DSS/UFSC teve a assessoria direta das Assistentes Sociais, coordenadoras do NESSOP. Estas profissionais estiveram diretamente *contribuindo com a construção desse projeto, realizando estudos e discussões*, no intuito de poder direcionar suas ações junto às múltiplas refrações da questão social, com métodos, técnicas e referenciais ético-políticos, específicos ao seu exercício profissional.

Neste caso, *a pesquisa realizada com os sujeitos que diretamente contribuíram para que o Projeto de Formação Política se concretizasse*, envolveria a atuação do Assistente Social, mediando o diálogo com os diferentes sujeitos sociais envolvidos.

A partir de uma formação teórico-técnica e ético-política, o que difere as atividades privativas do Assistente Social de outros profissionais é sua qualificação, enquanto matéria, área e unidade de Serviço Social, que segundo Iamamoto:

*A matéria diz respeito à substância ou objeto de assunto sobre o que particularmente se exerce a força de um agente, a área refere-se ao campo delimitado ou âmbito de atuação do assistente social, e em síntese a unidade de Serviço Social pode ser interpretada como o conjunto de profissionais de uma unidade de trabalho.(IAMAMOTO: 2002, p.18).*

O Serviço Social neste projeto reafirmou a sua proposta profissional, promovendo um trabalho que caminhou na direção de sustentar espaços, onde o conhecimento socializado com os agentes sociocomunitários, buscou oportunizar a formação de consciências críticas habilitadas a participar da construção de mudanças positivas e significativas à vida sócio-humana e ecológica do bairro e da cidade da qual fazem parte.

Assim, pontuaremos a seguir alguns referenciais e procedimentos que orientaram a presente pesquisa.

O tipo de pesquisa realizado foi a qualitativa que, segundo Lisboa:

*Trabalha com o universo de significados, representações, crenças, valores, atitudes, aprofundado um lado não perceptível das relações sociais e compreensão da realidade humana vivida socialmente.(LISBOA: 2001).*

O universo pesquisado foi composto pelos sujeitos que diretamente contribuíram para a efetiva concretização do projeto de Formação Política/ Itajaí, SC/ NESSOP.

O grupo inicial de cursistas foi formado por vinte e oito representantes do movimento sociocomunitário. Destes, aproximadamente quinze participaram dos encontros, e nove vieram a concluí-lo. Fez parte desta pesquisa os oito cursistas concluintes. A pesquisa foi realizada também com oito dos doze educadores e com quatro dos cinco membros da comissão local. Este universo de sujeitos protagonizaram os principais momentos do Projeto de Formação Política para Agentes do Movimento Sociocomunitário Popular – Construindo Cidadania em Itajaí, SC.

O instrumento de coletas de dados utilizado foi a entrevista.

Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes. (SELLTIZ: 1967, p. 273)

Adotamos a entrevista semi-estruturada "que combina perguntas fechadas (ou estruturadas), e abertas onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer o tema proposto sem resposta ou condições prefixadas pelo pesquisador" (MINAYO: 1993,p.108). As perguntas abertas podem aprofundar o contato entre o entrevistador e o entrevistado(a), permitindo ao entrevistado (a) amplas possibilidades de colocar à tona suas concepções, opiniões, pensamentos, e as perguntas fechadas são restritas e limitam-se a uma resposta específica e a fatos objetivos.

Em resumo, a primeira pode abrir totalmente a porta para um bom relacionamento; a segunda, geralmente a mantém fechada. É bastante fácil diferenciar a pergunta ampla da pergunta limitada. (BENJAMIN: 1988, p. 94).

Objetivou-se com a presente investigação conhecer o significado da experiência para cada sujeito envolvido. Obter através deste, contribuições que possibilitarão análises críticas sobre a assessoria do Serviço Social/Extensão

Universitária na área da formação sociocomunitária e popular, em face das atuais repercussões que cada sujeito envolvido reflete estar vivenciando na atualidade. As entrevistas foram realizadas quatro meses após a conclusão do curso, isso é, ao longo do mês de julho de 2002.

### **3.2 Aplicação das entrevistas:**

Serão apresentadas na seqüência as entrevistas de cada membro da comissão local, dos cursistas e dos educadores, seguindo a ordem das perguntas formuladas por ocasião da sua realização. Reencontrar com cada membro do Projeto de Formação Política foi uma experiência humana e preciosa. Oportunizou conhecer como estão seguindo, após a experiência junto ao projeto, e como estão envolvidos nas ações do movimento sociocomunitário.

#### **3.2.1 Com a comissão local**

A descrição a seguir se refere às entrevistas realizadas com os participantes da comissão local, que tinha como integrantes as Assistentes Sociais Andréa Bento e Anadir T. Schneider, e os representantes do movimento sociocomunitário, Antônio O. R. de Melo, Olinda I. de Oliveira e Maurílio Morães.

1) Você entende ser importante uma comissão local participar da equipe de elaboração do Projeto de Formação Política desde a construção dos conteúdos, metodologia, formação do grupo de cursistas, definição dos educadores e a infra-estrutura de apoio material e financeiro?

**Anadir** – “Acho importante no momento que a gente escolhe, que o NESSOP escolhe as pessoas que vão fazer parte dessa comissão... até eu vejo assim

oh! Como aqui é distante e tu sabes que não é viável as pessoas, às vezes saírem daqui pra lá. Então poderia arrumar um lugar aqui para vir discutir esse problema aqui em Itajaí, até para incentivar mais as pessoas. Tu sabes como é difícil as pessoas irem até Florianópolis. Então eu penso, é importante, é claro que é importante. Então eu penso: vamos chamar essa comissão junto com o pessoal do NESSOP para ver o que é que eles acham necessário? É muito importante discutir o conteúdo também com o pessoal da comissão, porque o pessoal da comissão conhece cada bairro, cada pessoa que trabalha na associação, então eu vejo que é muito importante trabalhar isso.”

**Andréa** – “Sem dúvida. Porque está envolvendo a comissão local para estar definindo conteúdo, metodologia, tudo isso é super importante, eles sabem o que eles precisam, e cada realidade, cada comunidade têm as suas expectativas, têm aquilo que eles estão querendo aprender, conhecer. É importante a gente poder está definindo com eles, para a gente não estar indo com uma coisa pronta e que de repente não vai corresponder o(a) que eles (as) estavam esperando. É superimportante estar envolvendo, é o primeiro passo envolver a comissão para estar definindo qual, que tipo de curso, e qual a direção que ele vai tomar. Acho muito importante essa comissão, desde a sua formação, até a definição de todo processo que a envolve.”

**Maurílio** – “Sim. É muito importante porque na realidade esta equipe de apoio sabe da realidade no local para que possa estipular as normas, por exemplo, as matérias, ou os conteúdos e qual a necessidade principal daquele local. As realidades são diferentes de uma cidade para outra, então nós temos que saber a situação e a realidade daquela região para que o curso possa ser aplicado e quais as maiores necessidades”.

**Olinda** – “A comissão é importante, só que é importante para as pessoas darem sua opinião, falar. Trabalhar esse curso com parceria com a comissão têm pessoas que, às vezes atrasam o andamento do curso, e eu acho que as pessoas que vieram dar esse curso são pessoas capacitadas, são ótimas, maravilhosas, na minha opinião deveria deixar nas mãos deles mesmo.”

**Toninho** – Eu acho muito importante uma comissão como essa porque ela ajuda muito na forma como serão dados os conteúdos, já que existem

membros das comunidades fazendo parte desse grupo. Sobre os conteúdos não sei se tivemos uma participação muito grande, já que a gente não se reuniu muitas vezes com o NESSOP. A única a se deslocar mais vezes para as reuniões foi a Andréa, já que ela morava em Florianópolis. Eu acho que a comissão local é importante porque ela foi um gancho entre o NESSOP e o grupo que fez parte desse curso, pena que eu como membro dessa, não pude participar ativamente de todas as atividades. Enfim, acho que ela é muito importante neste processo.”

## 2) Sugestões para o NESSOP.

**Anadir** – “Eu vejo assim: esse projeto vocês deveriam tocar pra frente com umas mudanças que a gente sugeriu na época, colocar bem pra eles a definição de política social e partidária. Para as pessoas entenderem mais essas coisas, para as pessoas serem mais participativas e terem mais autonomia também, porque estamos ainda com a idéia de quem manda na nossa cidade são os vereadores, o prefeito, e a população nunca participa de nada, então isso é frustrante. Quando tu descobres que foi assinado um projeto de lei que tu nem sabias que ele estava no papel. Como é que fica a população? Então eu acho que a gente tem que começar a brigar por essa cidadania, acho que é um direito e nós como Assistentes Sociais devemos brigar por isso, e todo mundo tem que ver que nós temos direitos e que nós somos cidadãos. Então esse tipo de projeto é muito válido. Devagarzinho a gente vai chegando em todos os lugares, um exemplo disso é o nosso curso aqui. Eu gostaria que o NESSOP pensasse em voltar, e eu”. gostaria de fazer parte se caso vierem outros, e parabéns mais uma vez. Porque a gente se sente muito bem em ter um sr. Carlito que teve (fez) um passo muito grande, eu me sinto muito feliz em ouvir isso.”

**Andréa** – “Eu acho que para os próximos cursos que o NESSOP estiver interessado em estar conduzindo, precisaria estar definindo melhor. Como é que eu vou falar? Eu acho que os educadores, principalmente que eles estejam comprometidos, que eles participem mesmo ativamente de todo o processo. Que seja definido um grupo, que a coisa não fique tão solta, porque assim em

alguns momentos eu achei que a coisa ficou muito solta. Ao mesmo tempo, é importante a gente estar discutindo todo mundo junto a metodologia, o conteúdo. Acho que algumas coisas o pessoal do NESSOP, quem coordena esse curso, já tem que estipular antes. Tem que definir qual é a direção, quem são as pessoas que irão dar os conteúdos. Senão fica uma coisa muito solta e a gente viu que isso acabou não sendo legal. Por exemplo: tinha um educador que estava previsto para dar um conteúdo e acabou de uma hora para outra tendo que se reprogramar para dar um outro, então isso com certeza não é legal. Minha sugestão é nesse sentido: num próximo evento, as coisas possam estar mais definidas, direcionadas e que os educadores estejam mesmo comprometidos. Não seja é uma coisa solta "um dia eu vou outro dia eu não vou dar aquele conteúdo". Acaba atrapalhando toda aquela nossa dinâmica de estarmos avaliando, se reunir cai por terra porque acaba ficando uma coisa muito solta. O NESSOP deveria continuar com esse tipo de trabalho que é super interessante e importante. Principalmente com a comunidade que envolve todas as questões, envolve todas as áreas, acho que é nesse locus que a gente têm que trabalhar. Acho superimportante ter cursos dessa natureza."

**Maurílio** – “Eu acho que a comissão local deveria ter mais tempo para se reunir, devia ter sido mais estudado e depois estabelecido voltar, conversar: Vai ser assim, assim, fazer uma análise. Muitas vezes não é culpa da comissão, tem a ver com cada membro, então eu acho que deveria ser mais trabalhado”.

**Olinda** – “Eu não tenho nenhuma (sugestão). Eu falo para as pessoas que nunca se sabe tudo, a gente tem coisas para aprender, mas nesse momento eu acho que estava maravilhoso, estava ótimo, não tenho mais nada a acrescentar”.

**Toninho** – “Acho que já coloquei algumas sugestões anteriormente, penso que esse curso foi muito bom, acho que deveria ter muitos outros desta natureza. Eu só gostaria de pontuar que ao se formar outras comissões locais, se faça um trabalho mais articulado, mais reuniões para a gente discutir sobre o que se passa no curso. Acho que foi muito válido toda a participação e agradeço por

tudo. Obrigado.”

### 3.2.2 Com os cursistas

1) Como você ficou sabendo do curso?

**Carlito** – “Eu fui indicado pelo meu irmão que é presidente da associação, e como ele trabalha na plataforma ele fica quinze dias lá e quinze dias aqui, ele não pôde fazer o curso. Então ele me indicou, como diretor do departamento de esportes (da Associação de Moradores da Fazendinha) pra fazer o curso”.

**David** – “Eu fiquei sabendo através do nosso presidente da associação do bairro São João, e em uma das nossas reuniões ele colocou que estavam abertas essas inscrições, e que ia abrir esse curso”.

**Félix** – “Fiquei sabendo através da dona Olinda que apresentou à associação. Ela botou na mesa de reunião, e perguntou se eu queria participar, e eu achei que era muito interessante e daí eu fiz o curso”.

**Idalina** – “Através da Anadir, ela procurou a gente falando dessa possibilidade do curso e daí, se conversou para a UNAMI encaminhar junto esse curso para as associações de moradores. E eu fiquei a fim de participar”.

**Maurílio** – “Através da Cristina que era presidente, e também a Nara que trabalha comigo na CELESC, e ela também tinha uma ligação, não sei nem porque ela não participou do curso, mas foram as duas fontes de informação que tive”.

**Olinda** - “Eu fiquei sabendo pela Assistente Social Anadir e Andréia que foram as que trouxeram no início o nome desse curso pra gente. Eu achei que seria um curso bom, e a gente começou aí por elas, elas é que trouxeram pelo projeto PROSANEAR, e esse nome eu nunca mais vou esquecer.”

**Rosângela** - Através da associação de moradores do Cordeiros. A Idalina e o Toninho já tinham se envolvido com a associação de Cordeiros e a gente ficou sabendo através deles, e se inscreveu.”

**Toninho** – “O curso eu fiquei sabendo através de uma Assistente Social daqui de Itajaí, que me procurou e falou da possibilidade do curso, e aí a gente se



colocou a favor, porque a gente já vinha pensando em fazer esse curso, já tava até no nosso projeto um curso de formação, e aí apareceu o curso e podemos sentir que teve um resultado muito bom”.

Todos os encontros foram realizados aos sábados à tarde. Foi bom para você? Sim ou Não.

**Carlito** – “Pra mim foi excelente, foi excelente o horário. Apenas por eu ter que trabalhar em escala, eu me apertava porque têm dias que a escala coincide com o horário do curso. Mas eu sempre dei um jeitinho e falei bem pouco as aulas, e conclui o curso”.

**David** – “Por ser num sábado, último dia da semana, é as vezes cansativo. Mas o que a gente quer, tem que buscar, porque nada vem por acaso, e se a gente tem interesse e quer se atualizar, o sacrifício faz parte desse currículo, e a gente tem que trabalhar, se esforçar pra que isso venha trazer **conhecimento**. Há gente mais bem informada do que a gente, e uma idéia daqui, uma idéia dali, a gente pode procriar esse **conhecimento**.”

**Félix** – “Foi bom? Foi mais do que bom. Muito mais conhecimento. Eu estava assim parado no que era, e ele me abriu a mente do que era. É muito gratificante, mas também é muita responsabilidade pra gente saber o que faz, o que não faz. E esse curso me abriu 100% as portas do meu **conhecimento**. E pra mim foi bom aos sábados à tarde porque daí não me atrapalhou no meu trabalho do dia-a-dia, me deixou de corpo e alma no curso, sem me preocupar, por isso é que foi bom. Eu prestava atenção, participava com crítica, então eu pensava: vou fazer o curso e ninguém vai me atrapalhar, ficava despreocupado.”

**Idalina** – “Como eu comentei, e avaliei na época do curso, eu não acho assim que seja ruim aos sábados à tarde. A única coisa, assim, é que foram muitos sábados seguidos, e como ele era um curso um pouco longo ele ficou pesado. Então teve vezes que faltou muita gente, teve vezes que você tinha que faltar porque ele era muito longo, então ficou um pouco cansativo. Sexta-feira à noite também é um dia bom, mas foi legal mesmo assim”.

**Maurílio** – “Foi ótimo, eu acho que por mais que você tenha alguma coisa pra

fazer, é mais fácil você fazer as coisas quando você tem muitas coisas pra fazer, porque daí você se organiza, e aos sábados à tarde pra mim foi excelente, foi muito bom. Muitas vezes até faltei, uma, duas, ou três vezes, ah!, como doeu! Mais o melhor dia pra mim foi escolhido aos sábados à tarde”.

**Olinda** – “Foi ótimo, foi maravilhoso, porque esse dia é melhor porque a gente quase não tem atividades na associação, eu aprendi muita coisa que eu não sabia, aprendi a força que as associações têm, então foi tudo muito ótimo.”

**Rosângela** – “Foi legal, porque aos sábados à tarde é um dia que a gente não tem quase muito que fazer, então foi ótimo, foi muito bom. O horário também foi legal, apesar dos contratemplos, mas foi bom, foi legal.”

**Toninho** – “Pra mim ele não foi muito bom, porque daí eu não pude acompanhar bem, eu tive bastante falta por isso. Eu já tinha uma programação do ano, e muitos dos compromissos, eram aos sábados, então eu não pude acompanhar bem o curso, é difícil também conseguir essas brechas, porque quando tu programa isso pro início do ano é uma coisa e senão é ruim, atrapalha um pouco.”

## 2) Na sua opinião por que houve desistência?

**Carlito** – “No primeiro encontro eu não vim, eu faltei. Olha, até eu me surpreendi com as desistências, no caso do meu irmão é porque ele estava ocupado, estava trabalhando lá fora, agora pelo curso ser bom, eu achava que o pessoal deveria aderir, não é? Eu não sei o porquê. Eu acredito que deva ser falta de interesse não é? Falta de interesse assim por **conhecimento**, no meu ver, para mim foi importante por causa do **conhecimento**, de aprender, e se eles não vieram acredito que foi por falta de interesse de aprender, de ter **conhecimento**”.

**Davíd** – “Acho que por ser um sábado à tarde, geralmente as pessoas trabalham durante a semana, e muitos, às vezes, até trabalham de manhã. Ou talvez até tinham outras programações à tarde, e acharam um obstáculo e aí fizeram daquilo uma baita barreira. Comigo isso não aconteceu, mas já com os que desistiram, saíram no início perderam”.

**Félix** – “Eu acho assim: eu fiz a inscrição da matrícula, então eu sabia do que eu queria, e teve pessoas que fizeram e não era aquilo que elas pensaram que era. Não foi falta de vocês trazerem o curso, **conhecimento** do curso. É porque a pessoa fez por curiosidade e viu que não era aquilo que ela queria. Não que ficou faltando matéria, mas eu acho que ela viu que não era aquilo que era do interesse dela e se afastou”.

**Idalina** – “Eu acho que era por isso que eu te falei: o curso era longo, daí as pessoas começaram a ter compromisso, compromisso, compromisso, e para quem trabalha com comunidade sobra só os sábados e domingos, é difícil. E também coincidiu as desistências, bem na época do texto do Breno, não que o texto dele não fosse bom nesse sentido, mas foi muito alto, muito pesado para o grupo entender, e daí eu comecei a perceber que dali teve várias pessoas que não voltaram pro curso. Os que voltaram ganharam um monte, mas é uma pena que ficou pouca gente. Mas eu acho que todos os grupos, todas as coisas que a gente trabalha, existe um momento assim: o momento da apresentação, o momento da inclusão, o momento do controle, depois vem o da afetividade e o da despedida, eu acho que todos os grupos trabalham nessa onda. De chegada, se incluir, se sentir parte desse grupo, e logo em seguida vem essa parte do controle, quando ele ainda não tá se sentido parte mesmo, já que tem gente que demora mais pra se sentir incluído, tem gente que é mais... então vem a parte do controle: ai eu não sei se eu quero, não sei se a pessoa mesmo coloca barreiras. Então é nesse momento que existe sempre a desistência nos grupos, sempre. Hoje em dia se tem um estudo que em média de 30 a 40% em cada curso, em cada grupo desistem, daí se acontece alguma coisa naquele momento que força um pouquinho mais a desistência fica maior. Depois vem a afetividade que um se apaixona pelo outro e é aquela coisa do encanto, ninguém quer se despedir, tanto que a gente esticou o curso para o início do ano. A gente ficou tão afetivo, tão ligado, pra quem ficou, que o grupo não conseguia se despedir, quando chegou na fase da despedida que vocês propuseram pra gente, a gente boicotou vocês a gente disse que não, a gente queria continuar, e vocês tiveram que ceder e continuar conosco. A estratégia que usaram, foi excelente, porque a gente iniciou o ano com o curso, os que

estavam voltaram, tanto que ficou afetivo, venceram a fase do controle que voltou todo mundo. O grupo fez e, 70% desse grupo, continuou num outro curso que a UNAMI fez logo em seguida, e agora acabou o curso e nós estamos nos reunindo mensalmente em cada associação pra dar continuidade aos estudos. Então foi ótimo, foi um processo que quando o grupo estava tão afetivo o grupo boicotou o encaminhamento que a direção do curso tava trazendo: olha agora vai pra fase da despedida, não agora a gente não quer despedir, não dá. Mesmo assim, foi a afetividade que não fez o grupo se despedir, e quando chegou naquele momento do controle que é natural teve essa questão.”

**Maurílio** – “Eu acho que houve desistência porque existem pessoas que você tem que tratar elas como se fossem uma planta. No começo você tem que ficar botando água, água, até ela enraizar, pra começar a brotar, e têm pessoas que ainda são imaturas pra frequentar um curso, ou qualquer outra coisa. Não vai pensar que foi por causa desse curso que elas desistiram, qualquer coisa que elas forem fazer na vida elas são obrigadas a ter pessoas do lado delas, regando, regando até criar raiz. Não foi por causa do curso que elas desistiram, é porque são pessoas penso eu, imaturas, que não têm raízes, ou são dependentes de alguma forma das outras pessoas do curso. Eu acho que é da criação delas, são pessoas que não têm uma alta confiança, então por isso é que eu acho que elas desistiram, não foi por causa do curso, porque o curso foi maravilhoso, eu acho que chamar as pessoas para que possa brotar uma raiz é daí que se deve partir, no curso deveria ser trabalhado isso. Todos nós em nossa vida, pode ser financeira, na parte de investimento ou outra, a gente tem sempre algo que depende de alguém, então eu acho que isso aí deveria ser trabalhado.”

**Olinda** – “Eu acho que depende um pouco no meu modo de entender da boa vontade, porque o curso em si foi uma coisa boa pra quem enxerga, porque têm pessoas que vêem isso, e acham que não leva a nada, e os primeiros que começaram, continuaram porque viram a importância do curso. Muitos dos que saíram, hoje estão arrependidos porque continuamos e foi ótimo pra mim. Então muita gente não entende, acha que não vai precisar, então eles vêm de

início e não conseguem entender direito o que significou aquele curso. Agora quem continua depois de três encontros não desiste mais, se todos pensarem como eu, não desiste mais, ele gosta.”

**Rosângela** – “Não sei porque aconteceu. O curso, o conteúdo era legal. O grupo estava bom. Agora, as desistências, não sei se é por causa dos afazeres, família de repente. Falta um ou dois dias e acha que não precisa mais vir porque faltou, ou não se interessou pelo curso, pelo assunto em si. Não sei te dizer, porque o contato que a gente teve eu não me interessei em perguntar pelo pessoal, eu poderia ter feito isso e não fiz. De repente é porque não gostaram do assunto. Eu acredito ter havido um desinteresse pelo conteúdo que de repente achou que não era o que ele queria, o que ele esperava, e quem sabe os afazeres também, ou a extensão do curso, não sei mesmo.”

**Toninho** – “Eu acho que um dos grandes motivos é que a maioria dos que se inscreveram nunca tinham participado de nenhum curso de formação, então pra eles isso foi a primeira vez, então alguns, às vezes não se sentiram **motivados** a ir até o fim, então esse foi alguns dos motivos. Teve alguns que comentaram comigo de achar que o nível do curso foi um pouco alto pra eles, deles não entenderem direito algumas etapas do curso, e como eles não tinham antes nenhuma outra informação mais básica, esse conteúdo pra eles foi um pouco alto e alguns aí acabaram achando que não iam dar conta de entender e ir até o final. Isso quem falou pra mim foram duas pessoas que deixaram mais claro, os outros eu não cheguei a conversar sobre isso.”

3) *Cada encontro era marcado por uma forma de trabalhar. Esta forma se dividia em momentos: o momento da acolhida, o momento do lanche, o momento da aula, o da despedida. O que cada um destes momentos significou para você?*

*Destes temas qual foi o mais importante para você? E qual está sendo mais importante no seu trabalho comunitário?*

**Carlito** – “Olha, pra mim foi como se eu tivesse ali nascendo novamente,

entende? Porque eu não tinha a idéia de que o Estado representava pra mim, e aí eu comecei através dos educadores que foram dando aula pra gente e foram abrindo a minha mentalidade pra esse lado voltado pro Estado, que não está cumprindo a parte dele que devia. Já que o Estado foi feito pra isso, pra cumprir com a parte dele junto à população e não está cumprindo, então essas coisas começaram a me entrar na cabeça. Por que não tava cumprindo? Eu não tinha noção disso, daí eu comecei a ver a realidade que é verdade mesmo, que o Estado está do lado dos opressores. Enquanto que o trabalhador, aquele que trabalha mesmo que carrega esse País nas costas... Porque o cara que oprime, o cara que vende o nosso trabalho, ele não faz nada, ele só se aproveita, e nós que carregamos o fardo, cada vez pagando mais imposto, uma montoeira, então é isso, eu achei que tudo foi muito bom. O mais importante pra mim foi durante a aula”, o momento da aula. Lá eu comecei a ter **conhecimento**, foi o mais importante pra mim, apesar de que a despedida também é muito triste, na hora que a gente separava, porque a gente tava unida, então a despedida era triste, mas o importante pra mim mesmo foi durante as aulas. Antes eu praticava os meus serviços de comunidade assim: levando as pessoas pra jogar uma bola, fazia o futebol, organizava um torneio, então prestava serviço dessa forma. Agora, após o curso eu tive uma outra visão de o que é trabalhar com comunidade, então essa coisa é que mexeu comigo. Agora fomos eleitos na nova chapa, e estamos dando um tempo, porque agora é que a gente vai mexer novamente na coisa, a gente vai começar a se **organizar**, e agora vamos pra fase do trabalho, de tomar posse e dar continuidade na coisa. Então eu tenho idéias pra melhorar e mexer com a comunidade diferente daquilo que eu trabalhava antes. Eu pretendo fazer manifesto, chamar a imprensa, mostrar que a nossa comunidade aqui não pode ser esquecida, a gente não tem um lugar pra fazer um esporte! A saúde nossa está abandonada, nós só temos um posto que está destruído. Então essas coisas é que nós temos que rever. E, eu, quero ver se aciono a imprensa mas eu quero ver se eu faço assim: fazer um evento esportivo, e convidar a imprensa pra esse evento, e durante o evento a gente denunciar o que o prefeito promete, promete, e não cumpre nada.”

**David** – “Com certeza, eu até havia ficado impressionado com o primeiro momento dos crachás, pois aquela identificação pra mim foi novidade. Eu já participei de outros cursos, mas sempre era uma apresentação bem mais simples, e essa foi diferente. O momento da árvore também foi muito importante, até no lanche às vezes a gente saía pra comentar o que às vezes realmente acontecia. A palestra também. Então esse do crachá aí e da apresentação, e da árvore... todos foram bons, mas esses dois marcaram muito. No meu trabalho comunitário eu ainda não estou muito atuante, mas espero usá-los (os conhecimentos)”.

**Félix** – “O momento que foi mais importante pra mim, foi quando a gente chegava vocês já estavam prontos pra receber. Todos eram importantes, faziam parte da aula também. Mas o importante e que vocês saíam de lá, se afastavam da família pra dar aula pra gente, isso é que era importante. Por isso é que eu acho que não faltei aula nenhuma, porque eu pensava: é 150km, eu faço esse trajeto porque eu trabalho na Secretaria da Saúde e eu sei que é cansativo. Vir de longe, dar aula pras pessoas e daí chega lá e não tem ninguém... Então, eu acho que de todas as vezes que eu vim, graças a Deus, fui bem recebido por todas vocês na ora da acolhida. Esses dias eu até estava comentando, aquele pessoal de Florianópolis, tem muita garra, é muita vontade de vencer, de passar o **conhecimento**”. Pra mim, não teve diferença, todos foram especiais, todos foram super importantes pra mim. Não era à toa que eu tava sempre presente. Está sendo importante, tão importante que eu mudei 100% na minha maneira de me aproximar das pessoas, eu vou com mais detalhes, eu vou com mais segurança. Antes não, eu ia com aquela imponência. Agora eu vou com mais detalhes, pra falar com os outros membros da comunidade. Até as meninas lá da Secretaria, perceberam, porque eu faço parte do COMUSA (Conselho Municipal da Saúde), e eu me preparo bem antes de falar, para poder chegar.”

**Idalina** – “Olha eu acho que foram eles que me fizeram que eu me integrasse realmente com o grupo, porque tu chegavas e o calor da recepção era muito bom, eu acho que esse processo de inclusão ele era muito bem feito, porque ele não foi feito só no primeiro dia, ele foi feito todos os dias que tinham o

curso: tu recebias o crachá, as pessoas te cumprimentavam, as pessoas te recebiam, te incluíam nas cadeiras, então sempre houve esse cuidado. Então a cada momento, a cada etapa do curso a gente tinha um processo mínimo de conclusão. O processo do café também era muito bom, o lanche foi assim muito legal, todo mundo **participou**. O processo da aula em si, tinha os conteúdos muito bons, eu acho assim todos eles foram bons. E a despedida, que na real a gente tinha que ir ensaiando uma despedida, porque quando se cria vínculos a gente nunca quer se despedir, a gente tem dificuldades de despedir. Por exemplo eu vejo assim: tu tá fazendo um trabalho de conclusão de curso e tu se apaixonou por esse trabalho, geralmente você tem dificuldades de fechar esse trabalho, de concluir ele, de se despedir dele, porque é isso, tu passou. Mas no início tu tens o processo de olhar o teu trabalho de se incluir nele. Depois teve o momento de tu querer desistir que é o controle. Depois tu te apaixonou aí tu não consegue se despedir. Nós somos terríveis, nós humanos! (Idalina nos diz o que mais gostou...) da recepção. Eu acho que *vocês tinham um carinho tão grande quando a gente chegava, que sempre foi muito gostoso chegar, mesmo quando eu cheguei um pouco atrasada, nunca me sentia cobrada, sempre me sentia bem acolhida. Todos foram importantes, os conteúdos ajudaram bastante, tanto que depois eu fui professora desse outro curso e eu tirei muita coisa desse curso de vocês, eu aproveitei. A acolhida foi muito boa, a inclusão foi muito boa também.*"

**Maurílio** – "Muito importante todos os momentos, porque tudo na nossa vida são fases. Fase de chegar e ser bem recebido. Depois do conteúdo, o lanche que era a confraternização. Depois colocar uma palavra naquela árvore, aquilo significa uma reflexão de todo aquele contexto; do contexto da palestra, do lanche, da amizade, do sorriso. Então eu acho que essas reflexões são muito importantes. Todos os momentos foram importantes. Na nossa associação de moradores da Vila por ser um bairro menos carente em comparação a outros bairros, tu começa a ter outra visão e passa até a ajudar outras associações de outros bairros, e tu começa a ver realmente a necessidade dessas outras associações e também isso te serve para que não caias dentro da tua própria associação, Mesmo sem tu teres tantas carências, mas tu consegues delinear



melhor para que tu não caia em erros também. Lá dentro da associação da Vila, foram muita boa a aplicação de várias ações aqui trabalhadas.”

**Olinda** – “Pra mim todos foram significativos, todos foram ótimos. Mas o que mais marcou foi na hora do objeto, o significado dos objetos, onde cada um falou o que representava aquele objeto no curso, e naquele exemplo próprio a gente já teve aulas e explicação sobre aquele trabalho. Mas pra mim, todos os momentos foram bons, e eu estou tentando olhar cada um pra poder aplicar na prática. Dos temas, o mais importante foi a **união**. A **união** entre as pessoas. O **coletivo** que é muito importante numa associação de moradores. Eu fiz aquele curso e coloquei pra todos que fazem parte aqui na associação da escola de educação para o lar, aí nós fizemos um seminário em Blumenau pela UNAMI e eu convidei elas pra **participar** e elas foram e aprenderam tanto que pra mim mudou, mudou até a nossa convivência aqui dentro, então eu achei que isso mudou muito a cabeça das pessoas.”

**Rosângela** – “A recepção em si foi gostosa, porque a gente chegava aqui e sempre tinham vocês recebendo a gente com os braços abertos, sorriso, sempre simpáticos e até por estar revendo o pessoal novamente. As aulas também foram bem interativas, o pessoal **participou** bastante, eu acho que o grupo se interessou bem em fazer perguntas e **participar** do tema em si. A árvore é o que me marcou mais. A gente sempre deixava o tchan do dia ali, a palavrinha-chave tu colocava ali naquela maçã e colocava lá, (árvore). Um momento só? Há eu achei o da árvore, eu gosto dela. No trabalho comunitário? Olha a gente aprendeu muito aqui, mas a gente está tentando levar pra associação o que a gente aprendeu aqui. O conteúdo foi muito válido, inclusive o conteúdo do Luiz que a gente até hoje fala muito. Foi um conteúdo que a gente debateu bastante. Não tirando o mérito dos outros, mas o conteúdo dele é o mais prático para o nosso dia-a-dia.”

**Toninho** – “Eu gostei da metodologia de vocês trabalharem, e o que mais marcou esses momentos, e que não foi aquele método tradicional de tu chegar e ir direto ao tema, e acabou, acabou. Vocês fizeram uma seqüência interessante, uma acolhida bem interessante para as pessoas se sentirem bem, e pra mim foram bons todos esses momentos. Significou um aprendizado

maior das formações que eu já tive, essa acrescentou coisas que até de eu ir dar cursos em outros lugares, acabei também utilizando metodologias destas que vocês utilizaram, então isso é importante, a forma de como foi feito.”

4) Em cada encontro, trabalhamos sobre uma temática.

Dos conteúdos temáticos de cada etapa do projeto, qual(is) foi(ram) o(os) mais importante(es) para o fortalecimento do movimento sociocomunitário?

**Carlito** – “Olha, eu não posso destacar nenhum, porque eu acho que todos, pra mim foram importantes. Todos foram importantes.”

**David** – “Esse do Luiz foi muito bom. E aquele relacionado ao meio ambiente, também foi muito bom.”

**Félix** – “Eu não separo nenhum deles porque todos eles pra mim fechou nota 10, todos eles, todos eles mesmo. Porque dos mínimos (conteúdos) que teve me esclareceu de uma maneira, e o máximo que teve me esclareceu e me reforçou de outra. Não posso excluir nenhum. Eu posso dizer que a parte do meio ambiente foi boa, a parte do projeto de montar uma equipe, a atenção à parte burocrática de uma associação, tudo. Por isso eu digo pra ti, todos eles foram importantes. Foi fundamental porque eu estava totalmente só com a cara e a coragem, então é isso.”

**Idalina** – “Os dois do Luiz, eu não lembro o nome da temática, acho que foi **reunião, mobilização, organização**. Foi os dois que eu tenho e estou usando direto.”

**Maurílio** – “A palestra do Breno eu achei muito importante. Achei que tiveram alguns pensamentos que a gente bateu de frente, quando o Breno falou alguma coisa sobre Cuba, das crianças de Cuba que não teriam essa visão comunista, e que essas crianças não viam propagandas para pedir isso ou aquilo para os pais, lá não seria dessa forma como é no Brasil. Então foi daí que eu questioneei: E o lado psicológico? Será que essas crianças também não são frustradas em não poder comprar o que querem? Porque como nós sabemos que lá funciona desse jeito, eles também devem saber como funciona aqui. Foi uma coisa que eu questioneei e que eu achei que pontuei e foi bom.”

**Olinda** – “Eu não posso dividir nenhum desses trabalhos. Para mim, um foi ao encontro do outro, porque todos para mim foram bons, e, principalmente a parte da **coletividade**, da **união** das pessoas. Todos foram muito bons, o do *Breno*, o das professoras, que vieram de tão longe com tanto carinho. De tudo eu aproveitei um pouco. Eu sinto que aprendi.”

**Rosângela** – “O conteúdo do Luiz foi o mais interessante. O que eu peguei mesmo, eu acho, foi esse lado da gente estar seduzindo as pessoas a irem na reunião. Ainda não estou participando muito das reuniões por causa do *trabalho de alfabetização*. Então sempre que a gente encontra alguém a gente conversa a gente tenta conquistar, e é claro, a gente está fazendo um trabalho devagarzinho. Então de todos esses temas o que eu achei mais importante foi o que o Luiz deu”.

**Toninho** – “Eu não participei de todos os encontros, mas o que mais marcou foi aquele feito pelo Luiz. Não sei se porque estava mais presente no cotidiano do nosso movimento sociocomunitário, só sei que foi o que me chamou mais a atenção. Trouxe mais elementos que ajudaram na reflexão do movimento. Não sei te descrever qual a etapa porque eu não lembro, mas achei o conteúdo dado por ele muito importante, já que ele trazia os exemplos e trabalhava os temas com o envolvimento da pessoa na comunidade, então ele mexeu com essa coisa da pessoa estar envolvida no movimento comunitário, buscando colocar para as pessoas o que eles sentem, quais as idéias. Então eu sinto que aprendi bastante.”

5) *Você sente que aprendeu o conteúdo dado sobre cada tema?*

O que foi mais gostoso de aprender?

O que foi mais difícil?

O que ficou faltando?

Sugestões.

**Carlito** – “Eu tenho noções da maioria dos temas que foram dados para nós. O que foi passado, e eu acho que deu para copiar, mas eu ainda gostaria de fortalecer ainda mais o meu conhecimento através de temas como o nosso

amigo Breno trouxe. Aquilo ali foi muito bom. O que foi mais gostoso de aprender? Eu achei que tudo foi bom de aprender, todos os temas. O que o professor Luiz passou para gente, por exemplo, ficou bem marcado, foi uma coisa que mexeu com a gente. Fiquei com um pouquinho de dificuldade mesmo foi na aula do Breno sabe, onde eu gostaria de ter uma noção maior, principalmente naquele negócio do Karl Marx. Ficou um pouco complicado porque devido àquilo que o nosso País é, nós não temos uma segurança no socialismo, principalmente eu que trabalho no porto, isso aí ficou um pouco no ar pra gente. Mais a aula, ficou faltando, eu acho. Devia ter mais encontros, isso é um tema que não devia acabar, devia ser infinito, sempre trabalhado *porque se você parar, você vai deixando algumas coisas de lado.* “

**David** – “Sim, isso aí ficou mais caracterizado pelo Breno, porque hoje a gente sabe como somos manipulados, sem perceber o que a gente perde. Eu, às vezes, relaciono isso a uma empresa mal administrada, que está no auge e de repente... pá! e aí, cai fora, entra na falência. Aquilo do Breno abriu **conhecimento**, as doutrinas de Karl Marx, então essa parte foi a que eu mais gostei. A parte da Marisa também foi boa porque como eu já trabalho nessa área, e tenho cursos de geologia, geografia, então foi muito bom. Não me lembro em momento nenhum (de algo difícil). O que eu acho que faltou para mim era de repente um curso mais alongado, onde vocês no caso pudessem dar as aulas tranquilas, e não daquela maneira, que vocês estavam ali, tudo muito corrido. Eu acho que isso atrapalha o andamento do curso. Uma sugestão é que esse curso poderia ser mais alongado, de repente com uma carga horária menor, onde todos pudessem **participar** naquele horário, e pudessem aproveitar mais.”

**Félix** – “Para mim todos eles foram importantes, eu gostei de todos. De vez em quando eu dou uma olhada nas matérias, de vez em quando eu puxo o assunto pra mim mesmo, então assim foi gostoso tudo. O que eu observei é que tu estavas presente desde o mínimo até o máximo detalhe, achei assim muito legal. Mas assim, o meio ambiente foi bom de aprender, porque eu me preocupo muito com o meio ambiente, então eu achei ótimo esse tema. Eu... não... não, não teve nenhum (momento difícil). Porque eu sou uma pessoa que

analiso muito as coisas, então tudo foi muito importante e não se tornou difícil. Para mim que não tinha **conhecimento** nenhum, eu acho que para mim não faltou, porque eu acho que foi o básico. Porque se alguém já tivesse um **conhecimento**, olha faltou isso, ou aquilo, eu não, eu estava na estaca zero. Se vier um outro curso, como eu já tenho uma base desse aí, sim eu poderia falar. Mas na minha opinião foi 100%.”

**Idalina** – “Muito. Já tinham temas que já eram de **conhecimento** meu, só que a diferença foi os toques diferentes que teve, outra maneira de olhar aquilo que a gente já estava trabalhando há algum tempo e que a gente não parava para avaliar e que, não percebia os erros que se comete. O do Breno que é um tema sobre o funcionamento de sociedade que eu já trabalhei muito tempo em formação, mas que ele trouxe informações novas. Para mim que já estava nesse tema ficou assim fácil, e entendo que para as pessoas que viram isso pela primeira vez, não foi tão fácil assim. O mais difícil? Eu acho que foi o do Breno. É foi o do Breno.” Sobre o que ficou faltando diz: “Acho que sim, acho que esse que a gente deu continuidade agora pela UNAMI, a história das divulgações dos trabalhos, e outras. Eu não sei se a gente não deveria estar fazendo esse curso em duas etapas, não sei, mas eu acho que poderia ter sido trabalhado essa coisa da divulgação. Essa coisa da análise da realidade local poderia ter sido feita já que o Breno fez uma análise de sociedade. Ele poderia de repente fazer um gancho para a análise da realidade local, para as associações perceberem como é que elas lêem a realidade do seu local, para poder fazer trabalhos, acho que isso faltou. Mas eu acho que a idéia do curso foi dar uma explanação geral de sociedade e de grupo **organizado**, então dentro do objetivo geral, eu acho que as temáticas responderam. Acho que sim.”

**Maurílio** – “Sim eu aprendi. Olha o mais gostoso de aprender foi tudo. Mais o mais gostoso de aprender foi em saber a força que a comunidade tem, de sentir que se a comunidade soubesse a força que ela tem teríamos situações bem diferentes. Então isso pra mim foi a parte mais importante. O mais difícil pra mim... (aí socorro! risos). Nesse contexto é saber que é tão fácil resolver a situação mundial, num contexto geral, só que as pessoas tornam complicado.

Se é fácil fazer fácil, porque torná-las difícil, essa é a parte mais difícil pra mim. Eu acho que não ficou faltando nada. Eu acho que o que ficou faltando foi um maior interesse daqueles que estavam fazendo o curso, essa parte de compromisso é muito séria, então isso pra mim começa a definir a moral que cada um tem, o quanto vale a tua palavra, o quanto vale a minha. Então o que eu acho que ficou faltando não foi nada relacionado a vocês, e sim ao grupo daqui, dos que eram cursistas, pela falta de palavra.”

**Olinda** – “Sim eu sinto que aprendi. Aquele cartaz para dizer como significava o movimento comunitário foi o mais gostoso de aprender, inclusive eu ainda tenho ele guardado. Então fazer o cartaz foi muito importante, porque ali cada um colocou o que a gente vê no bairro. Então esse tema de desigualdade foi uma coisa muito boa de ser estudada, muito verdadeira, porque existe mesmo no nosso povo. Pra mim aprender não é difícil, decorar é o mais difícil. Tudo para mim é fácil e ao mesmo tempo difícil, se eu sentar como eu estou aqui com você começar a relembrar, a pensar, para mim não tem nada difícil, nada, pra mim foi tudo muito fácil. Foi tudo bom. Eu achei que o que foi feito foi muito bom, foi um curso completo, é claro que sempre tem coisas para a gente aprender, mas eu acho que foi bom. A sugestão, a idéia tem que vir de vocês, eu teria que ver o que ainda precisa. Eu acho que no momento precisa a gente trazer mais pessoas para fazer esse curso. Muitas pessoas que não sabem o que é uma associação, acham que uma associação se vira bem, só que eles não vêm ver quais os problemas que tem numa associação, o trabalho que a gente passa para cuidar de uma associação.”

**Rosângela** – “Foi bem legal, aprendi. O conteúdo que pegou no final, nos direitos e deveres ali foi muito legal, porque a gente aprendeu dos projetos que a gente tem direito de fazer, que a gente pode buscar, que a gente pode conquistar. A gente aprendeu bem esse lado que a gente não estava sabendo esses direitos e deveres, os direitos que a gente realmente tem e não procurava, eu acho que tudo foi bom. O mais gostoso que eu aprendi aqui, foi lidar com as pessoas. Eu tenho dificuldade de expressar, de me expressar, então eu estou aprendendo com o curso. Às vezes a gente é obrigado a falar sempre alguma coisa, então esse lado está desenvolvendo. O mais difícil foi o

tema do Breno. Aquele lá eu não entendi nada. Não entendi nada no modo de dizer, porque tu captaste alguma coisa, mas a metodologia que ele passou pra gente foi difícil, eu li a apostila mas foi difícil, foi muita teoria e tu não consegue colocar aquilo na prática do dia-a-dia. Então o mais difícil pra mim foi esse. No mais foi tudo tão bem explicadinho, tudo tão bem colocado, a gente aprendeu tanta coisa sobre associação, então tudo foi bom.”

**Toninho** – “Pra mim os temas foram tranquilos, o entendimento dos conteúdos, tanto do Breno como dos(as) outros(as) educadores(as). Pra mim foi fácil de entender os conteúdos. Alguns temas eu já dominava, já conhecia bem, mas assim, o que eu achei mais gostoso foi essa troca de experiência, essa parte do envolvimento. Por que as pessoas se envolvem? Por que elas estão **participando**? O que as **motiva**? Essas coisas para mim foram mais interessantes porque a gente viu as pessoas se colocarem, dizer porque estão aqui, o que ajuda elas a se **motivar**. A questão da construção da árvore, achei interessante, porque demonstrou como as pessoas são, o que elas apresentam e como se apresentam. Foi mais difícil a questão de leitura de texto e poder analisar ele num curto espaço de tempo. Porque vieram muitos textos que para mim, mesmo eu estando fazendo faculdade, foi difícil de entender pelo curto espaço de tempo. Depois quando acabou (o curso), a gente se reuniu, e tivemos avaliando que faltou um pouco esta coisa de trabalhar como se constrói uma reivindicação, como faz esse processo de visualizar no bairro alguma necessidade, e, a partir daí ver como pode ser sanada essa necessidade, pra mudar aquela situação. Então eu acho que ficou faltando um pouco nesse sentido de trabalhar mais essas questões desde a reunião, se ela vai decidir alguma coisa, os passos daí pra frente, eu sei que algumas coisas foram contempladas, mas o pessoal saiu sentindo necessidade disso, daquela coisa mais básica do dia-a-dia, da reivindicação, da reunião em si, de como envolver as pessoas.”

6) Das dinâmicas aplicadas, alguma foi especial para você? Qual? Por quê?

**Carlito** – “A que mais me atraiu pela coisa que eu ainda não sabia, foi a do “barquinho de papel”, porque eu não sabia fazer aquele barquinho, já tinha

visto muita gente fazer, mas nunca tinha feito porque não sabia, e naquele dia eu aprendi, e não sai mais da minha cabeça.”

**David** – “O que eu mais gostei foi a dos ”amarrados”, porque no nosso dia-a-dia é assim, as vezes a gente está do lado das pessoas e acha que aquela pessoa vai ajudar, mas na realidade estão puxando o teu tapete. No meu modo de pensar é bem assim, essa dinâmica funciona desse jeito, porque às vezes a gente acha que está sendo aceito por todos, e não é bem assim.”

**Félix** – “Teve aquela hora que pediram ”o objeto teu especial”, e o meu era o sapato. Então eu toco ainda hoje no assunto com todo mundo, e essa dinâmica pra mim tem um grande exemplo de amizade para com as outras pessoas.”

**Idalina** – “Foi a última, a do fechamento. O “cartaz” onde a gente criava com recortes, pra mim foi dez ter criado aquela dinâmica. Não sei se aí entra o prazer pessoal, mas para mim foi muito bom ter feito aquela dinâmica, foi muito rápido, eu botei o olho nas imagens e montei. Então foi tão prazeroso fazer que pra mim foi a que me marcou mais, tanto que eu já apliquei até no curso de alfabetização. Agora a dinâmica do “objeto” também funciona legal, porque identifica mesmo com a questão pessoal, a dos “cegos” foi muito legal, a do “barquinho”, todas foram muito legais. Mas a que eu mais adorei foi a última.”

**Maurílio** – “A Dinâmica dos Cegos e Amarrados, eu achei que foi muito importante pra mim como deficiente, porque ela mostrou que nós dependemos direta ou indiretamente uns dos outros, e, eu como deficiente dependo de alguém pra sair do carro. Então eu acho que ela foi muito importante. As pessoas mesmo não tendo bloqueios no sentido de obstáculos, elas se **unindo**, elas conseguem; elas **lutando**, tendo ânimo, tendo perspectivas, elas conseguem chegar no objetivo que quiserem, independentes de barreiras.”

**Olinda** – “A que foi mais interessante foi a do”objeto” pelo significado dos objetos já deram uma explicação pra gente, e dali já se formou uma discussão, um trabalho, é uma das coisas que ficou gravado.”

**Rosângela** – “Olha todas foram legais, mas aquela que a gente fez o cartaz de achar uma figura e demonstrar qual o”significado daquele curso”, foi bom. Foi bem legal, foi fácil, porque a gente pegou uma figura lá, outra aqui, e tu te expressavas através daquela figura, então pra mim foi a mais fácil (risos), não



precisava procurar muito e falar muito. Aquela ali foi legal, pela alegria da gente estar colocando de uma forma bem simples, então eu gostei dela, foi bem boa.”

**Toninho** – “A que foi mais importante e que eu guardo até agora, foi a questão de onde as pessoas falavam de si próprio, como elas gostavam de ser chamadas, do objeto que todos colocaram em grupo, a importância de cada objeto pra cada um. Isso pra mim marcou, e inclusive três cursos que eu dei depois eu fiz essa dinâmica, e o pessoal se soltou a partir daquele momento no curso, então eu senti assim que é um tipo de dinâmica muito importante para se fazer no início de qualquer trabalho. Fazer com que as pessoas se apresentem mesmo, não falando só o nome. Às vezes o objeto apresenta mais a pessoa do que ela só falando o seu nome. Mas eu achei que todas as outras foram interessantes, mas essa marcou mais.”

7) Este curso tem ajudado você a pensar a vida do seu bairro e da sua cidade?

Em relação à organização comunitária do seu bairro: o curso ajudou a melhorar a sua prática como líder comunitário?

O curso trouxe alguma contribuição para sua atuação junto às políticas públicas?

**Carlito** – “Bastante, bastante mesmo. Com esse curso eu comecei a gostar da vida da associação, antes eu era igual ao outro pessoal. Eu não gostava de me meter sabe. Mas eu não gostava de associação, não queria nem saber, e depois que eu fiz o curso comecei a ter outra noção do que é associação. Associação, sou eu mesmo, é a minha comunidade. O que eu fizer pra nós eu estou fazendo para mim também. Comecei a ver que nós podíamos ter os mesmos direitos que as outras associações, então foi muito importante. Eu ainda não coloquei em prática, mas eu espero atuar. A minha atuação nos Conselhos também ainda não influenciou, mas me trouxe conhecimento sobre todos os Conselhos. Eu também não sabia nada, não tinha noção do que eram os Conselhos, então agora eu tenho conhecimento, agora eu tenho uma idéia.”

(Quanto ao pensar a vida do bairro/associação de moradores) Davi nos diz: “A

vida do bairro sim, mas a associação ficou um pouco esquecida, mas daqui para frente pode ser que a gente consiga até aplicar. Aquele curso que fomos lá em Florianópolis, aquele sobre o Fórum da Cidade foi muito interessante. E ajudou a clarear alguns Conselhos de Direito que a gente não conhecia.”

Félix - “Olha mudou a minha vida assim 100%, abriu, abriu, abriu a mente. Então este curso me abriu muito a mente. Eu comecei a dar mais atenção porque hoje eu faço parte do COMUSA (Conselho Municipal da Saúde). Quando eu chego lá no COMUSA, cada um dá a sua opinião e antes de eu falar, eu me preparo. São três coisas que eu aprendi antes de falar com as pessoas: fatos, provas, argumentos, então eu junto esses três e não tem nada que te derrube. Então eu me preparo bem e vou com força.”

**Idalina** – “Só reforçou tudo aquilo que eu já havia estudado. Me fez envolver em mais coisas, e fazer mais coisas. Como liderança na comunidade sim. Infelizmente a nossa associação parece estar dividida: um grupo na apatia e um na ativa, não sei se nós que estamos na ativa estamos impossibilitando os que estão apáticos. Eu acho que agora merecia uma avaliação igual aquela do Luiz para ver onde é que a gente está errando. Mas no trabalho, aquele que a gente está fazendo, só contribuiu. Acho que **motivou**, por exemplo, o Carlito e o Félix daquele grupo. Estão fazendo parte do Conselho de Saúde, e agora eles estão engajados. Então teve um bom resultado, porque eles se tocaram do que realmente é e acham que a gente deva ir lá e brigar. Quando eu conversei com eles no curso da UNAMI sobre o Conselho da Saúde e eles aceitaram fazer parte, eu achei muito legal. E o primeiro fruto veio desse curso que vocês fizeram.”

**Maurílio** – “Ajudou muito a pensarmos no bairro em um contexto geral. Também me ajudou, porque como vereador, me ajudou muito, eu comecei a analisar as coisas de forma diferente, e para ter uma **união** maior entre as outras associações, foi muito bom. Em relação às políticas públicas, me ajudou a clarear e ajudou bastante, só que tem uma coisa, nós vereadores como Legislativo, dependemos do Executivo para que sejam feitas as propostas, então mesmo que tu batalhes, que tu consigas ver esse outro lado fácil de se ajeitar, nos sentimos de mão atadas esperando por eles, então, às vezes as

tuas propostas são vetadas e frustradas. No curso eu acho que clareou para bastante gente o que eram essas políticas, e para mim me ajudou a compreender ainda mais.”

**Olinda** – “Ele ajudou muito, porque eu perdi o medo. Eu tinha medo de falar com as pessoas, agora eu boto o peito pra frente e vou, eu não tenho medo. Foi o mais importante pra mim, eu aprendi que eu tenho força, aprendi que as associações têm força porque é um trabalho voluntário. A gente está fazendo pelo bairro, não é pela gente própria. Então eu acredito, tenho força e não tenho mais medo de chegar onde quer que seja. Sim, com certeza trouxe. Sabe..., de uns dias para cá eu tenho ficado até um pouco parada, mas eu estou doida para começar a me movimentar ainda mais. Ainda não estou atuando em nenhum Conselho, mas ainda quero fazer parte de um (risos).”

**Rosângela** – “Sim, claro, ajudou mesmo porque a gente já tem um trabalho muito grande, e muitos anos dentro de uma associação, então daí vem um curso desses para dar uma revigorada, melhora, é claro que sim. Como líder, eu estou fugindo um pouco, mas se a gente tiver que assumir, ele clareou muito a nossa visão. Pelo menos eu fiquei conhecendo, agora eu teria que pôr em prática alguma coisa que pudesse estar angariando para nosso bairro. Aquele (Conselho) da criança e do adolescente foi muito legal, aquele lado foi bem legal. A gente acha que a criança está aí abandonada, então que a gente poderia estar fazendo alguma coisa a mais. Foi bem legal, assim a gente ficou mais por dentro de cada política de cada Conselho desses. Eu, por exemplo, participava do Conselho do Meio Ambiente, mas aquele eu saí porque lá era devagar quase parando, e não tinha voz ativa, era só para fazer número, então mais por isso eu saí.”

**Toninho** – “É para mim ele ajudou, e assim foi um momento de eu rever algumas coisas, de voltar a refletir, porque a gente fez muito isso na década de 80, e depois passou um período longo sem fazer esse tipo de momento de parar discutir e refletir a prática. Então ele fez a gente sentir de novo a necessidade de fazer esse processo, e ajudou a clarear algumas coisas, até porque foi um curso onde a gente **participou** dele não só como ouvinte, mas também colocando idéias, debatendo, e isso fez com que trouxesse algumas

contribuições para o movimento em si, para a entidade. Não vou dizer que a gente sabe tudo sobre essas coisas, mas a gente sempre aprende, sempre traz idéias novas, e ele trouxe muitas contribuições quanto às discussões sobre os Conselhos, sobre o Estatuto da Cidade, então trouxe contribuições, sim. E defendeu uma coisa que eu acho muito bom, que é a gente estar propondo políticas públicas, não só estar reivindicando, mas estar propondo alternativas. É uma pena, que aqui em Itajaí, infelizmente a gente não consegue propor, mas ele reforçou essa parte que eu já tinha insistido com as associações.”

8) Na sua opinião, como líder comunitário, por que um curso de Formação Política é importante para o Movimento Sociocomunitário e Popular?

E, em relação a UNAMI?

**Carlito** – “Pra mim é importante. Ele é importante para todos que fazem pelo **conhecimento**, por aquele espaço para a gente ter **conhecimento**, a noção das coisas. Para dizer o que é uma associação, como se faz uma ata, as leis, quais os direitos que a gente tem, como a gente deve se posicionar dentro de uma associação na hora de uma reunião, então tudo isso ele ajudou bastante pra mim ter esse **conhecimento**. Além de dar **conhecimento** a gente não tinha, nem sabia o que era a UNAMI, além disso fui conhecer o pessoal que trabalha com a UNAMI, fomos fazer um intercâmbio entre a nossa associação, que antes a gente não tinha muito **conhecimento**. E agora esse curso influiu tanto, que agora a gente promove esses encontros mensais para não acabar mais. A gente vai apresentando caminhos, comunica aos outros membros da associação que têm o Toninho, a Idalina que podem ajudar a gente nas documentações da nossa associação. A gente já pegou ela toda descaracterizada de documento, então a gente aproveita pra botar em dia com a ajuda deles da UNAMI, e dar seqüência a projetos, e eu tenho muitos na minha área de esportes.”

**Davi** – “É importante porque a gente fica conhecendo o caminho, onde buscar o recurso, com quem falar, como falar, a maneira que vai falar para começar a fazer essas reivindicações. Porque se tu não tiveres uma orientação para

defender os teus interesses, eles barram em cima de ti e não te deixam seguir. Quanto à UNAMI, eu não tenho muitas informações, eu sei que ela é a base de todas as associações, e agora parece que a UNAMI vai trabalhar conosco, com a nossa associação.”

**Félix** – “Eu acho que esse curso deveria ter até mais vezes. As pessoas que fossem fazer parte de uma associação, iam ver que não precisava ter essa disputa porque tudo é em prol da comunidade, e outra pelo que eles vão lutar, pelo que eles vão brigar. Então eu acho que deveria ter uma lei que fizesse as pessoas, membros das associações participarem de cursos como este. Em relação à UNAMI, aí mesmo é que é importante. Cada presidente, vice-presidente deveria participar de um curso como este. Deveria ser obrigatório, porque as pessoas têm que estar com a cultura atualizada, senão não vale a pena, senão nada cresce. Eu acho que tem que estar atualizado nas burocracias, no meio ambiente, nas relações humanas e outros pontos. Por isso, eu acho que as pessoas têm que estar atualizadas com o dia-a-dia, com o crescimento e com o desenvolvimento. Por isso, que esse curso de vocês, deveria ter antes de cada eleição para as pessoas participarem, deveria ser obrigatório por lei pra eles saberem que têm que estarem atualizados.”

**Idalina** – “É importante, é muito importante. Porque o grande problema do movimento comunitário é que ele é voluntário, ele é extremamente rotativo, as pessoas vêm nuas e cruas como a gente diz, porque elas não têm formação nenhuma, o que elas têm é boa-vontade. Por isso eu sempre digo quando acontecem coisas erradas em algumas associações: calma gente, essas pessoas não têm formação, e formação não cai do céu, e a gente não tem verba, é tudo voluntariado, então tu não tens estrutura para sentar, para preparar, então é difícil. “Em relação à UNAMI: “Acho que segurou a UNAMI no sentido de reforçar o movimento, de trazer mais pessoas para o grupo.”

**Maurílio** – “É muito importante, é importantíssimo. Em relação à UNAMI também é importante, porque isso também vai crescendo o **conhecimento**, e as associações vão amadurecendo e se fortalecendo com isso. E tenho certeza que os próximos cursos que fizermos, virão mais pessoas, porque para nós tudo o que é novo é um pouco estranho, e depois que acostuma, vai ficando

gostoso.”

**Olinda** – “Muito importante, antes eu tinha medo, e agora eu não tenho mais. Agora eu aprendi que eles (governantes) têm que fazer, eles estão aí para isso, porque eles ganham para trabalhar, e eu sou voluntária, então eles têm que me receber, eu não estou ganhando pra fazer esse trabalho. É muito importante, para a UNAMI, mais do que nunca. Porque a UNAMI é a União das Associações de Moradores de Itajaí, e ela trabalha muito pelas associações, então eu acho que junto com a UNAMI, e conhecendo ela a gente tem mais força.”

**Rosângela** – “Deveria (o curso) se ter sempre. Acho que se a gente tivesse como conseguir ele pra gente estar fazendo isso com todo o pessoal novo **participando**, seria muito bom para ele começar a entender esse tipo de coisa. Porque às vezes entra-se numa associação e acha que é só para fazer reivindicação, e às vezes não é só para reivindicar, é pra procurar os direitos que se têm e os deveres que têm que seguir na sociedade. Eu acho que devia *se fazer mais continuamente*, de repente todo ano, ou a cada semestre, não sei. Mas ele é muito bom para entender a vida da comunidade. Para a UNAMI, eu acredito que uniu cada vez mais o pessoal, tem dado muita força, inclusive nós temos nos reunido em cada associação a cada mês. Então é bom porque tu sabes que cada associação tem um representante, e isso ajuda, porque tu sabes que estão se reunindo outras comunidades. O Sr. Carlitos, por exemplo, voltou a fazer parte da Fazendinha. Ele está lá novamente. Fugia, fugia, não queria nem ver a Fazendinha de perto, daí a gente foi conquistando, conquistando, e hoje ele faz parte da associação novamente. Então tudo é um trabalho que esse curso trouxe, isso é fruto disso. Eu acho que vale a pena, eu acho não tenho certeza que vale à pena.”

**Toninho** – “Eu acho que é de fundamental importância se fazer esse processo acompanhando as mudanças políticas e as modificações que o Brasil passou depois da Ditadura Militar. A gente viu que quem fez as mudanças no País foram as pessoas que tiveram alguma formação nessa área. Vejo que as pessoas que fizeram alguma mudança no Estado, no País foram pessoas que dedicaram o tempo para fazer isso, pra se formar para fazer cursos. Porque daí

tu consegues entender as coisas melhor, porque tu consegues entender mais a sociedade e podes estar atuando dentro dela. Nós ficamos sem fazer parte deste processo, e isso atrapalhou bastante. Então eu acho que essa prática de formação não pode ser deixada tanto de lado, até porque existe um rodízio muito grande de pessoas dentro dessas associações. Esse tipo de formação faz com que as pessoas permaneçam mais tempo no movimento, e, é aí que ocorrem mudanças, porque quem não tem formação vem, **participa** de algumas reuniões, resolve o seu problema, e vai embora. E o pessoal que tem uma formação política mais definida, ela entra no movimento e fica, pelo menos por mais tempo. Então eu acho que isso é muito importante essa questão da formação. Para nós (UNAMI) foi muito importante, apesar de algumas desistências, a própria presidente hoje da UNAMI desistiu do curso. Agora, eu achei muito importante, pois reforçou aquilo que a gente estava defendendo, e acabou influenciando nós a tomar essa decisão, porque depois nós começamos a fazer um outro curso e as temáticas acabaram e a gente continua se encontrando até hoje."

9) Você gostaria de dizer mais alguma coisa sobre a sua experiência no curso? Sugestões.

**Carlito** – “Olha o que eu gostaria de falar do curso é que para mim foi ótimo. Assim como essa luz que deram pra mim, deveria ser dado para mais pessoas, para ter esse **conhecimento**. E gostaria de que se fosse possível por parte dos coordenadores dar esse curso na nossa comunidade, seria ótimo. Isso é que eu tenho para falar. Gostaria que quando tiver algum encontro com esse pessoal me chamem que eu vou. Gostaria de rever todos eles, e comentar sobre as nossas idéias, já que eles têm mais conhecimento do que eu e podiam me passar. Obrigado por tudo.”

Daví – “Se pudesse fazer novamente, faria outro semelhante, parecido, mas só com essa ressalva de horário, de dia, e é isso aí. Obrigado por ter mais esse contato com você, e a gente está sempre à disposição, e o que vieres a precisar eu estou para dar de coração”.

**Félix** – “A sugestão é que no ano que vem vai ter uma nova eleição, gostaria que deixassem contato para a gente falar com vocês e fazer um curso desses aqui de novo, no ano que vem. Obrigado por tudo e até mais ver.”

**Idalina** – “A minha experiência no curso foi muito boa. Ter conhecido o pessoal de Florianópolis foi muito bom. E eu senti que a história do diploma sabe: Universidade Federal de Santa Catarina! Isso pode parecer bobagem para muita gente, mas para quem é de uma comunidade que nunca teve, e muitos não tiveram numa escola direito, isso é muito importante. São coisas que valorizam as pessoas, eu, por exemplo, tenho orgulho do meu diploma com a história da Universidade, então eu achei assim que foi muito dez. Vocês respeitaram o ritmo, a forma das pessoas fazerem, não foi àquela coisa de curso pronto. Isso tritura as pessoas, então eu achei que foi bom. E se tiver oportunidade de ter outro com certeza teria maior aceitação, e mais pessoas fariam.”

**Maurílio** – “Eu gostaria que tivesse mais cursos, quero agradecer a todas as pessoas, aos professores, assim... todos. Esse empenho de vocês de virem, deixar família, deixar tantas outras coisas que vocês poderiam estar fazendo para estar vindo até aqui dar esse curso. Na realidade vocês vieram e colocaram a semente para que ali fosse nascer um pé de árvore, frutificar para dar mais sementes. Quero pedir desculpas pelas falhas, e muito obrigado.”

**Olinda** – “Eu só quero dizer que o curso foi ótimo, ótimo, ótimo. E eu amei todos vocês, isso é o que eu tenho a dizer pra vocês, muito obrigado.”

**Rosângela** – “Eu queria agradecer pela oportunidade da gente estar **participando** com vocês, já que o trabalho vem de tão longe pra cá. Estão todos de parabéns. Todos os professores foram muito legais, falavam a linguagem da gente, não falaram difícil a ponto de não entendermos. Então eu acho que foi muito legal, apesar da gente estar aprendendo, a gente estar convivendo e conhecendo as pessoas. O curso foi muito legal, já está dando frutos, e estão todos de parabéns.”

**Toninho** – “Eu gostaria de sugerir: estar transcrevendo essas experiências e colocando elas no papel, e até estar elaborando alguma cartilha que pudéssemos estar usando no dia-a-dia das associações, ou em forma de



vídeo, o conteúdo de outros cursos, porque eu acho que a gente aprende muito dessa forma. A partir das experiências atuais, refletir com outras experiências. Nós temos que proporcionar isso pra nós mesmos, e a gente se sentir valorizado, estar falando da **história** que se está construindo. Porque essas coisas não voltam, então o que a gente está passando em determinados momentos poderá servir de apoio de uma experiência para os outros trabalhos. Obrigado, e seria isso.”

### 3.2.3 Com os educadores

1) O que significou para você participar do Projeto de Formação Política para Lideranças Comunitárias, como o promovido pelo NESSOP/DSS?

Face ao conteúdo ministrado.

Face ao conteúdo em si.

Face à linguagem e à didática adotada.

**Anadir** – “Como Assistente Social que fazia parte do projeto, e a gente trouxe este curso pra cá, acho que isso foi muito importante. Abriu a cabeça de muitos membros das associações, e eu já soube que até melhorou o ambiente e a organização aqui da associação da dona Olinda (Promorar II). Então tu vê que o curso realmente trouxe resultados? Como educadora, o curso foi superimportante, e se viesse outro eu iria fazer parte novamente. Acho que necessitamos todos os anos desse curso para fazermos uma reciclagem, porque nós precisamos de mudanças nessa cidade. Para mim foi superimportante como educadora e como Assistente Social. Para o meu conteúdo eu achei pouco tempo. O conteúdo do Estatuto da Criança e do Adolescente da Assistência Social, eu achei que foi pouco tempo e isso é importante para o entendimento: O que significa assistência social, o que significa assistencialismo, o que significa o ECA, porque a nossa população não tem um entendimento sobre isso. O conteúdo foi bom, pena que foi pouco tempo pra alguns educadores como eu. Eu penso que foi viável (a linguagem e

a didática), houve um entendimento legal das pessoas que não tinham um nível escolar mais avançado. A gente fez isso mais para lideranças com o 2º grau completo, mas tinha cursista que tinha só o 1º grau, e entendeu e abriu bastante a cabeça. Então eu acho assim: é importante essa pesquisa de ministrar o curso, eu acho que a linguagem mais simples e melhor é a acadêmica. Complica um pouquinho. Algumas coisas deveriam ser mais trabalhadas para um melhor entendimento.”

**Andréa** – “É, com certeza foi bom. Sem dúvida foi ótimo participar como educadora desse projeto de Formação Política do NESSOP, porque em primeiro lugar foi o fato de tu estares mesmo podendo repassar para as pessoas que estão na comunidade um conteúdo tão relevante para poderem se organizar e ir à luta mesmo, ir atrás daquilo que eles necessitam para a comunidade. Enfim, estar passando temas que às vezes eles não têm informação e que nós temos acesso, mas que fica assim tudo muito dentro da universidade, naquele limite, dentro daquelas quatro paredes, então a questão é de estar mesmo socializando os conteúdos. No meu caso eu falei sobre Redes e um pouco sobre a captação de recursos, que é fundamental para eles estarem se organizando, estarem entendendo o que é Rede, como trabalhar em Rede, estar se articulando com todas as outras instituições e entidades, no sentido de articular mesmo, unindo forças para conseguir aquilo que eles necessitam pra comunidade deles.” O conteúdo em si é super-relevante como eu já coloquei. Acho que a maneira como a gente construiu esse conteúdo, apesar daquele monte de reuniões, a gente construiu o conteúdo desde o início - "Quem Somos?" -, para estar preparando os cursistas para eles estarem se vendo. Foi muito coerente a seqüência dos conteúdos ao falar da questão política, dos Conselhos de Direito, enfim foi superinteressante. Eu acho que em alguns momentos a linguagem ficou um pouco rebuscada. Eu acho que a gente deveria definir melhor a didática ao passar esse conteúdo, porque às vezes é um pessoal muito simples, que, às vezes não tem acesso à informação; isto é um pouco complicado para eles estarem entendendo algumas coisas. Acho que poderia ser definido melhor a didática de como estar passando esse conteúdo. Acho que em alguns momentos ele ficou muito rebuscado, foi um

pouco difícil o entendimento de alguns conteúdos pelas pessoas em alguns momentos.”

**Luiz** – “Eu acho, que em primeiro lugar a gente precisa pontuar algumas questões: o significado para o Luiz - trabalhador no movimento social - e o significado para o Luiz - educador social. Para o Luiz - trabalhador no movimento social, ou seja, participando do movimento social ativo e também na parte da construção teórica, isso ecoou como uma coisa bastante interessante no sentido de que isso me parecia ser uma aspiração, ou seja, um querer do movimento popular, pelo menos em relação aqueles movimentos comunitários que eu participava. Isso tocou em mim essa necessidade que a gente percebia como participante do movimento, e também como pesquisador do movimento social. Num primeiro momento, me pareceu que a gente sentia a necessidade de estar dando um curso como este nesses movimentos, mas a gente não sabia como fazer, como preencher essa lacuna, e me parece que o NESSOP e as partes conveniadas em relação ao Projeto de Formação de Lideranças tiveram essa cara e essa felicidade de montar esse curso. Nesse sentido foi muito bom. Agora em relação às expectativas que eu, como agente do movimento popular tinha e tenho em relação a um curso de formação de lideranças, acho que isso precisa ser feito em uma etapa posterior, até porque eu acho que foi o primeiro curso lá em Itajaí nesse sentido, e acho que a gente tem que esperar um pouco pra ver o resultado disso tudo. E, em relação ao Luiz, educador, eu acho o curso extremamente válido e interessante, porque nós tivemos oportunidades de refletir com as lideranças comunitárias, e com pessoas da comunidade que ainda não tinham envolvimento formal nenhum com o movimento. Participavam apenas como sujeito do movimento, não como sujeito que participava ativamente e tinha uma responsabilidade com a associação de moradores, com uma responsabilidade política. Isso eu acho que foi superinteressante na medida, no meu caso, como educador. O curso me forneceu oportunidades de discutir com as pessoas e colocar algumas questões fazendo com que eles refletissem sobre algumas coisas que a gente observa no dia-a-dia do movimento comunitário. Naqueles dois dias em que eu participei, tivemos a oportunidade de fazer com que as pessoas refletissem um

pouco sobre o seu fazer cotidiano no movimento social, no movimento comunitário e daí fazendo um gancho com o movimento político como é o caso dos vereadores que ali estavam, então aquilo foi bastante positivo. As coisas não são só flores e rosas. Em relação aos pontos negativos, a avaliação que eu faço é que eu fui pra Itajaí sem conhecer as pessoas que ali estavam sentadas "ah! são pessoas da comunidade", são pessoas da comunidade sim, são pessoas que têm uma trajetória, trajetória profissional, trajetória de vida e trajetória do movimento comunitário. Você percebe a diversidade. Existiam pessoas que não participavam do movimento comunitário ativamente, ou seja, formalmente, se a gente considerar que uma associação de moradores legalizada é uma coisa formal, existiam pessoas que participavam desse tipo de formalidade. E existiam pessoas que não participavam desse tipo de formalidade, existiam pessoas que participavam desse tipo de formalidade e participavam também formalmente do poder político local, e existiam pessoas que só participavam do poder político local e não participavam dessas questões formais da comunidade. Então isso foi um ponto negativo, porque eu acho que antes de me aproximar dessas pessoas, eu deveria conhecer antes esse cenário, daí a gente poderia estar estabelecendo uma relação de diálogo, de conhecimento. Isso eu acho que dificultou, inclusive, fez com que muitas das questões não tivessem a qualidade que deveriam ter, questões de debate, de encaminhamento, devido a essa pontuação. Agora não sei se o NESSOP, enquanto órgão organizador dessa atividade deveria ou não pensar nesse sentido. Qual era o conhecimento que o NESSOP tinha por exemplo, desse curso antes? Ah! não, mas conhecimento se constrói eu acho que sim, se constrói sim, mas acho que durante o curso talvez o NESSOP teve elementos suficientes pra chegar, e às vezes dizer: olha a trajetória dos cursistas foi mais ou menos essa. Ah! - mas no que isso vai influenciar? - eu acho que em tudo: no texto que você vai preparar, na fala, nos encaminhamentos que você vai dar nas discussões. Às vezes você pode colocar um dia inteiro de trabalho a perder por um encaminhamento indesejado em relação a determinadas questões. Se você tivesse de antemão algumas informações você faria diferente, encaminharia diferente, é isso. Em face ao conteúdo: "Primeiro eu recebi uma

ementa, como se fosse uma ementa pronta você vai trabalhar sobre tal coisa, se organize. Elaborei o conteúdo em cima daquilo que estava escrito não a partir daquilo que poderia ser do querer das pessoas, sobre o que as pessoas queriam ouvir daquilo, e ministrar o conteúdo de o que é um dirigente comunitário. Mas cada um tem as suas peculiaridades e o conteúdo poderia ser elaborado a partir da peculiaridade de cada uma daquelas pessoas. Eu acho que o conteúdo foi assim muito bacana, apesar de que também foi feito muito às pressas. Eu acho que foi um conteúdo que talvez abordou tudo aquilo que a gente estava esperando no geral, não no particular. Eu penso que aquele conteúdo que nós ministramos influenciou bastante as pessoas e forneceu elementos básicos para que eles(as) possam imprimir um novo relacionamento ao fazer comunitário, com o poder político local e com eles próprios. Em relação à grade curricular do curso eu acho que fui feliz nisso, porque eu tive a oportunidade de fazer uma reflexão sobre todos os pontos abordados até então, eu tive a oportunidade de refletir com cada um cada um desses passos com a turma, isso me dá a oportunidade de fazer uma reflexão mais segura disso. O curso teve uma lógica muito grande, uma lógica e um gancho muito importante. O que eu senti ao indagar essas questões com os alunos é que não houve entre os educadores uma correlação desses conteúdos. O que eu quero dizer para você é que o educador do segundo encontro não retomou o primeiro, e o do terceiro não retomou o do segundo. Não sei se foi muito corrido, ou quais os fatores que os levaram a isso, mas o que eu percebi foi uma desarticulação entre os educadores a ponto de um começar um conteúdo sem começar a resgatar o outro. Na reflexão que nós fizemos com os alunos, um conteúdo estava intimamente interligado com os outros, e nesse ponto eu acho que o currículo foi muito interessante. O que ocorreu foi que os educadores não fizeram essa ligação, porque se eles tivessem feito a ligação de uma aula com a outra, o aluno só poderia aprender o todo se ele conseguisse fazer essa ligação. A aula do Breno foi extremamente interessante; os alunos acharam, apesar de ter uma difícil compreensão pelos conceitos, mas eles não conseguiram retomar a aula do professor Breno em lugar nenhum do curso, a não ser naquele dia, porque ninguém havia feito essa

ligação metodologicamente falando, porque os conteúdos estavam muito bons. No geral a linguagem foi um pouco complicada. Acho que foi um pouco talvez *distante daquilo que as pessoas poderiam aprender*. Eu acho que a gente pode estar trabalhando com o conceito de alienação, só que isso pode ser trabalhado a fim de que a Maria e o João possam estar trazendo essas questões pro dia-a-dia, de analisar isso a partir do que eles vivem. Quais os conceitos que precisam ser utilizados, não se têm como fugir, mas eles têm que se adequar ao alcance das pessoas, por isso é importantíssimo primeiro conhecermos a trajetória sociocomunitária das pessoas para saber que ritmo seguir, que tipo de abordagem vai fazer em relação aos conceitos, então eu acho que a questão é elaborar uma aula no sentido que você possa falar de igual para todos.”

**Luciane** – “Pra mim significou bastante (participar do projeto). Acho que foi a minha maior escola onde eu mais aprendi mesmo, *mais do que nos meus quatro anos de universidade*. Eu cresci muito enquanto pessoa e acho que enquanto profissional também. Deu para aprender muito com os cursistas e teve um retorno enorme, então eu acho que é bem por aí. É através desses cursos que a gente vai poder acabar com a alienação, porque o povo é muito alienado e acho que é bem por aí mesmo, *que é pela associação de moradores que é quem já está engajado, quem quer buscar retorno para a comunidade, quem quer buscar aprendizado mesmo*. E gostaria de salientar que foi através desse projeto que eu consegui me estabelecer como profissional, consegui me inserir no mercado de trabalho que estava bem complicado e difícil, eu acho então que foi isso. *(em face do conteúdo ministrado) Foi um desafio. Desafio mesmo*. Deu para mim buscar mais informações, e principalmente me desafiar como pessoa. Se eu retornasse a dar novamente um curso como este, eu estaria bem melhor preparada. Aqui eu fui ver conteúdos que para mim ainda não estavam tão claros, e pude ter outras visões e me inserir no entendimento do que é o trabalho comunitário, e o que é necessário para nós vivermos nessa sociedade. Com essas temáticas tu vê outras que são necessárias a serem inseridas nos conteúdos que definimos no projeto. A princípio todos os conteúdos tinham uma grande importância, e que no desenrolar fomos

observando que a demanda era ainda maior por outros conteúdos ainda mais importantes e estarem sendo contemplados são coisas simples, mas necessárias, tais como fazer uma ata, que é o capitalismo que foi uma parte que o Breno esclareceu. Deveria ter sido dado de outra forma, e eu acho que estava insegura, que eu não estava confiante, até pelo medo e pelo desafio como eu falei. Mas eu acho que foi grandioso, e que eu ganhei muito. Acho que era muito pouco tempo, foram muitos educadores. Tinha que ser definido. Um educador tem duas horas, então tem que seguir. Se vão dois educadores, então vamos sentar antes, vamos definir os conteúdos pra gente saber o que vai explicar, não cada um fazer em casa e juntar depois. Porque a gente tem muita informação e precisa organizar as idéias. Para quem entrou como foi o meu caso ficou um pouco difícil, porque eu pensei numa coisa mais prática e o Breno pensou totalmente teórico. Acho que poderia ter sido muito mais rico se ele usasse o que ele trabalhava com a gente no diálogo, entendeu?. Eu acho que foi muito acadêmico com os cursistas. Por exemplo quando eu apliquei a dinâmica dos barcos, ela surpreendeu, surpreendeu bastante, porque era para eles entenderem o que era a linha de produção e eles entenderam outra coisa. Na realidade, eu acho que eles tinham a necessidade de mostrar o que estavam vivendo, que era a ansiedade de saber como é que iriam fazer a comunidade participar. Trazer mais pessoas, como mobilizar. Eles queriam ter informação, mas principalmente, queriam saber como mobilizar. Deu pra perceber que ao fazer uma dinâmica, tu não podes ser totalmente objetivo, tens que deixar ela acontecer, eu acho que ela poderia ter tomado vários caminhos e tu tinhas que direcionar, mas o interessante é tu deixares ela acontecer por si só. Eu não vi todos os encontros, mas eu acho que tivemos uma boa linguagem, eu só acho que tiveram alguns pontos que a gente deveria ter mudado um pouco, até porque a gente se surpreendeu com alguns cursistas, tiveram uns que cresceram muito. O Sr. Carlitos foi um que foi incrível o crescimento que ele teve, às vezes eu o encontro, e é fantástico quando isso acontece. Eu acho que houve um crescimento muito grande. Nem todos souberam aproveitar, até porque certas pessoas já tinham um conhecimento, mas eu acho que todos foram importantes.”

**Simone** – “Em relação ao conteúdo, eu acho que ele se voltou mesmo para a realidade daqueles sujeitos que estavam pedindo esse trabalho. Para mim foi uma possibilidade de realmente poder trabalhar um conteúdo que na minha opinião é muito importante para esse segmento social, então veio assim ao encontro das aspirações deles, foi uma coisa bem gratificante. O conteúdo que eu trabalhei achei muito importante. Eu tratei justamente do processo de aproximação das pessoas ali no grupo, a chegada, a acolhida na aula, e pra mim eu me senti bem satisfeita com o trabalho que foi feito, de como eles se envolveram, participaram das dinâmicas, enfim, me senti bem gratificada. Da minha parte achei que a linguagem e a didática foram bem de acordo, me senti bem satisfeita. E sobre os outros não saberia dizer.”

**Clecí** – “O conteúdo ministrado na minha opinião foi muito intenso para o pouco tempo que havíamos para trabalhar. Poderia ter sido mais bem explorado em vários módulos com um tempo maior. Em relação aos temas acho que foi muito interessante, pois pelas várias manifestações dos educandos era isso mesmo que eles estavam precisando. Esse ponto (linguagem e didática) depende muito de cada educador e da metodologia por ele adotada. Na minha opinião precisamos trabalhar com dois tipos de linguagem, uma em nível de conteúdo/grupo, outra em nível de apresentação para os educandos. Em nível de grupo todos sabemos o quanto é complicado construir no coletivo, mas com certeza a consistência do conteúdo é muito melhor.”

**Sirlândia** – “Significou momentos de prazer, reflexão, socialização e aprendizagem:

Prazer – No sentido de estar como “o outro” ou melhor, com “outros” seres diferentes em suas especificidades e identidades, porém, dotados de ideais e buscas que expressam o desejo comum de construir um mundo, onde os que nele vivem ou viverão possam considerá-lo melhor.

Reflexão – As reflexões em relação ao conteúdo, à didática e à linguagem adotadas em cada etapa do curso, foram fundamentais para se reavaliar e readaptar os mesmos diante das especificidades do grupo e dos próprios educadores.



Socialização – Significou também espaços para socialização de experiências, didáticas, conteúdos e instrumentos de intervenção na realidade, os quais foram socializados tanto por parte dos educadores como também pelos cursistas.

Aprendizagem – Pode-se aferir que o processo de socialização resultou em diversos aspectos: uma aprendizagem por parte dos que dele participaram, através das discussões no grupo de educadores como nas várias etapas, nas quais pode-se destacar pontos positivos e negativos em termos de conteúdo, linguagem e didática.”

**Carlos** – “Especificamente em relação ao conteúdo que me coube ministrar, foi para mim gratificante e bem tranqüilo, uma vez que o tema, além de me interessar é um tema no qual transito com certa segurança. A questão da linguagem e da didática é sempre uma questão que merece reflexão redobrada. A par de perseguir-se didáticas mais adequadas a nossas comunicações, fica-me a sensação de que poderia ser melhor. Pessoalmente procuramos o tempo todo trazer as reflexões para um patamar de compreensão comum, exemplificando por vezes, fazendo nexos com o que os cursistas traziam, enfim tentando através de uma didática dialógica empreender a melhor troca de saberes que éramos capazes de fazer. Isso de certa forma impediu que eu conseguisse desenvolver todos os conteúdos preparados. Certamente o tempo foi muito pouco, haja vista o ritmo do grupo, sua heterogeneidade e devido à didática mais participativa.”

- 2) Na sua opinião este projeto trouxe contribuições para o Movimento Socio-comunitário e Popular?

**Anadir** – “Com certeza, muito. Eu vejo assim: quando voltar esse projeto, se voltar novamente, fazer com que as pessoas entendam a política, tanto a política social quanto a política partidária. Nós temos que preparar o nosso povo para as próximas eleições, para a melhor escolha dos candidatos, dos nossos governantes. Precisamos de umas mudanças aí também. O Breno, por exemplo, ele falou legal nisso, pena que foi pouco tempo.”

**Andréa** – “Sem dúvida, eu acho que sempre estar trazendo contribuições para

discutir esse tipo de tema. Tu estás encorajando e tu estás incorporando o saber popular, mostrando caminhos, mostrando como podem estar indo atrás daquilo que eles estão necessitando. Acho que abriu a visão deles. Com certeza abriu novos caminhos. É a questão do conhecimento mesmo, porque às vezes eles estão organizados e não sabem como chegar, ter acesso. Então socializar esse tipo de informação é muito importante. Com certeza eu acredito que ajudou eles, e muito.”

**Luiz** – “Eu acho que esse projeto trouxe contribuição, mas não dá pra dizer que essas pessoas que participaram do curso vão fazer com as informações, isso nós só vamos saber daqui a pouco. A intensidade com que essas pessoas absorveram essas informações, também nós só vamos saber daqui a pouco. Acho que no sentido geral é um avanço muito importante, e talvez esse curso vai ser o carro-chefe que vai completar essa lacuna no movimento sociocomunitário, agora se isso trouxe contribuição ou não, nós só vamos saber mais tarde.”

**Luciane** – “Ah! - com certeza. Tanto que eu acho hoje necessário trazer para outras localidades. Que bom se todas as prefeituras adotassem esse método de proporcionar às associações uma estruturação (financeira), porque se a gente desse mais cursos, estaríamos mais atualizados, estaríamos se adequando a cada demanda que eu acho que era o que o NESSOP devia fazer, que era de abrir um pouco mais, de estar trazendo pessoas que tenham interesse de participar. Eu acho que este projeto é muito bom mesmo.”

**Simone** – (Sobre as contribuições do projeto ao movimento sociocomunitário) “Bom, eu não tenho elementos para ver até que ponto mesmo contribuiu. Mas com certeza a partir daquilo que eu vivi, pelo fato deles terem se reunido, de terem participado, e das avaliações que fizeram com certeza eles puderam se ver num processo de trabalho, e com certeza fizeram alguma análise crítica sobre isso. Eu penso que foi um processo que trouxe contribuições, acho que principalmente na maneira como eles se posicionavam como líderes e como eles atuavam, e também na consciência que eles adquiriram de alguns temas que o curso trouxe. Isso ficou claro no processo de avaliação que eles fizeram.”

**Cleci** – “Na minha avaliação, acho que trouxe contribuições. Pois é na base, no

poder local que as coisas acontecem, que surgem os movimentos de reivindicações e as manifestações por políticas públicas a partir das necessidades dos sujeitos, e para isso as lideranças precisam estar informadas e formadas para argumentar e reivindicar.”

**Sirlândia** – “Acredito que tenha trazido contribuições (apesar do grupo ser pequeno), sementes para o florescimento de uma nova relação entre Estado e Sociedade, dotadas de novos valores ético-políticos, no entanto, os frutos de tal projeto são difíceis de serem captados de imediato, pois não acompanhamos na prática os frutos que no coletivo plantamos, os quais poderão ser germinados por várias gerações.”

**Carlos** – “Espero que sim. Acredito que sim. Mas, no caso, o que vale é a avaliação dos cursistas.”

3) Na sua opinião, como você viu os trabalhos da comissão local?

**Anadir** – “Eu achei um pouco falho, porque a gente pediu para as pessoas virem. Certas pessoas não vieram no dia e criticaram a comissão, então essa coisa de escolher essa comissão a gente tem que cuidar muito. Chamar a primeira, chamar a segunda, ir a casa e fazer uma visita. Diz: olha a gente está discutindo isso, explicar a situação para a pessoa, inclusive levar um papel para protocolar as inscrições. O pessoal da UNAMI é que deveria estar à frente disso, para depois não dizer assim: *vocês não me convidaram, entendeu?*.”

**Andréa** – “Os trabalhos da Comissão Local não estavam muito organizados. Na verdade a UNAMI tomou um pouco à frente, assim, ao mesmo tempo em que ela centralizou, ela também não foi atrás, não providenciou as coisas que ela teria que estar providenciando. Foi uma falha, eu acho assim, ela acabou centralizando para ela, mas ao mesmo tempo não tomou as providências que deveriam ser tomadas. Então eu acho que faltou um pouquinho de união da comissão local, com certeza faltou. Acho que não entenderam o verdadeiro motivo de estar formando uma comissão local. Até mesmo de estar mobilizando as pessoas, tudo isso a gente viu em vários momentos que o pessoal estava desmobilizado, desmotivado, então eu acho que foi falho.”

**Luiz** – “Eu acho, que dentro daquilo que a gente tem experiência no movimento

comunitário, eu acho que eles (comissão local) se organizaram bem. Tive pouco contato, mas em geral eu acho que eles se articularam bem. Posso dizer a partir do atendimento que eu tive nas aulas, na presença deles, a organização da sala, eu acho que nesses aspectos, eles foram bem articulados. Esse grupo era muito heterogêneo, tinha muitos interesses e eles fizeram um pacto e organizaram bem essas questões. Então nesse aspecto eu acho que eles viabilizaram para que o que foi feito, acontecesse.”

**Luciane** – “A princípio eu achei bem interessante a comissão local. Parecia que estava bem-interessada, bem-determinada. Queriam estar trazendo bastante benefício, só que nas últimas etapas eu senti que deixou um pouco a desejar, nas últimas etapas era jogado, não tinha ninguém pra dar o conteúdo. Então eu acho que no final a comissão local ficou um pouco distante dos educadores e cursistas, até porque eu acho que no final elas não estavam dando conta do conteúdo do PROSANEAR. Hoje eu falo isso porque eu trabalho lá. Esse trabalho envolve muito tempo e dedicação, são muitas as ações e várias as cobranças tanto da Caixa Econômica quanto da CASAN. Então para propor um curso assim, tu tens que estar determinado a abrir mão de várias coisas. *Estar dedicada no final de semana, que é quando as pessoas têm tempo para poder fazer o curso. Para tu propores um projeto como este, tu tens que estar preparada para dar dedicação e saber que o curso envolve pessoas, que as pessoas são dinâmicas, não pode estar determinando que elas façam uma coisa, se elas tem compromissos às vezes mais importantes.*”

**Simone** – “Na minha experiência eu trabalhei no primeiro encontro. Achei um trabalho (da comissão local) meio desarticulado, um pouco desorganizado porque a gente chegou na hora da aula e não tinha a sala preparada, começamos com atraso, eu trabalhei uma hora menos do que foi esperado, não havia uma estrutura adequada. Também percebi questões de conflito entre a Assistente Social e algumas pessoas líderes, então eu fiquei um pouco em dúvida em relação à concepção e a relação que esse profissional tinha ali com as lideranças, e como eu já falei da minha experiência, acho que faltou organização.”

4) O que significou para você definir no coletivo os conteúdos e procedimentos didáticos ministrados no curso?

**Anadir** – “Eu achei que é legal fazer isso no coletivo, fazer essa mesa-redonda e definir isso entre várias pessoas. Várias pessoas juntas pensam melhor, as opiniões às vezes divergem, mas reúne tudo e forma uma coisa só. Acho muito importante essa democracia. Eu acho que a pessoa responsável pelo NESSOP está de parabéns, porque ela está chamando as pessoas na hora de montar o projeto para elas darem opinião, porque têm muitas pessoas que conhecem a realidade do lugar, e é importante estar vindo pra conhecer que realidade é esta. Acho muito importante esse trabalho em coletividade, penso que a gente deveria estar trabalhando mais coletivamente.”

**Andréa** – “Foi superimportante, porque assim era uma forma de se estar avaliando a maneira de como a gente estava conduzindo esse curso. Porque como ele foi construído, ele não estava pronto. A gente foi construindo ele a cada encontro. Era fundamental estarmos discutindo isso com os educadores, estarmos nesses encontros falando as nossas pontuações. Eu acho muito importante a gente discutir isso no grupo para entendermos o que o outro estava passando para não ficar uma coisa desarticulada: vai lá fala um monte de coisas, e o outro nem sabe o que foi dado anteriormente. Às vezes até repete o conteúdo porque não sabe o que o outro falou. Então foi superimportante, ainda mais porque era um local distante, então era importante termos essas reuniões para estarmos avaliando e revendo de que maneira a gente iria conduzir, quais os conteúdos mais importantes. Achei superimportante mesmo.”

**Luiz** – “É importantíssimo Fabiana esse tipo de troca entre os educadores. É fundamental, porque se estivéssemos abordado essa questão de articulação de um conteúdo com outro, a qualidade do curso seria outra. Talvez o aproveitamento para o movimento social seria outro, poderia até ser outro. Então esses encontros foram muito bom, isso é fundamental. Das poucas vezes que eu fui, foi muito importante, porque você ouvia o colega falar da experiência, você ouvia o colega falar daquilo que pensa, é fundamental para

você não ficar repetindo conteúdos, então isso é muito bom. Não consigo imaginar um grupo de educadores que está responsável por uma formação em determinada comunidade que não seja assim, não dá pra pensar.”

**Luciane** – “Quem faz parte de um grupo desse tem que estar determinado a participar e a contribuir, não só com o conteúdo que ele vai dar, mas também com os outros educadores que estão atuando, para ter comunicação do que foi dado anteriormente, o que é que está sendo proposto na outra temática. Tem que participar, não pode ir lá e só dar a aula, tem que participar das reuniões. Eu acho que o que tem que ficar claro é que não é somente a Iliane que deve tocar o barco, o que aconteceu muito. Cada um tem as suas limitações, porém eu acho que a proposta inicial era de estarmos montando todos os encontros no coletivo com os educadores, e isso não aconteceu bem assim. Eu acho que quem está interessado em participar como educador nesse projeto, tem que estar preparando a aula, tem que estar vindo nas reuniões semanais, porque (a ausência) é falta de respeito com as pessoas que estão esperando.”

**Simone** – (sobre a definição e dos conteúdos e procedimentos didáticos no coletivo): “Eu participei pouco, mas foi fundamental pra esse tipo de trabalho que é um desafio, uma coisa nova na academia, trabalhar ativamente com um público popular. A gente não tem outra maneira de conseguir ter êxito sem ser um processo que a gente tem que aprender mesmo discutindo com os outros, trocando experiências, trocando didáticas e dinâmicas. Se não tiver esse coletivo, realmente fica muito difícil poder se avaliar no processo. Então pra mim significou a condição ideal de trabalhar com esse perfil de grupo que é um grupo popular e com os objetivos que a gente tinha de alcançar um êxito nesse sentido de ser um educador mesmo, de estar envolvido nesse processo de formação. Nesse sentido eu achei muito gratificante.”

**Cleci** – “Na minha avaliação acho que o grupo precisa amadurecer mais para construir junto. Acho muito válido. Pois, hoje não saberia mais trabalhar e construir sozinha, apesar de às vezes ser necessário. Mas com as evoluções tecnológicas, com certeza não teremos condições de acompanhar sozinhos, penso que somando forças no coletivo, as coisas acontecem mais facilmente e com melhor conteúdo, com certeza quem sai ganhando com isso são as

pessoas, nesse caso as lideranças comunitárias.”

**Sirlândia** – “A definição no coletivo dos conteúdos e procedimentos didáticos foram fundamentais para que o curso tivesse uma seqüência baseada em cada etapa precedente, adequando-se o conteúdo e a didática conforme os anseios, questionamentos e pontos críticos levantados pelos participantes. Com tal metodologia, cada educador teve a oportunidade de, mesmo sem ter participado de todas as etapas, contribuir para a construção e avaliação de cada etapa do curso.”

**Carlos** – (sobre a contribuição do projeto para o movimento sociocomunitário e popular): “É fundamental, sempre, a definição no coletivo, tendo em vista uma coerência e continuidade dos conteúdos e da linha metodológica a ser seguida. Em verdade não pude participar de todas as reuniões anteriores ao curso, em virtude do dia coincidir com as reuniões em minha associação, porém achei todas que estive muito importante.”

### **3.3 Análise das categorias das entrevistas aplicadas à comissão local, cursistas e educadores:**

Quando se realizou a pesquisa, algumas categorias norteadoras de análise foram surgindo nas várias respostas obtidas com o grupo de cursistas. Foram levantadas pontuações em relação ao **conhecimento**, à **participação individual** e à **coletiva**, à **cidadania**, à **união**, à **organização**, à **mobilização**, à **motivação**, à **luta** e à **cultura**.

Segundo, Maduro (1994, p.162) "A categoria – **conhecimento** deve ser compreendida no interior das relações sociais e práticas cotidianas". Se assim entendida, o Projeto de Formação Política do NESSOP/DSS/UFSC tem como público-alvo às pessoas com reconhecida experiência em movimentos sociocomunitários em práticas cotidianas no seu bairro e na sua cidade. E se conhecer é reconstruir, cada temática foi trabalhada para que na prática esses **conhecimentos** surjam, e que colocados nesse processo com a **participação** ativa dos agentes do movimento sociocomunitário, possam ser ferramentas para a construção de projetos coletivos e participativos no contexto do

movimento sociocomunitário e popular.

Quando se deparou com a categoria **conhecimento**, logo vem a memória que este é fruto de diversas formas e modos de produção de saber, e que este **conhecimento** é construído e socializado, principalmente no âmbito do ensino formal. Nessa pesquisa identificou-se o **conhecimento** concebido como uma contribuição para a produção e a sustentação nos movimentos sociais dos diversos momentos da sua **luta** pela transformação social. Ocorre que esse esforço de socializar no âmbito do popular o saber, ainda é muito pequeno nos dias atuais e que, segundo Souza:

O problema pois, repito, é produzir um conhecimento que sirva à transformação das atuais relações sociais e à construção/consolidação de outras relações sociais, cooperativas, solidárias, humanizantes, num Estado qualitativamente diferente. (SOUZA:1988, p. 70).

Para que os sujeitos conquistem espaços de descobertas no sentido da ação coletiva é necessário que busquem alternativas possíveis de alcance dos anseios existentes, e para que isso ocorra é necessário que eles se **organizem**. Assim, todo o conhecimento partilhado vem ao encontro de um processo educativo de repasse de informações, a fim de que estes possam ter uma consciência da situação vivenciada, e organizadamente reflitam e busquem soluções às situações que estão postas no cotidiano do seu *movimento sociocomunitário e popular local, bem como nas suas relações com os movimentos mais abrangentes.*

Neste contexto, o profissional de Serviço Social propõe desenvolver um trabalho com os agentes comunitários, (aqui definidos como os cursistas) para criar condições de **participação** e de inserção consciente no cotidiano da vida comunitária, conhecendo as questões relativas à qualidade de vida (meio ambiente, trabalho x emprego, segurança, projetos socioeducacionais e projetos de cultura e lazer), bem como conhecer a sociedade em que se vive e suas relações de produção e **poder**.

Se o **conhecimento** surge de reflexões sobre a prática da vida cotidiana, este **conhecimento** está em constante transformação, pois a cada dia surgem novas categorias de análise e de estudo para que este venha a ser



compreendido por aqueles que buscam significações. Outro ponto importante que o presente estudo revela é de que o processo de **participação** popular é um processo de construção. A experiência de **participação** é entendida como a aproximação com os outros valores: conhecimento, prática, cultura, e estes resultam em trocas que potencializam a apropriação de novas práticas, com maior coerência entre o fazer cotidiano e a busca da cidadania.

A temática **participação** tem acompanhado a evolução do homem desde os tempos primitivos, a tribo, o clã, até as empresas, os partidos políticos, as associações de bairro, etc. E o homem poderá exercer seu potencial pleno de ser humano em uma sociedade que favoreça a participação de todos.

A participação é o caminho natural para o homem exprimir sua tendência nata de realizar, fazer coisas, afirmar-se a si mesmo e dominar a natureza e o mundo. Além disso, sua prática envolve a satisfação de outras necessidades não menos básicas tais como a interação com os demais homens, a auto expressão, o desenvolvimento do pensamento reflexivo, o prazer de criar e recriar coisas, e, ainda a valorização de si mesmo pelos outros. (BORDENAVE: 1986, p.10).

Todo e qualquer tipo de **participação** deverá ser dado de forma espontânea no sentido da liberdade de expressão, para levar os homens e mulheres a uma forma de participar na **luta** por transformações nas estruturas sociais, exigindo que as classes dirigentes sejam gestores das reais demandas colocadas pela sociedade civil organizada.

Através da participação, a população aprende a transformar o Estado, de órgão superposto à sociedade e distante dela, em órgão absolutamente dela e próximo dela. (BORDENAVE: 1986, p. 56).

O Projeto de Formação Sociopolítica traz em sua essência para que a política de formação se concretize é primordial a efetiva **participação** dos sujeitos, isto é, os educadores, monitores, comissão local e cursistas. A **participação** é importante nessa trajetória, pois constitui um processo dialético numa prática cotidiana, onde o efetivo processo participativo se concretizará a partir de diversidade e complexidade das relações sócio-humanas.

Neste projeto a **participação** dos cursistas foi sendo construída de

forma **individual** e **coletiva**. **Individual**, ao se tratar das contribuições por eles expostas e que tinham uma referência com o tipo de cultura, no qual foram criados e educados, com um julgamento próprio a respeito de cada temática trabalhada. *A mudança no plano da consciência foi sendo estabelecida ao sujeito cursista, para que este, como agente do movimento sociocomunitário seja um sujeito conscientizado que busca na luta do seu movimento alterações no seu modo de pensar e agir. Porém, sabemos que as lutas não são construídas individualmente. Para isso é preciso que a participação seja construída coletivamente, se dando pela integração de diferentes grupos sociais, aqui definidos como associações de moradores e conselhos comunitários. "A força do grupo compensa a fraqueza do indivíduo".(DALLARI: 1983, p. 44).*

Todos os seres humanos necessitam da vida social, pois a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana, dado que o homem é um ser social por natureza, sendo que tudo que tem ou realiza é tido como desenvolvido em sociedade. Não porque necessita dos serviços dos outros, mas porque todo ser humano tem necessidades afetivas, psicológicas e espirituais que só poderão ser atendidas com a integração com outros seres humanos.

O que equivale a afirmar que não há participação sem subjetividade, nem subjetividade sem participação. Ambas são fenômenos da mesma substância, de forma que, para mudar a qualidade da participação, é preciso mudar a ontologia da subjetividade.(WARREN: 2001, p.122).

Ao se organizar e ao participar da vida sociocomunitária como um ser que constrói coletivamente, o agente que participa desse projeto é um construtor de mudanças e GOHN coloca que,

*O coletivo deve ser o cenário, o espaço de construção das vontades através do pluralismo de idéias, de seus confrontos e da formulação de linhas comuns que possibilitem a canalização das vontades individuais em vontades coletivas (GOHN: 1994, p.108).*

Como não existe a **participação** acabada ou suficiente, os homens participam para organizar seus espaços, seja na vida em família ou

comunitária, para gerar seu próprio destino, para ter vez e voz nesta sociedade dita democrática, porém encoberta por falsas ideologias dos detentores do poder e do capital.

Quando discutimos participação, estamos nos posicionando sobre concepções de sociedade, de cidadania, de ética e de justiça, bem como sobre educação popular e movimentos sociais, desigualdade e exclusão social. (WARREN: 2001, p.120).

Nesta direção, nos processos político-organizativos, sociocomunitários, a participação potencializa o ser coletivo e individual provocando a emergência de uma cidadania ativa na sociedade local e global.

A organização comunitária significa que todos os grupos e instituições estão de tal maneira entrosados que constituem parte de um sistema orientado para um fim comum. (HILLMAN: 1974, p. 31).

Se a categoria **participação** é uma ação humana que revela a capacidade de fazer coisas, de realizar e afirmar a si mesmo e ao coletivo suas potencialidades de participar, fortalecem as lutas pela cidadania, referindo-se às relações estabelecidas no mundo da política, da economia, da cultura, e da sociedade civil como um todo. A **cidadania** significa **participação** nas discussões, definições e decisões relativas à sociedade, isto é:

À vida pública e às políticas que regulam as condições do viver em cada sociedade histórica. Cidadania como exercício da democracia na construção continuada e na reposição crítica e criativa da sociedade – não só pelo exercício do voto. (COSTA: 2000, p. 20).

Se entendida que a **cidadania** é o exercício da democracia, CHAUÍ coloca que:

A cidadania não se restringe a questões de direitos; desse modo, deve ser definida através dos princípios da democracia, o que significa afirmar que a luta pela cidadania implica numa conquista social e política diferenciada, ampliando assim a análise sobre o tema. (CHAUÍ: 1984, p.139).

E, se a **cidadania** é o espaço político pelo qual a reivindicação e o exercício dos direitos se exteriorizam, a construção da democracia passa fundamentalmente pela realização da **cidadania**, pois a democracia se dá na

relação com a **cidadania**, onde o espaço democrático é um espaço de **luta** e de **mobilização**, não se firmando como um espaço pronto e inacabado, e sim um espaço que contempla uma busca de democracia que se renova e se atualiza sempre. Esta democracia é representada através da **mobilização** dos movimentos sociais, e o espaço da **cidadania** se dá entre as relações econômicas, políticas e sociais centradas no poder público (Estado), onde os cidadãos buscam instrumentos fundamentais na luta dos direitos sociais contidos nas políticas públicas e na Constituição Federal do Brasil de 1988.

Pensar a **cidadania** no âmbito da prática cotidiana do Assistente Social é pensar em trabalhar as questões dos direitos e deveres, fazendo com que as pessoas acessem **conhecimentos** sobre os mesmos com criticidade. Particularmente, o Projeto de Formação Política, ora apresentado, foi uma alternativa de informação e formação de sujeitos do movimento sociocomunitário na busca da **cidadania** ao habilitar-se a vivenciar o exercício do ser político. Assumir que ser cidadão é organizar-se e participar dos espaços que lhes são assegurados.

A cidadania não se constrói por decreto ou intervenções externas, programas ou agentes-configurados. Ela se constrói como um processo interno, no interior da prática social em curso, como fruto do acúmulo das experiências engendradas. A cidadania coletiva é *construída de novos sujeitos históricos: massas urbanas espoliadas e as camadas médias expropriadas*. A cidadania coletiva se constrói no cotidiano através do processo de identidade político-cultural que as lutas cotidianas geram. (GOHN: 1994, p. 16-17).

A partir de necessidades e carências é que as pessoas se **mobilizam**, se organizam e lutam pelos seus direitos, sejam eles amplos ou restritos ao mundo que os cerca.

A **mobilização** é uma forma de luta, e Batista (1988: p.131) afirma que esta é "o caminho para a afirmação política dos trabalhadores, forma superior de participação democrática do povo e a maneira mais eficaz para defender e ampliar os direitos dos trabalhadores". Pois quando as pessoas se organizam, estão quase sempre buscando alternativas de mudanças, melhorias na qualidade de vida do seu bairro e da sua cidade, e principalmente se organizando politicamente através da **mobilização**. Esta categoria exprime a

necessidade de se estar conquistando as pessoas para que elas se integrem e se **motivem** a estar participando coletivamente sobre os problemas sociais, e estas questões só serão traduzidas com o envolvimento e a participação política das pessoas. Motivados pela ação de construir um novo olhar sobre a sociedade capitalista que se vive, os cursistas participaram ativamente de cada encontro ministrado.

A motivação é a disposição de exercer um nível elevado e permanente de esforço em favor das metas da organização, sob a condição de que o esforço seja capaz de satisfazer alguma necessidade individual. (Texto do Educador Luiz: 2001, p. 3).

A **união** é uma outra categoria que se revela nas falas dos cursistas, pois sem **união** não pode haver integração e envolvimento para a **participação** ativa, consciente e prepositiva. A **união** das pessoas é uma forma de luta para o desenvolvimento da solidariedade entre os diversos setores sociais. O desafio é realizar mobilizações cada vez mais gerais e ampliadas dos setores sociais, ao mesmo tempo em que é preciso enraizar cada vez mais a luta e a **organização** das classes marginalizadas, em favor da população excluída, indo ao encontro do que lhes é garantido.

E, a **união** entre os agentes do movimento sociocomunitário é que configura ações em rede, fazendo com que o movimento cresça e se amplie na troca de experiências e formulação de agendas de lutas que unifiquem o enfrentamento de desafios encontrados no cotidiano desses movimentos.

A categoria **cultura** popular também ganha expressão no contexto do presente estudo. Nas realidades sociais do passado, a expressão "cultura popular" era definida como uma separação rígida entre os grupos sociais, os que classificavam em dominantes e subalternos, onde os valores dos dominantes invadem as manifestações culturais, envolvidas pelas restrições impostas pela elite.

Percebendo a importância de pontuarmos esse tema como um elemento construído historicamente, as **culturas** não existem prontas em armários ou gavetas, elas são parte da estrutura de qualquer formação social, onde os homens a fazem e se fazem na **cultura**, fazem uma determinada sociedade e

dela fazem parte.

Autores como Brandão, falam que:

A palavra cultura deve ser entendida como compreendendo tudo o que existe transformado na natureza pelo trabalho do homem, e, que através da consciência ganha significados. (BRANDÃO: 1981, p. 25).

Para Marx, ao trabalhar o homem produz a **cultura**, e esta, como resultado do trabalho, diferencia o trabalho humano daquele realizado por outros seres vivos. A característica do homem é projetar, conceber o trabalho antes de realizá-lo e de modificar sua concepção durante sua realização. Assim, é desta capacidade que o ser humano tem de trabalhar que se formam as relações sociais, políticas e econômicas. Se o homem é excluído do trabalho, ele é excluído de participar do seu destino e da construção das relações que este trabalho constrói.

Contudo, entende-se que a **cultura** em si não produz ou transforma outras culturas, mas sim as relações sociais que se processam através dos sujeitos, autores e construtores dessa cultura.

O educador popular ao se defrontar com a temática **cultura**, entra em relação com uma série de elementos construído na história cultural destas realidades sociais específicas, junto as quais intervém. Entre eles estão: o modo de viver, expressos pelo vestir, morar, pensar, trabalhar, participar, brincar que se assemelham ou se diferenciam entre os variados grupos sociais, e que o educador popular precisará trabalhar dialeticamente.

Não cabe isolar o contexto cultural dos sujeitos inseridos nas ações de educação popular, e sim deverá impregnar-se das ações culturais que os sujeitos produzem e reproduzem nas suas vidas, e na história de sua comunidade.

Podemos falar de **cultura** popular quando essa é comunicável ao povo, quando seus valores, suas idéias são trabalhadas e suas experiências são compartilhadas entre esses diferentes sujeitos que buscam no resgate da sua história, a força para a aquisição de novos conhecimentos.

E, como define Fleuri,

A cultura popular deve ser pensada como cultura, como

conhecimento acumulado, sistematizado, interpretativo e explicativo, e não como cultura barbarizada, forma decaída da cultura hegemônica, mera e pobre expressão do particular.(...) é preciso reconhecer as culturas populares, no plural, que constituem as diferentes formas de organização social e de interpretação da realidade construídas pelos diferentes grupos sociais que constituem as chamadas "classes subalternas." São culturas com representações sociais e visões de mundo específicas, elaboradas segundo lógicas e categorias próprias. Ao ignorá-las ou desqualificá-las, os intelectuais e operadores sociais correm o risco de não entendê-las, de invalidar estes saberes e reforçar a trama de poder que em nossa sociedade subjugou essas culturas. (FLEURÍ: 2001, p.17).

Portanto, os meios organizados da sociedade civil, envolvidos e engajados nas ações de educação popular, vêem a **cultura** como um processo construído historicamente. Assim, no presente Projeto de Formação Política para Agentes do Movimento Sócio-Comunitário Popular, caminhou-se tentando incluir a realidade **cultural** dos cursistas desenvolvendo os conteúdos temáticos a partir da realidade vivida pelos mesmos.

No item a seguir, buscaremos esboçar algumas conquistas que o Projeto de Formação Política alcançou nas suas atividades desenvolvidas em Itajaí, SC.

### **3.4 Mapa de algumas conquistas cidadãs**

Durante o período de realização das atividades junto ao Projeto de Formação Política (execução e pesquisa), observou-se que muitas foram as conquistas que este projeto proporcionou a todos que, de uma forma ou de outra trabalharam, se envolveram e participaram. Foi uma luta incessante, dado ao árduo e incansável trabalho desenvolvido por toda equipe da Comissão Executiva do NESSOP. Os educadores, comissão local e cursistas foram sujeitos participantes para a obtenção dos resultados e que a partir do olhar, da razão e da sensibilidade, se apresenta o Trabalho de Conclusão de Curso.

Entende-se com ARROYO (1997) que:

*A luta por educação, pela cultura, pelo saber e pela instrução*

encontra sentido, se inserida nesse processo de constituição de identidade política do povo comum. Essa luta, é um momento educativo quando representa uma movimentação, organização, confronto, reivindicação e conseqüentemente expressão prática de consciência do legítimo e do devido. (ARROYO: 1978, p. 77-78).

Este projeto buscou proporcionar um conhecimento humanizador, comprometido ético-politicamente com os cursistas que atuam no movimento sociocomunitário popular de Itajaí, SC, e pode ser constatado nas conquistas dos cursistas.

Com o Félix e o Carlito, que no mês de junho de 2002, passam a ser membros do COMUSA (Conselho Municipal de Saúde de Itajaí, SC).

Hoje eu faço parte do COMUSA. Então eu me preparo bem antes de falar, pra poder chegar. Esse curso foi importante porque eu mudei 100% a minha maneira de me aproximar das pessoas, hoje eu vou com mais detalhes, com mais segurança pra falar com os outros membros da comunidade. (Depoimento do cursista FÉLIX, 14 de julho de 2002).

Pelo seu depoimento, Félix revela um entendimento sobre a participação competente nos movimentos sociocomunitários nas Políticas Públicas.

Uma outra conquista muito significativa que se efetiva no contexto do projeto/curso, foi que o cursista Carlito, retornou para a Associação de Moradores da Fazendinha. No mês de março do corrente ano foi realizada a eleição para a escolha da nova diretoria, e ele se candidatou como diretor de esportes, e a chapa da qual fazia parte ganhou, hoje ele já está novamente envolvido nos assuntos comunitários.

O Sr. Carlito, por exemplo, voltou pra fazer parte da Associação da Fazendinha, ele está lá novamente. Fugia, fugia, não queria nem ver a Fazendinha de perto, daí a gente foi conquistando, conquistando, e hoje ela faz parte da Associação. Então tudo é um trabalho que esse curso trouxe, isso é fruto desse projeto. (Depoimento da cursista Rosângela, 14 de julho de 2002).

Um resultado bastante significativo é que a UNAMI que já vinha lutando por uma nova sede há um bom tempo, segundo seus participantes Toninho e Idalina, após o término do projeto na cidade de Itajaí, SC, receberam uma sede mobiliada e uma linha telefônica para os contatos internos e externos, entre as entidades sociocomunitárias e as parcerias. Isto os fortaleceu a promover



atividades de formação onde, como educadores adotaram muitas das dinâmicas e temáticas utilizadas no projeto/curso. Exemplo deste avanço é a declaração do cursista Toninho:

A dinâmica do objeto, por exemplo, nós já a fizemos em três cursos aquele tipo de apresentação, o pessoal se soltou a partir daquele momento no curso, então eu senti assim que, é um tipo de dinâmica muito importante pra se fazer no início de qualquer trabalho, fazer com que as pessoas se apresentem mesmo, porque as vezes o objeto apresenta mais a pessoa do que ela só falando o seu nome. (Declaração da entrevista do dia 14 de julho de 2002).

Uma outra conquista muito importante foi à realização de um outro curso de formação política, este promovido pela UNAMI, com parceria do FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador)/ UNIVALI (Universidade do Vale de Itajaí). Os sujeitos participantes foram os que concluíram este Projeto do NESSOP/DSS/UFSC, e com outros integrantes do movimento sociocomunitário de Itajaí, SC. Segundo a Idalina: “70% deste grupo, continuou num outro curso que a UNAMI promoveu logo em seguida.”

Uma nova conquista das mais significativas foi a união, a solidariedade, a confiança no ser e fazer coletivos. Pela colocação de cada membro no momento da pesquisa se pode constatar que o projeto/curso fortaleceu positivamente vínculos político-afetivos, e também subsidiou a formação de uma prática sociocomunitária de grupo com continuidade, e onde o encontro é reconhecido como espaço público fundamental à vida cidadã com felicidade. Atualmente a cada mês realizam uma reunião em uma das comunidades de origem das lideranças sociocomunitárias, participantes das atividades de formação, para conhecerem os projetos de cada uma. No processo de reflexão partilham contribuições e sugestões aos trabalhos sociocomunitários com a intenção de cultivarem seus vínculos de união e de articulação de um projeto do movimento sociocomunitário local, capaz de influir com participação e relações democráticas nos processos de humanização da vida social contemporânea.

Este curso influenciou tanto que a gente agora promove esses encontros mensais pra não acabar mais. (Depoimento do cursista Carlito no dia 14 de julho de 2002).

O curso acabou, e nós ainda estamos nos reunindo mensalmente em cada associação pra dar continuidade aos estudos. (Depoimento da cursista Idalina no dia 14 de julho de 2002).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maioria dos seres humanos tem dificuldades de se despedir de qualquer coisa que lhe tenha trago benefício, seja uma amiga que sempre esteve presente e resolveu se mudar; um fim de tarde numa praia aconchegante, ou seja, no caso da despedida de um trabalho que tanta alegria e aprendizado trouxeram para a formação teórico-prática, no campo do Estágio Curricular Obrigatório da formação acadêmica do profissional Assistente Social.

A construção de um projeto que vem ao encontro da Formação Socio-Política de Agentes do Movimento Sociocomunitário e Popular, desenvolvida pelo Núcleo de Estudos em Serviço Social e Organização Popular do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, onde se centrou a experiência acadêmica da futura profissional Assistente Social. Parte das primícias básicas que o Núcleo defende, que os processos de organização e participação sociocomunitária e popular, enquanto uma área do conhecimento norteador das ações do Assistente Social, é uma área de atendimento às demandas por formação política, possibilitando a habilitação desses sujeitos para intervirem politicamente na defesa de seus interesses, na construção de relações participativas e humanizadoras.

Reconhecendo que esse processo de formação permitiu produzir uma identidade profissional identificada com as ações desenvolvidas, frente ao *movimento sociocomunitário*, *revela-se que foi muito importante estar pesquisando e produzindo esse trabalho, haja vista que este poderá servir de base para a elaboração e avaliação de outros, que possivelmente se estenderam na relação Universidade/Sociedade.*

Observou-se que a ação de muitos dos agentes sociocomunitários, participantes deste projeto ganharam inúmeros sentidos e interpretações. As pessoas envolvidas foram construindo uma prática cotidiana de relacionamento com outras pessoas, vivenciando e desafiando o ato de fazer e se fazer na sociedade, com idéias interessantes e com uma visão social, comprometida com a vida no seu bairro e na sua cidade.

Conflitos sempre existirão numa sociedade capitalista, onde alguns sujeitos sempre irão tentar ludibriar os que detêm de menos conhecimento da realidade. Porém, com formas prepositivas de mudanças, como a trazida através do Projeto de Formação Política do NESSOP, buscar-se-á trazer práticas tanto a nível micro como no macro para o processo de participação, organização e educação desses agentes sociocomunitários, muitos deles excluídos do conhecimento formal.

Finalizando, constata-se que a trajetória do projeto de formação se firmou como uma ferramenta na luta contra o neoliberalismo, uma luta pelo conhecimento para o enfrentamento das questões contra a manipulação sociopolítica em busca de ações para um fazer consciente com a união de forças e aspirações por uma sociedade com mais soberania para todos.

Como propostas para que este projeto se firme ainda mais na relação com os movimentos sociocomunitários destaco:

Pela visão que se pode ter da importância desse projeto para agentes sociocomunitários de Itajaí, se propõe que o mesmo não tenha um fim em si, e que este venha a se estender para outras localidades, regiões e no Estado, consolidando-se como uma política de formação permanente para que as ações do movimento sociocomunitário e popular catarinense forjem com competência ético-política, crítica e prepositiva com os demais segmentos da sociedade civil organizada, à conquista de um desenvolvimento social, humano e ecológico equitativamente sustentado na relação local e global.

*A partir da vivência se propõe que sejam elaborados textos como, cartilhas, cadernos, vídeos, jornais para que os agentes sociocomunitários possam estar consultando-os no dia-a-dia das suas ações nas entidades sociocomunitárias, como apoios aos seus trabalhos.*

Finalizando, ainda propomos que os educadores(as) que vierem a participar de um projeto de formação sociopolítico permanente, sustentem suas ações didático-pedagógicas, dinâmicas de encontros sistemáticos partilhando as experiências, saberes, conquistas e obstáculos que na contraditória relação ensino-aprendizagem se revelam.

## FONTES BIBLIOGRÁFICAS

- ARROIO, Miguel. Educação e exclusão da cidadania. In: BUFFA et al. **Educação e Cidadania**. São Paulo: Cortez, 1987.
- ALDAIZA, Sposati et al. *Ambientalismo e participação na contemporaneidade*. In: SAWAIA, Bader Burihan. **Participação social e subjetividade**. São Paulo: EDUC/FAPESC, 2001, 229 p.
- ALDAIZA, Sposati et al. *Ambientalismo e participação na contemporaneidade*. In: WARREN, Ilse Scherer. **Movimentos sociais e participação**. São Paulo: EDUC/FAPESC, 2001, 229 p.
- ALER-BRASIL, IBASE, FASE, SEPAC/EP. **A entrevista: manuais de comunicação**. São Paulo: Paulinas, v.1, p. 3-44, 1987.
- AMMAN, Safira Bezerra. **Movimento popular de bairro: de frente para o Estado, em busca do parlamento**. São Paulo: Cortez, 1991, 175 p.
- ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BARBOSA, Filho Manuel. **Introdução à pesquisa: Métodos, Técnicas e Instrumentos**. Rio de Janeiro. Livros técnicos e científicos, 1980, p. 223-253.
- BATISTA, João et al. **Partido Comunista Brasileiro: união do povo contra o neoliberalismo**. São Paulo: Anita Garibaldi Ltda., 1998.
- BENJAMIM, Alfredo. **A entrevista de ajuda**. 9ª ed. São Paulo. Martins Fontes, 1988.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação popular**. São Paulo. Loyola, 1984.
- \_\_\_\_\_. **O ardil da ordem: caminhos a armadilhas da educação popular**. 2ª ed. Campinas. Cortez, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Lutar com a palavra: escritos sobre o trabalho do educador**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Pensar à prática: escritos de viagem de estudos sobre a educação**. São Paulo: Loyola, 1990.
- Brasil. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1999, 360p.

Brasil. Lei 8662, de 7 de julho de 1993. Regulamentada o art. 4º, inciso IX, do **Código de Ética do Assistente Social**. Brasília: Conselho Federal de Serviço Social, 1997.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **O que é participação**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CASTRO, Zulamar Maria de Bittencourt. **NESSOP: algumas considerações introdutórias**. Florianópolis: UFSC, 1995.

CHAVES, Luiz. Texto do Projeto de Formação Política NESSOP/DSS/UFSC: **O que é ser dirigente comunitário**. 2001.

COSTA, Beatriz. Cadernos de educação popular I: **Para analisar uma prática de educação popular**. Rio de Janeiro: Vozes. 1977.

DALLARI, Dalmo de Abreu. **O que é participação política**. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

DEMO, Pedro. **Participação é conquista**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

ESTATUTO E REGIMENTO GERAL DA UFSC. Florianópolis: UFSC, 1999, 73p.

FASTIN, Maristela. **Construindo cidadania e dignidade**. Florianópolis: Insular, 1997, 280p.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, 150p.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

HILLMAN, Artur. Organização da comunidade e planejamento. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir editora, 1974, 365p.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. A questão social no capitalismo. **Revista temporalis nº 3**. Rio de Janeiro, ano III, p. 09-32, jan. - jun de 2001.

\_\_\_\_\_. Projeto profissional, espaços ocupacionais e trabalho do Assistente Social na atualidade. **Revista CEFESS**. Brasília, v.1, p.13, fev. 2002.

KRUPPA, Sonia M. Portella. **Sociologia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

LISBOA, Tereza Kleba. **Texto: tipos de pesquisa**. 2001.

LODI, João Bosco. **A entrevista: teoria e prática**. São Paulo: Pioneira, 1970.

OLIVEIRA, Antônio Carlos de; ROCHA, Regina et al. Educação popular: prática plural. In: **Pertência, atualidade e importância política das referências da Educação Popular**. Rio de Janeiro: Nova Pesquisa e Assessoria em Educação Popular. 2000. P.13-27.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyola, p. 204-258, 1987.

PELLISSARI, Maria Aparecida. **A condição cidadã: valores éticos na individualidade**. Piracicaba: UNIMEP, 1995, 148 p.

**Projeto Estadual de Agentes Formadores de Lideranças Comunitárias – Construindo Cidadania**. Florianópolis: FAMESC-UFSC/DSS/NESSOP, 2000.

SELLTIZ, Claire. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Cortez, 1996.

SIRVET, Maria Tereza. **Educação comunitária: A experiência do Espírito Santo**. São Paulo: Brasiliense, 1984, 261p.

SOUZA, João Francisco. A produção do conhecimento na educação popular. **CADERNOS ABESS**, nº 2, São Paulo: p. 68-80. out. de 1998.

SPINK, Mary Jane et al. **A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 1994.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **Educar para transformar: Educação popular, Igreja Católica e política no movimento de educação de base**. Rio de Janeiro: Vozes, p. 362-331, 1984.

WARREN, Ilse Scherer. **Movimentos sociais**. Florianópolis: UFSC, 1984, 150p.

## **ANEXOS:**

ANEXO I – Ficha de inscrição dos cursistas;

ANEXO II – Projeto de Formação Política;

ANEXO III – Caderno Memorial dos cursistas nº 1;

ANEXO IV – *Texto da educadora Luciane;*

ANEXO V – Texto do educador Breno;

ANEXO VI – Texto da educadora Cleci;

ANEXO VII – Texto da educadora Sirlândia;

ANEXO VIII – Texto do educador Luiz.



Cadastro dos educandos do Curso de Formação Política para Agentes do  
Movimento Sócio – Comunitário Popular.

IDENTIFICAÇÃO DO CURSISTA:

NOME: Alda de Fátima Costa		
SEXO: ( ) Masculino (X) Feminino	DATA NASC: 05/10/1955	IDADE: 46
NATURAL: Terezina		ESTADO: PA
ESTADO CIVIL: Casada	COMPOSIÇÃO FAMILIAR: 05	
ENDEREÇO: Rua São José, Nº 979		BAIRRO: Rio Bonito
TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ÁREA: 17 anos	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO: 23 anos	
GRAU DE INSTRUÇÃO: 1º Grau incompleto	TELEFONE P/ CONTATO: 2916143	
PROFISSÃO: Agente comunitário Rio de Saúde	<input checked="" type="checkbox"/> Empregado    ( ) Autônomo    ( ) Desempregado ( ) Aposentado	
LOCAL DE TRABALHO: Posto de Saúde Rio Bonito	TEMPO DE SERVIÇO: 1 ano e 2 meses	
PARTICIPA DE ALGUMA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA? (X) Sim    ( ) Não	QUAL? Associação de Moradores Rio Bonito.	
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES:		

Cadastro dos educandos do Curso de Formação Política para Agentes do  
Movimento Sócio - Comunitário Popular.

IDENTIFICAÇÃO DO CURSISTA:

NOME: ANTONIO O. R. MELLO (TONINHO)		
SEXO: <input checked="" type="checkbox"/> Masculino ( ) Feminino	DATA NASC: 10, 05, 57	IDADE: 44 ANOS
NATURAL: LAGOA VERMELHA		ESTADO: R.S
ESTADO CIVIL: CASADO	COMPOSIÇÃO FAMILIAR: 4 PESSOAS - ESPOSA + 2 FILHOS	
ENDEREÇO: RUA MÁRIO REIS 219		BAIRRO: CORDEIROS
TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ÁREA: 15 ANOS	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO: 25 ANOS	
GRAU DE INSTRUÇÃO: SUPERIOR INCOMPLETO	TELEFONE P/ CONTATO: 47 - 246-2254	
PROFISSÃO:	( ) Empregado (X) Autônomo ( ) Desempregado ( ) Aposentado	
LOCAL DE TRABALHO: RUA JOÃO MAGALHÃES 635 - CORDEIROS		TEMPO DE SERVIÇO: 5 ANOS
PARTICIPA DE ALGUMA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA? <input checked="" type="checkbox"/> Sim ( ) Não	QUAL? UNIÃO DAS ASS. MORADORES DE ITAJAI - ASS. MORADORES DE CORDEIROS.	
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES: NÃO CONCORDO COM A FICHA DE INSCRIÇÃO TER COMO CABEÇALHO O TIMBRE DA P.M.I, POIS O MOVIMENTO COMUNITARIO DE ITAJAI NÃO ESTÁ VINCULADO AO PODER PUBLICO.		

*J. Mello*

Cadastro dos educandos do Curso de Formação Política para Agentes do  
Movimento Sócio – Comunitário Popular.

IDENTIFICAÇÃO DO CURSISTA:

NOME: <i>Cressina Martins</i>		
SEXO: ( ) Masculino (X) Feminino	DATA NASC: <i>14,03,59</i>	IDADE: <i>42</i>
NATURAL: <i>Itajau</i>	ESTADO: <i>SC.</i>	
ESTADO CIVIL: <i>Solteira</i>	COMPOSIÇÃO FAMILIAR: <i>-</i>	
ENDEREÇO: <i>R. José Eugênio Müller - 637</i>	BAIRRO: <i>Vila Operária</i>	
TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ÁREA: <i>35 anos.</i>	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO: <i>42 anos.</i>	
GRAU DE INSTRUÇÃO: <i>2º grau Incompleto</i>	TELEFONE P/ CONTATO: <i>3445138</i>	
PROFISSÃO: <i>do lar</i>	<input type="checkbox"/> Empregado <input type="checkbox"/> Autônomo <input checked="" type="checkbox"/> Desempregado <input type="checkbox"/> Aposentado	
LOCAL DE TRABALHO: <i>-</i>	TEMPO DE SERVIÇO: <i>-</i>	
PARTICIPA DE ALGUMA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA? (X) Sim    ( ) Não	QUAL? <i>Assoc. Moradores V. Operária</i>	
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES: <i>MEMBRO ASSOCIAÇÃO MORADORES VILA OPERÁRIA</i>		

88303-170

Cadastro dos educandos do Curso de Formação Política para Agentes do  
Movimento Sócio - Comunitário Popular.

IDENTIFICAÇÃO DO CURSISTA:

NOME: CARLITO LAURO PEREIRA		
SEXO: <input checked="" type="checkbox"/> Masculino ( ) Feminino	DATA NASC: 16/04/1950	IDADE: 51 ANOS
NATURAL: ITAJAÍ		ESTADO: SC
ESTADO CIVIL: CASADO	COMPOSIÇÃO FAMILIAR: * ESPOSA (1 HOMEM 20 ANOS) * 2 FILHOS ( " " 25 ANOS )	
ENDEREÇO: RUA: VENEZUELA, 377		BAIRRO: FAZENDINHA
TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ÁREA: 51 ANOS	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO: 51 ANOS	
GRAU DE INSTRUÇÃO: 1º GRUO completo	TELEFONE P/ CONTATO: 3445731	
PROFISSÃO: GUARDA PORTUÁRIO	<input checked="" type="checkbox"/> Empregado ( ) Autônomo ( ) Desempregado ( ) Aposentado	
LOCAL DE TRABALHO: PORTO DE ITAJAÍ	TEMPO DE SERVIÇO: 17 ANOS	
PARTICIPA DE ALGUMA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA? <input checked="" type="checkbox"/> Sim ( ) Não	QUAL? DIRETOR ESPORTE DA ASSOCIAÇÃO DA FAZENDINHA.	
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES: Diretor de esportes de Associação de moradores da Fazendinha, Itajai, SC.		

(2-F-22) 02-02-60 - OK.

Cadastro dos educandos do Curso de Formação Política para Agentes do  
Movimento Sócio - Comunitário Popular.

IDENTIFICAÇÃO DO CURSISTA:

NOME: DAVI JOSÉ TEIXEIRA		
SEXO: <input checked="" type="checkbox"/> Masculino ( ) Feminino	DATA NASC: 08/10/62	IDADE: 38 Anos
NATURAL: Itajaú		ESTADO: SC
ESTADO CIVIL: casado	COMPOSIÇÃO FAMILIAR: 04	
ENDEREÇO: Rua João F. Vieira Junior, 96		BAIRRO: Fazenda 88302-600
TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ÁREA: 11 anos	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO: 38	
GRAU DE INSTRUÇÃO: superior	TELEFONE P/ CONTATO: 3984246 / 99879877	
PROFISSÃO: Despachante	<input checked="" type="checkbox"/> Empregado ( ) Autônomo ( ) Desempregado ( ) Aposentado	
LOCAL DE TRABALHO: Despachante Gil	TEMPO DE SERVIÇO: 20 anos	
PARTICIPA DE ALGUMA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA? <input checked="" type="checkbox"/> Sim ( ) Não	QUAL? UNAMI / Movimento Negro	
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES:		

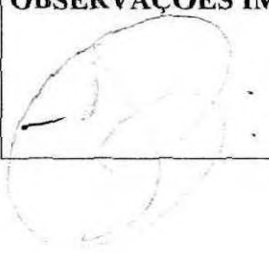
Cadastro dos educandos do Curso de Formação Política para Agentes do  
Movimento Sócio – Comunitário Popular.

IDENTIFICAÇÃO DO CURSISTA:

<b>NOME:</b> David Fernando Rodrigues		
<b>SEXO:</b> (X) Masculino ( ) Feminino	<b>DATA NASC:</b> 15/10/1949	<b>IDADE:</b> 52
<b>NATURAL:</b> Biguacú		<b>ESTADO:</b> SC
<b>ESTADO CIVIL:</b> Casado	<b>COMPOSIÇÃO FAMILIAR:</b> 01	
<b>ENDEREÇO:</b> Rua Deodat de Moraes		<b>BAIRRO:</b> SÃO JOÃO
<b>TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ÁREA:</b> 23	<b>TEMPO DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO:</b>	25
<b>GRAU DE INSTRUÇÃO:</b> universitário	<b>TELEFONE P/ CONTATO:</b> 9967.9568	
<b>PROFISSÃO:</b> Técnico em Depressuriz	<input type="checkbox"/> Empregado <input type="checkbox"/> Autônomo <input type="checkbox"/> Desempregado <input checked="" type="checkbox"/> Aposentado	
<b>LOCAL DE TRABALHO:</b> Prefeitura Municipal		<b>TEMPO DE SERVIÇO:</b>
<b>PARTICIPA DE ALGUMA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA?</b> (X) Sim ( ) Não	<b>QUAL?</b> Associação de Moradores Bairro São João	
<b>OBSERVAÇÕES IMPORTANTES:</b> membro ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO SÃO JOÃO		

Cadastro dos educandos do Curso de Formação Política para Agentes do  
Movimento Sócio – Comunitário Popular.

IDENTIFICAÇÃO DO CURSISTA:

NOME: FELIX ANTONIO DE FACITAS -		
SEXO: <input checked="" type="checkbox"/> Masculino ( ) Feminino	DATA NASC: 28.03.64	IDADE: 37.
NATURAL: Havri.	ESTADO: S.C.	
ESTADO CIVIL: Solteiro	COMPOSIÇÃO FAMILIAR: -	
ENDEREÇO: Av. Minst. Luiz Gallo P. 1776	BAIRRO: São Vicente. Nucleo. 9 II.	
TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ÁREA: - 10 ANOS -	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO: 37 ANOS -	
GRAU DE INSTRUÇÃO: 2º G. Com 8 letras	TELEFONE P/ CONTATO: 346.5714-348.3313.	
PROFISSÃO: MOTORISTA.	<input checked="" type="checkbox"/> Empregado ( ) Autônomo ( ) Desempregado ( ) Aposentado	
LOCAL DE TRABALHO: SECRETARIA SAUDE. HAVRI.	TEMPO DE SERVIÇO: 2 ANOS 6 mes.	
PARTICIPA DE ALGUMA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA? <input checked="" type="checkbox"/> Sim ( ) Não	QUAL? ASSOCIAÇÃO 9 II.	
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES: 		

Cadastro dos educandos do Curso de Formação Política para Agentes do  
Movimento Sócio - Comunitário Popular.

IDENTIFICAÇÃO DO CURSISTA:

NOME: IDALINA MARIA MELLO		
SEXO: ( ) Masculino (x) Feminino	DATA NASC: 28/06/64	IDADE: 37
NATURAL: BRUSQUE		ESTADO: S.C.
ESTADO CIVIL: CASADA	COMPOSIÇÃO FAMILIAR: - ESPOSO - 2 FILHOS (2 HOMENS, 11 ANOS E 13 ANOS)	
ENDEREÇO: RUA: MÁRIO REIS, 219		BAIRRO: CORDEIROS
TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ÁREA: 15 ANOS	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO:	15 ANOS
GRAU DE INSTRUÇÃO: SUPERIOR COMPLETO	TELEFONE P/ CONTATO: 2462254	
PROFISSÃO: INDUSTRIÁRIA	(x) Empregado ( ) Autônomo ( ) Desempregado ( ) Aposentado	
LOCAL DE TRABALHO: INDÚSTRIA MS FIOS E FITAS LTDA.	TEMPO DE SERVIÇO: 10 ANOS	
PARTICIPA DE ALGUMA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA? (x) Sim ( ) Não	QUAL? ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO CORDEIROS (SECRETARIA DE FORMAÇÃO)	
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES: * CONSELHO GRUPE * DIREITOS HUMANOS - PRESIDENTE * UNAMI. * GRUPO JOVENS (JUC) IGREJA * ALFABETIZAÇÃO ADULTOS E DE SAUDE * MOVIMENTO AGTO. GESTÃO.		



Cadastro dos educandos do Curso de Formação Política para Agentes do  
Movimento Sócio - Comunitário Popular.

IDENTIFICAÇÃO DO CURSISTA:

NOME: MARIA GORETTI DUPLAA SOARES.		
SEXO: ( ) Masculino (x) Feminino	DATA NASC: 15/10/65	IDADE: 35 ANOS
NATURAL: BELO HORIZONTE	ESTADO: M.G.	
ESTADO CIVIL: DIVORCIADA	COMPOSIÇÃO FAMILIAR: * 3 FILHOS (2 MULHERES, 13 ANOS E 13 ANOS) (1 HOMEN (20 ANOS))	
ENDEREÇO: FELIPE RAISON, 181 APTO 104 B.	BAIRRO: SAO JOAO	
TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ÁREA: 1 ANO 6 MESES	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO: 1 ANO E 6 MESES	
GRAU DE INSTRUÇÃO: SUPERIOR INCOMPLETO	TELEFONE P/ CONTATO: 344 6533	
PROFISSÃO: BOLSISTA - EDUCADORA	(x) Empregado ( ) Autônomo ( ) Desempregado ( ) Aposentado	
LOCAL DE TRABALHO: UNIVALI (CETRU) - CAPI'S	TEMPO DE SERVIÇO: 8 MESES - 8 MESES.	
PARTICIPA DE ALGUMA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA? (x) Sim ( ) Não	QUAL? CAPI'S, E PROFESSORAS DO SEXO. (NANESANTES)	
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES: * APP * IGREJA * MOVIMENTO ESTUDANTIL		

Cadastro dos educandos do Curso de Formação Política para Agentes do  
Movimento Sócio – Comunitário Popular.

IDENTIFICAÇÃO DO CURSISTA:

NOME: MARCIO GOMES DE BRITO		
SEXO: <input checked="" type="checkbox"/> Masculino ( ) Feminino	DATA NASC: 13/12/1973	IDADE: 27 ANOS
NATURAL: RONDON	ESTADO: PARANÁ	
ESTADO CIVIL: CASADO	COMPOSIÇÃO FAMILIAR: * ESPOSA * 3 FILHOS (2 MENINAS 1 MENINO)	
ENDEREÇO: RUA: FABIANO SILVA E MARQUES, 52 Bc.	BAIRRO: Loteamento BOMAS MARICÁPIRHS PROMOLAR II	
TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ÁREA: 1 ANO 6 meses	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO: 7 ANOS	
GRAU DE INSTRUÇÃO: 1º GRAU completo	TELEFONE P/ CONTATO: 91032105	
PROFISSÃO: GUARDA PATRIMONIAL	<input checked="" type="checkbox"/> Empregado ( ) Autônomo ( ) Desempregado ( ) Aposentado	
LOCAL DE TRABALHO: CRECHE MAURICÉLIA DO NASCIMENTO	TEMPO DE SERVIÇO: 6 meses	
PARTICIPA DE ALGUMA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA? <input checked="" type="checkbox"/> Sim ( ) Não	QUAL? * PARTICIPA DE ATIVIDADES NA IGREJA EVANGÉLICA.	
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES:		

Cadastro dos educandos do Curso de Formação Política para Agentes do  
Movimento Sócio - Comunitário Popular.

IDENTIFICAÇÃO DO CURSISTA:

NOME: Maurício Moraes		
SEXO: <input checked="" type="checkbox"/> Masculino ( ) Feminino	DATA NASC: 13/10/71 63	IDADE: 38 anos
NATURAL: Camboriú		ESTADO: SC
ESTADO CIVIL: Solteiro	COMPOSIÇÃO FAMILIAR: 05	
ENDEREÇO: Rua: Alberto Werner, Nº 227		BAIRRO: Vila Operária
TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ÁREA: 25 anos	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO:	34 anos
GRAU DE INSTRUÇÃO: Superior	TELEFONE P/ CONTATO: 3480687	
PROFISSÃO: Contador	<input checked="" type="checkbox"/> Empregado ( ) Autônomo ( ) Desempregado ( ) Aposentado	
LOCAL DE TRABALHO: Celesc	TEMPO DE SERVIÇO: 13 anos	
PARTICIPA DE ALGUMA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA? <input checked="" type="checkbox"/> Sim ( ) Não	QUAL? Associação de Moradores Vila Operária	
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES: Vereador Membro da Diretoria da ASS. de Moradores.		

Cadastro dos educandos do Curso de Formação Política para Agentes do  
Movimento Sócio - Comunitário Popular.

IDENTIFICAÇÃO DO CURSISTA:

NOME: Morgana Efigênia Wippel da Silva		
SEXO: <input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	DATA NASC: 23/04/74	IDADE: 27 anos
NATURAL: Itajaí	ESTADO: S.C.	
ESTADO CIVIL: Casada	COMPOSIÇÃO FAMILIAR: 4 pessoas	
ENDEREÇO: R: Gar Curha, 382	BAIRRO: Lom Bosco	cep: 88300-00
TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ÁREA: 4 anos	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO: 27 anos	
GRAU DE INSTRUÇÃO: 3 <sup>o</sup> Grau	TELEFONE P/ CONTATO: 3465287	
PROFISSÃO: Coordenadora	<input checked="" type="checkbox"/> Empregado <input type="checkbox"/> Autônomo <input type="checkbox"/> Desempregado <input type="checkbox"/> Aposentado	
LOCAL DE TRABALHO: Clínica Promorar II	TEMPO DE SERVIÇO: 7 meses	
PARTICIPA DE ALGUMA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA? <input type="checkbox"/> Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não	QUAL?	
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES:		

Cadastro dos educandos do Curso de Formação Política para Agentes do  
Movimento Sócio – Comunitário Popular.

IDENTIFICAÇÃO DO CURSISTA:

NOME: <i>Linda J de Oliveira</i>		
SEXO: <input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	DATA NASC: <i>15/07/43</i>	IDADE: <i>58 anos</i>
NATURAL: <i>Vieira S.C.</i>	ESTADO: <i>S.C.</i>	
ESTADO CIVIL: <i>casado</i>	COMPOSIÇÃO FAMILIAR:	
ENDEREÇO: <i>Rua Valério Cadore - 43</i>	BAIRRO: <i>Cidade Nova Promorar II</i>	
TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ÁREA: <i>10 de maio 91 - 10 anos</i>	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO:	<i>11 anos</i>
GRAU DE INSTRUÇÃO: <i>4º série</i>	TELEFONE P/ CONTATO: <i>346-53-49</i>	
PROFISSÃO: <i>Educadora P.O. Lar</i>	<input checked="" type="checkbox"/> Empregado <input type="checkbox"/> Autônomo <input type="checkbox"/> Desempregado <input type="checkbox"/> Aposentado	
LOCAL DE TRABALHO:	TEMPO DE SERVIÇO: <i>2 anos</i>	
PARTICIPA DE ALGUMA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA? <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	QUAL? <i>Associação Moradores</i>	
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES: <i>Presidente da Associação de Moradores do PROMORAR II, Itojaí, S.C.</i>		

*Linda*

Cadastro dos educandos do Curso de Formação Política para Agentes do  
Movimento Sócio - Comunitário Popular.

IDENTIFICAÇÃO DO CURSISTA:

NOME: PAULO ROBERTO CAMPOS		
SEXO: <input checked="" type="checkbox"/> Masculino ( ) Feminino	DATA NASC: 15/10/71 #2	IDADE: 29 ANOS
NATURAL: DUQUE DE CAXIAS	ESTADO: R. J.	
ESTADO CIVIL: Solteiro	COMPOSIÇÃO FAMILIAR:	
ENDEREÇO: RUA: FELDE REISER, 18 LAPT0104B.		BAIRRO: SAO JOAO
TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ÁREA: 2 MESES	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO: 2 MESES	
GRAU DE INSTRUÇÃO: SUPERIOR INCOMPLETO	TELEFONE P/ CONTATO: 348 0026	
PROFISSÃO: EDUCADOR SOCIAL	<input checked="" type="checkbox"/> Empregado ( ) Autônomo ( ) Desempregado ( ) Aposentado	
LOCAL DE TRABALHO: CAPIS (CENTRO DE ATENÇÃO PSICO-SOCIAL)	TEMPO DE SERVIÇO: 3 MESES 1/2.	
PARTICIPA DE ALGUMA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA? <input checked="" type="checkbox"/> Sim ( ) Não	QUAL? CAPIS. (CRIANÇA E ADOLESCENTES)	
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES: * ASSOCIAÇÃO DE MOLADORES TABULERO, O QUAL FOI MEMBRO * MOVIMENTO DE FESA DE MORADIA RGSUL. (RIO GRANDE) * MOVIMENTO ESTUDANTIL (CENTRO ACADÊMICO CIÊNCIAS SOCIAIS, TAMBÉM É MEMBRO)		

Cadastro dos educandos do Curso de Formação Política para Agentes do  
Movimento Sócio - Comunitário Popular.

IDENTIFICAÇÃO DO CURSISTA:

NOME: ROSANGELA DARUGNA		
SEXO: ( ) Masculino (x) Feminino	DATA NASC: 11/08/60	IDADE: 41
NATURAL: HATJAI		ESTADO: SC
ESTADO CIVIL: Desquitada	COMPOSIÇÃO FAMILIAR: 1 filho homem (18 anos)	
ENDEREÇO: RUA: SANTO AGOSTINHO, 175		BAIRRO: CORDEIROS
TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ÁREA: 29 ANOS	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO: 41 ANOS	
GRAU DE INSTRUÇÃO: 2º GRAU completo	TELEFONE P/ CONTATO: 341 1029	
PROFISSÃO: DO LAR	( ) Empregado ( ) Autônomo ( ) Desempregado ( ) Aposentado	
LOCAL DE TRABALHO: O mesmo ALMA	TEMPO DE SERVIÇO: -	
PARTICIPA DE ALGUMA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA? (x) Sim ( ) Não	QUAL? - DIRETORIA COLEGIADA, EQUIPE DE FORMATAJ. ASSOCIAÇÃO MORADORES CORDEIROS.	
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES: - membro UNAMI; - IGREJA; - GRUPO JOVENS; - EVENTOS BAIRRO. - Centro Defesa Direitos Humanos (CDDH)		

Cadastro dos educandos do Curso de Formação Política para Agentes do  
Movimento Sócio - Comunitário Popular.

IDENTIFICAÇÃO DO CURSISTA:

NOME: <i>ROSALVO LAURO PEREIRA</i>		
SEXO: <input checked="" type="checkbox"/> Masculino ( ) Feminino	DATA NASC: <i>10/12/52</i>	IDADE: <i>48 ANOS</i>
NATURAL: <i>ITAJAI</i>		ESTADO: <i>SC</i>
ESTADO CIVIL: <i>CASADO</i>	COMPOSIÇÃO FAMILIAR: <i>ESPOSA - 1 FILHO - 1ª FILHA</i>	
ENDEREÇO: <i>RUA VENEZUELA - 319</i>		BAIRRO: <i>FAZENDA</i>
TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ÁREA: <i>48 ANOS</i>	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO: <i>48 ANOS</i>	
GRAU DE INSTRUÇÃO: <i>1º GRAU</i>	TELEFONE P/ CONTATO: <i>0xx 47 3446881</i>	
PROFISSÃO: <i>MARÍTIMO</i>	<input type="checkbox"/> Empregado <input type="checkbox"/> Autônomo <input type="checkbox"/> Desempregado <input checked="" type="checkbox"/> Aposentado	
LOCAL DE TRABALHO:		TEMPO DE SERVIÇO:
PARTICIPA DE ALGUMA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA? <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		QUAL? <i>ASSOC. MOR. DA FAZENDINHA</i>
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES:		

*Pereira*



Cadastro dos educandos do Curso de Formação Política para Agentes do  
Movimento Sócio - Comunitário Popular.

IDENTIFICAÇÃO DO CURSISTA:

NOME: Rosemari ALVES		
SEXO: ( ) Masculino (X) Feminino	DATA NASC: 28/02/68	IDADE: 33 anos
NATURAL: Itajaí	ESTADO: SC	
ESTADO CIVIL: Solteira	COMPOSIÇÃO FAMILIAR: 02	
ENDEREÇO: Rua: Luiz da Silva, 160		BAIRRO: Cordelinos
TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ÁREA: 04 anos	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO: 33	
GRAU DE INSTRUÇÃO: 2º Grau Completo	TELEFONE P/ CONTATO: 2413592	
PROFISSÃO: Educatora P/ o lar	(X) Empregado ( ) Autônomo ( ) Desempregado ( ) Aposentado	
LOCAL DE TRABALHO: Centro Comunitário Rio Bambuzal	TEMPO DE SERVIÇO: 08 meses	
PARTICIPA DE ALGUMA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA? (X) Sim ( ) Não	QUAL? Associação de mo Rede de Bambuzal	
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES: MEMBRO ASSOCIADO DE MORADORES DO BAMBUZAL.		

Cadastro dos educandos do Curso de Formação Política para Agentes do  
Movimento Sócio - Comunitário Popular.

IDENTIFICAÇÃO DO CURSISTA:

NOME: SALETE ALBERTINA CORREA		
SEXO: ( ) Masculino (x) Feminino	DATA NASC: 06/03/1952	IDADE: 49
NATURAL: NOVA FRENTO		ESTADO: SC.
ESTADO CIVIL: SOLTEIRA	COMPOSIÇÃO FAMILIAR: 2 FILHAS (1 com 22 ANOS, 1 FILHA com 14 ANOS)	
ENDEREÇO: RUA: BERNARDINO DA ROCHA 95		BAIRRO: SAO VICENTE
TEMPO DE RESIDENCIA NA AREA: 18 ANOS	TEMPO DE RESIDENCIA NO MUNICÍPIO:	23 ANOS
GRAU DE INSTRUÇÃO: SUPERIOR INCOMPLETO	TELEFONE P/ CONTATO: 241 2699 RES. 3486320	
PROFISSÃO: CHEFE DIVISÃO	<input checked="" type="checkbox"/> Empregado <input type="checkbox"/> Autônomo <input type="checkbox"/> Desempregado <input type="checkbox"/> Aposentado	
LOCAL DE TRABALHO: SECRETARIA DESENVOLVIMENTO SOCIAL	TEMPO DE SERVIÇO: 5 ANOS	
PARTICIPA DE ALGUMA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA? <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	QUAL? PRESIDENTE CONSELHO INTER PELOTES	
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES: * COORDENA GRUPO APOIO FAMILIAR (AMOR EXCLENTE) * CONSELHO DELIBERATIVO DA ESCOLA.		

Cadastro dos educandos do Curso de Formação Política para Agentes do  
Movimento Sócio - Comunitário Popular.

IDENTIFICAÇÃO DO CURSISTA:

NOME: <i>Dandia Regina Batista Avela</i>		
SEXO: <input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	DATA NASC: <i>22 05/73</i>	IDADE: <i>28 A</i>
NATURAL: <i>Blumenau</i>	ESTADO: <i>SC</i>	
ESTADO CIVIL: <i>casada</i>	COMPOSIÇÃO FAMILIAR: <i>4 pessoas</i>	
ENDEREÇO: <i>r. Pedro T. Vieira 363</i>	<i>ext 684</i>	BAIRRO: <i>Dão Judas</i>
TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ÁREA: <i>3 anos</i>	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO: <i>28 anos</i>	
GRAU DE INSTRUÇÃO: <i>superior</i>	TELEFONE P/ CONTATO: <i>3486849</i>	
PROFISSÃO: <i>Enfermeira</i>	<input checked="" type="checkbox"/> Empregado <input type="checkbox"/> Autônomo <input type="checkbox"/> Desempregado <input type="checkbox"/> Aposentado	
LOCAL DE TRABALHO: <i>P.M.I. / Itomeria S.S.</i>	TEMPO DE SERVIÇO: <i>4 anos</i>	
PARTICIPA DE ALGUMA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA? <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	QUAL? <i>P.S.F. (Programa Saúde Família)</i>	
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES:		

Cadastro dos educandos do Curso de Formação Política para Agentes do  
Movimento Sócio - Comunitário Popular.

IDENTIFICAÇÃO DO CURSISTA:

NOME: Sueli Faria da Costa		
SEXO: <input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	DATA NASC: 20/09/54	IDADE: 47 anos
NATURAL: Itajaí	ESTADO: SC	
ESTADO CIVIL: Casada	COMPOSIÇÃO FAMILIAR: 09	
ENDEREÇO: Rua: Ibirama, 136		BAIRRO: São Vicente <i>cler.</i>
TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ÁREA: 20 anos	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO: 47 anos	NO <i>88309-5</i>
GRAU DE INSTRUÇÃO: 2º Grau completo	TELEFONE P/ CONTATO: 2914259	
PROFISSÃO:	<input type="checkbox"/> Empregado <input type="checkbox"/> Autônomo <input checked="" type="checkbox"/> Desempregado <input type="checkbox"/> Aposentado	
LOCAL DE TRABALHO:	TEMPO DE SERVIÇO:	
PARTICIPA DE ALGUMA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA? <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	QUAL? Associação de moradores Rio Bonito.	
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES: Representante da ASS. MORADORES DO RIO BONITO.		

Cadastro dos educandos do Curso de Formação Política para Agentes do  
Movimento Sócio – Comunitário Popular.

IDENTIFICAÇÃO DO CURSISTA:

NOME: <i>TÂNIA MARIA DA SILVA</i>		
SEXO: <input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	DATA NASC: <i>17.11.1954</i>	IDADE: <i>48</i>
NATURAL: <i>YTAJAI</i>		ESTADO: <i>SE</i>
ESTADO CIVIL: <i>CASADA</i>	COMPOSIÇÃO FAMILIAR: <i>4 PESSOAS</i>	
ENDEREÇO: <i>RUA: C.B.O. Nº 214</i>		BAIRRO: <i>JATUIÇENTE</i>
TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ÁREA: <i>5 ANOS</i>	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO: <i>18 ANOS</i>	
GRAU DE INSTRUÇÃO: <i>1º GRAU - 5ª SRE</i>	TELEFONE P/ CONTATO: <i>241-2166-</i>	
PROFISSÃO: <i>FUNC. PÚBLICA</i>	<input checked="" type="checkbox"/> Empregado <input type="checkbox"/> Autônomo <input type="checkbox"/> Desempregado <input type="checkbox"/> Aposentado	
LOCAL DE TRABALHO: <i>MULTÍPLICO USO</i>		TEMPO DE SERVIÇO: <i>2 anos</i>
PARTICIPA DE ALGUMA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA? <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		QUAL? <i>ASS. MUR. RIO BONITO</i>
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES: <i>Tânia Maria da Silva</i>		

Cadastro dos educandos do Curso de Formação Política para Agentes do  
Movimento Sócio - Comunitário Popular.

IDENTIFICAÇÃO DO CURSISTA:

NOME: <b>VALDIR JOÃO BALBINO</b>		
SEXO: <input checked="" type="checkbox"/> Masculino ( ) Feminino	DATA NASC: <b>20/10/45</b>	IDADE: <b>56 anos</b>
NATURAL: <b>ITAJAI</b>	ESTADO: <b>SC</b>	
ESTADO CIVIL: <b>CASADO</b>	COMPOSIÇÃO FAMILIAR: <b>MARA LUCIA SPIERCK 4 FILHOS</b>	
ENDEREÇO: <b>Rua - GALDINO A. VIEIRA, 200</b>	BAIRRO: <b>FAZENDA</b>	cep! <b>88303-0</b>
TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ÁREA: <b>56 anos</b>	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO: <b>56 anos</b>	
GRAU DE INSTRUÇÃO: <b>2º GRAU</b>	TELEFONE PI CONTATO: <b>3495077 = 3486300</b>	
PROFISSÃO: <b>OFICIAL FARMÁCIA</b>	<input checked="" type="checkbox"/> Empregado ( ) Autônomo ( ) Desempregado ( ) Aposentado	
LOCAL DE TRABALHO: <b>Séc. do Desenvolvimento Social</b>	TEMPO DE SERVIÇO: <b>5 Anos</b>	
PARTICIPA DE ALGUMA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA? <input checked="" type="checkbox"/> Sim ( ) Não	QUAL? <b>ROTARY ASSOCIAÇÃO M. de FAZENDINHAS COMADEFI C.M.I? Séc. REC. C. FAZENDA</b>	
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES:		

Cadastro dos educandos do Curso de Formação Política para Agentes do  
Movimento Sócio - Comunitário Popular.

IDENTIFICAÇÃO DO CURSISTA:

NOME: ZÉLIA ANDRADE NUNES		
SEXO: ( ) Masculino (x) Feminino	DATA NASC: 25/08/1951	IDADE: 50
NATURAL: LAGES	ESTADO: S.C.	
ESTADO CIVIL: DIVORCIADA	COMPOSIÇÃO FAMILIAR: 3 FILHOS, 1 HOMEM (14 ANOS) 2 MULHERES (28 ANOS E 24 ANOS)	
ENDEREÇO: RUA: PALMIR FRANCISCO DIAS, 672		BAIRRO: PROMORAR III
TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ÁREA: 1 ANO	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO: 4 ANOS	
GRAU DE INSTRUÇÃO: 2º GRAU INCOMPLETO	TELEFONE P/ CONTATO: 248 3381	
PROFISSÃO: AUXILIAR ENFERMAGEM	<input checked="" type="checkbox"/> Empregado    ( ) Autônomo    ( ) Desempregado <input type="checkbox"/> Aposentado	
LOCAL DE TRABALHO: SECRETARIA DE SAÚDE	TEMPO DE SERVIÇO: 2 ANOS 6 MESES	
PARTICIPA DE ALGUMA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA? (x) Sim    ( ) Não	QUAL? CONSELHO INTERCELESTES (COMENB)	
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES: * TRABALHA IGREJA EVANGÉLICA, FAZENDO TRABALHOS COMUNITÁRIOS * AGENTE DE SAÚDE PÚBLICA (APOSENTADA).		

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC  
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO – CSE  
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL – DSS  
NÚCLEO DE ESTUDOS EM SERVIÇO SOCIAL E ORGANIZAÇÃO  
POPULAR – NESSOP

***Projeto de Formação Política para Agentes do  
Movimento Sócio – Comunitário Popular.  
– Construindo Cidadania –***

**Autoria: Membros do Projeto  
Assessoria/ UFSC/DSS/NESSOP**

Florianópolis, abril a julho de 2001.



## INTRODUÇÃO

A formação de um espírito crítico humanizante e humanizador é um ato comprometido com o conhecimento. Convida cada agente do movimento sócio-comunitário popular ser sujeito de um processo de aprendizagem do essencial por uma vida cidadã que expresse: o que quer ser? o que pode ser? como participar? qual sociedade quer construir?

Historicamente, o movimento sócio-comunitário vem agregando experiências na área de formação e revela-se, na atualidade, mais inclinado e persistente em incluir projetos nesta direção.

Na história recente, 1996-2000, o Núcleo de Estudos em Serviço Social e Organização Popular do Departamento de Serviço Social da UFSC, realizou assessoria ao Projeto de Formação da Federação das Associações de Moradores de Santa Catarina – FAMESC, oportunizando um olhar mais qualificado às práticas sócio-comunitárias que provocam emancipação sócio-humana, exigem ética na política, que democratizam as relações internas e externas do movimento sócio-comunitário e de suas entidades representativas.

Delineamos no contexto do presente projeto, um caminho por formação sócio-política atendendo especificidades expressas por agentes sócio-comunitários do Conjunto Habitacional Sapé, localizado no Bairro Jardim Atlântico, do Conjunto Habitacional Vila Cachoeira e pelo Conselho Comunitário Saco Grande. Ambos os bairros pertencem ao Município de Florianópolis, SC. Incluem também, o PROSANEAR - Programa de Saneamento para População de Baixa Renda do Município de Itajaí, executado no Loteamento Jardim Figueira - Bairro PROMORAR II, Rio Bonito III e IV - Bairro São Vicente; e UNAMI - União das Associações de Moradores de Itajaí.

Em sua atual trajetória na área de extensão, o NESSOP desenvolve ações de assessoria “àquelas demandas que expressem buscas teórico-metodológicas na democratização das relações sociais..., na gestão de questões específicas das organizações sócio comunitárias populares, nas lutas e proposições junto às políticas públicas, bem como, na realização de palestras, debates, elaboração de documentos e formação sócio-política”. ( Projeto Assessoria/NESSOP. Ano 2000-2001 ).

Formamos um grupo de trabalho com representantes das localidades acima citadas<sup>1</sup> e com membros do Projeto assessoria/NESSOP, identificados com a temática “formação política”.<sup>2</sup> Vivenciamos, ao longo do processo de elaboração deste projeto, um profícuo exercício de livre expressão das idéias, acolhimento das diferenças e de presenças persistentes e participativas, imprescindíveis, à produção no coletivo.

---

<sup>1</sup> Breno José Loebens, Fernando, Germano, Rosângela, Hudson, Eleonora.

<sup>2</sup> Maria Darci Mota Beck, Sirlândia Schappo, Zulamar Maria B, e Castro, Graciela Bengorrie, Maria Cecília F. da Silva, Luciane

## JUSTIFICATIVA

A história política brasileira está repleta de acontecimentos significativos, vindo das classes populares, no sentido de instauração de uma democracia de base. A década de 80, neste sentido, constitui-se no período em que as conquistas democráticas no Brasil, marcaram uma nova fase de relação entre Estado e Sociedade. Esta marca se evidencia de modo particular na Constituição de 1998 que, no âmbito das políticas sociais, universaliza direitos, descentraliza as ações político-administrativas, instaurando a gestão democrática, contemplando a participação popular. Desta forma, a constituição estabelece as diretrizes básicas para a construção da nova cidadania, não mais trancada ao cerco da democracia representativa, mais com base na *democracia participativa, onde a população pode vivenciar o exercício político.*

Sabe-se no entanto as dificuldades a que está submetida a população, uma vez que não cobra-se direitos e não cumpre-se deveres, já que a prática dos "favores" torna-se resultado fácil às necessidades desta população, trazendo "benefícios" a alguns poucos, ou seja, o conceito de trabalho coletivo não progride, em detrimento das práticas individualizadas.

As precárias condições de vida da população avança e os canais de participação na discussão de uma política estão restritos. O êxito de qualquer projeto depende em grande parte do envolvimento dos interessados, não apenas para consentir com propostas, oficiais ou não, mas para a participação ativa, consciente e propositiva.

Esta realidade revela a necessidade de um curso de Formação Política, já que é com informações e formação política que os moradores terão condições de organizar formas de resistência social face aos problemas que vivenciam, constituindo-se assim o acesso a direitos sociais e cidadãos com consciência crítica, oportunizando a compreensão da inter-relação entre direitos e cidadania.

A formação também é instrumento de resgate da identidade cultural, a dignidade e a participação com emancipação, alterando as práticas clientelistas e individualistas.

## OBJETIVOS:

### ☉ GERAL:

- ✓ Capacitar sujeitos que possam desenvolver suas habilidades na construção de projetos coletivos por uma nova sociedade com cidadania para todos.

### ☉ ESPECÍFICOS:

- ✓ Capacitar os cursistas para uma participação qualificada no movimento e organização sócio-comunitárias na utilização de instrumentos pedagógicos, administrativos, financeiros e jurídicos em nível de atuação local.
- ✓ Habilitar os cursistas à uma inserção consciente no cotidiano da vida comunitária em questões relativas à: *qualidade de vida, meio-ambiente, trabalho X emprego, relações sócio-familiares, segurança pública e violência, projetos sócio-educacionais e projetos de cultura e lazer na comunidade/cidade.*
- ✓ Preparar os cursistas para a conquista e o exercício da cidadania e para formas de convivência democráticas e propositivas.
- ✓ Constituir subjetividades sensíveis para um fazer humanizante no coletivo e de valorização dos sujeitos locais como protagonistas das lutas por melhor qualidade de vida para o conjunto da população.

## **PÚBLICO ALVO/CRITÉRIOS:**

São candidatos e candidatas para o curso de formação política aquelas pessoas com reconhecida experiência e participação em ações de interesse coletivo sócio-comunitário. Evidenciem compromisso com o fazer ético e democrático junto as questões sociais locais( associação de moradores, conselho comunitário, escola, saúde, igreja entre outras ).

Tenham disponibilidade de tempo para participar do curso segundo o cronograma proposto. Deverão, ainda, engajarem-se em processos multiplicadores do conhecimento acumulado no presente curso, por uma conquista de cidadania para todos.

## **PROCESSO DE SELEÇÃO/MOBILIZAÇÃO:**

Os candidatos e candidatas serão convidados(as) e entrevistados pela coordenação local do curso de formação, observando-se os critérios acima mencionados.

**NÚMERO DE VAGAS:** 30 ( trinta )

## CONTEÚDO:

### Primeira Etapa

- a) Quem Somos?
- b) Apresentação do Projeto de Formação;
  - identidade sócio-popular e comunitária;
  - origens e metodologia

### Segunda Etapa

- a) Como vivemos em Sociedade hoje:
  - Produção e reprodução das relações sociais de inclusão e de exclusão – sua estrutura/conjuntura internacional, nacional e local.

### Terceira Etapa

- a) Consciência sócio-crítica e realidade social - Introdução às temáticas:
  - Ser sujeito coletivo
  - Desigualdade Social
  - Sócio-ambiental
  - Participação sócio-política
  - Democratização das relações sociais
  - Trabalho e Tecnologia
  - Cidadania e Políticas Sociais e Públicas

### Quarta Etapa

Vida associativa e gestão sócio-comunitária e popular:

- a) Procedimentos participativos:
  - Gestão e representatividade sócio-comunitária
  - Mobilização social
  - Assembléias Comunitárias
  - Reuniões
  - Campanhas sócio-comunitárias
  - Informativo
  - Rádio comunitária
  - Murais
  - Festas ( tradição/história/folclore )

- Documentação
  - Grupos de interesse ( vídeo/cinema, artesanato, contadores de história, estudo, passeios, danças entre outros )
  - Rede sociais
  - Representação nas políticas públicas
- b) Procedimentos jurídico-administrativos e financeiros:
- Estatuto
  - Convênios
  - Controle e prestação de contas
  - Leis: Terceiro Setor, Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), Lei Orgânica do Município, Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Estatuto da Cidade e Sistema Único de Saúde (SUS)
  - Documentação / Informática
- c) Atividade de campo: visitas orientadas para o conhecimento de experiências bem sucedidas do movimento sócio-comunitário local/regional.

Quinta Etapa

Avaliação e encaminhamentos

## METODOLOGIA:

O presente curso de formação sócio-política fundamentar-se-á em procedimentos didáticos comprometidos com uma relação pedagógica participativa e dialógica. Serão utilizadas dinâmicas de grupo e materiais didáticos que oportunizem um processo de aprendizagem com motivação, identificação com as questões sociais em suas diferentes expressões tais como: política, econômica, educacional, religiosa, ambiental, cultural e folclórica vivenciada pelos cursistas. Que as dinâmicas de grupo e os materiais didáticos oportunizem, ainda, um processo de habilitação dos cursistas para as suas intervenções em questões sociais mais imediatas e as de longo prazo nas suas áreas de atuação.

As coordenações locais, o NESSOP e os membros do projeto assessoria, realizarão reuniões sistemáticas com os educadores para a produção e acompanhamento dos materiais didáticos, para a análise dos avanços e das dificuldades no processo de aprendizagem dos cursistas, e para o estabelecimento de articulações entre um conteúdo e outro. É importante ressaltar que será definida cada etapa do curso com os educadores no que se refere: aos procedimentos didáticos, material didático, bibliografia, atividade de campo e o processo de avaliação mais apropriados à cada conteúdo e à realidade sócio-afetiva de aprendizagem dos cursistas.

## RECURSOS:

### a) Educadores:

- Breno José Loebens
- Graciela Begorrie
- Simone Matos Machado
- Andréa Bento
- Sirlândia Shappo
- Lorenzo Orth
- Luciane dos Santos Schmidt
- Zulamar M. B. e Castro
- Wilson Schmidt
- Vera Nícia M. Gomes
- Maria Dolores T. Silva
- Maria Darci M. Beck
- Ligia Lückmann
- Cleci Elisa Albiero
- Anadir Terezinha Schneider
- Maria Erlei Furnari
- Kelly Cabral
- Carlos Magno
- Marisa Rolim Moura
- Salete Andrade

b) Materiais-Financeiros: serão obtidos através da constituição de apoios juntos as entidades comunitárias envolvidas na execução do presente projeto, NESSOP/DSS/UFSC, FEPESE e Comissão de Assuntos Econômicos da Paróquia do Jardim Atlântico.

Custo financeiro aproximado para o material didático, honorários (40.00h/a), passagens de ônibus e lanche – R\$ 3.500,00 (Três mil e quinhentos reais).

Em contatos e reuniões com os setores acima mencionados, o presente projeto será interpretado assim como definida a relação entre as partes (convênio, acordo, contrato). Poderão, ainda, serem identificadas outras formas de apoio que viabilizem a presente proposta.



## BIBLIOGRAFIA

A bibliografia obrigatória, complementar e de apoio será definida com os educadores a serem envolvidos em cada etapa do curso.

Florianópolis, Inverno de 2001.

Comissão de Redação Final:

---

Breno Loebens  
( Bairro Sapé )

---

Iliane Kohler  
( NESSOP/DSS/UFSC )

# CADERNO DE FORMAÇÃO POLÍTICA

Nº 01

# SER APRENDIZ

Parceria: União das Associações de Moradores de Itajaí - SC  
NESSOP/DSS/CSE/UFSC  
Apoio: PROSANEAR

**PROJETO DE  
"FORMAÇÃO POLÍTICA PARA AGENTES DO MOVIMENTO SÓCIO  
COMUNITÁRIO E POPULAR - CONSTRUINDO CIDADANIA".**

**CONVITE PARA O SABER-FAZER**

Este caderno traz o registro dos conteúdos trabalhados na primeira e segunda etapa do Curso de "Formação Política para Agentes do Movimento Sócio-comunitário e Popular - Construindo Cidadania". Possibilita retomarmos a bela caminhada que realizamos nas tarde de 15 e 22 de setembro de 2001 na Sede do Centro Comunitário Promorar II - Itajaí, SC., ao nos perguntarmos Quem Somos e O que é o Projeto de Formação Política.

Desejamos que o caderno seja mais um instrumento do saber a iluminar os fazeres e as reflexões dos agentes do movimento sócio-comunitário e das suas organizações sociais por uma sociedade e vida cidadã com democracia, autonomia e inclusão social.

Comissão Local e NESSOP/UFSC.

**REALIZAÇÃO:**

NÚCLEO DE ESTUDOS EM SERVIÇO SOCIAL E ORGANIZAÇÃO POPULAR - NESSOP  
PROJETO ASSESSORIA / DPTº DE SERVIÇO SOCIAL / CSE / UFSC

**APOIO:**

UNIÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES DE ITAJAÍ - UNAMI  
PROGRAMA DE SANEAMENTO PARA A POPULAÇÃO DE BAIXA RENDA - PROSANEAR

Data: Setembro a Dezembro de 2001  
Centro Comunitário Promorar II - Itajaí

**METODOLOGIA E CONTEÚDO DA PRIMEIRA ETAPA**  
**15 De Setembro De 2001/e 22 De Setembro de 2001.**

**1 - "QUEM SOMOS?"**

Educadores: Simone Matos Machado  
Iliane Kohler

Monitoras: Fabiana Marisa Martins  
Josiane Bortoluzzi

Comissão Local: Andréa Bento  
Anadir Terezinha Schneider  
Maurício Moraes  
Olinda Idelbrando de Oliveira  
Antônio Orací Ribeiro de Mello

### Eixo político-pedagógico:

Construir uma identidade como sujeito articulador(a) de mudanças sociais. Conhecer a singularidade de cada sujeito cursista. Construir uma relação de aprendizagem que oportunize: expressar as motivações de cada cursista e sua história pessoal e coletiva.

Formular os conteúdos e os procedimentos didáticos voltados para uma linguagem acessível conceitualmente e também capaz de contemplar as vivências dos(as) cursistas, especialmente aqueles junto ao movimento sócio-comunitário e suas organizações.

Credibilizar o conhecimento teórico como instrumento de trabalho e de qualificação das lutas sociais.

### Primeiro Momento:

Recepção aos (às) cursistas pela Comissão Local.

### Segundo Momento:

Desdobramento do conteúdo: "Quem Somos?"

**Dinâmica do Memorial:** cada cursista procurará o(a) seu colega que recebeu a mesma fruta. Identificados os pares, os mesmos(as) apresentar-se-ão um para o outro(a). A educadora auxiliará os cursistas a visualizarem em um cartaz o roteiro base para ser seguido. Roteiro: Nome; Como gosta de

ser chamado; Data de Nascimento; Naturalidade; Profissão; Local onde mora; Como chegou ao curso; Qual sua trajetória de lutas no movimento sócio-comunitário.

**Dinâmica do Objeto Pessoal:** cada cursista será convidado(a) a escolher um objeto pessoal e colocá-lo no centro da sala (organizar o grupo em um círculo). Solicitar para que cada cursista se apresente dizendo seu nome, como gosta de ser chamado, onde nasceu, ano de nascimento, no que trabalha, onde mora, seu envolvimento com lutas no movimento sócio-comunitário e qual o significado que o objeto escolhido tem na sua vida.

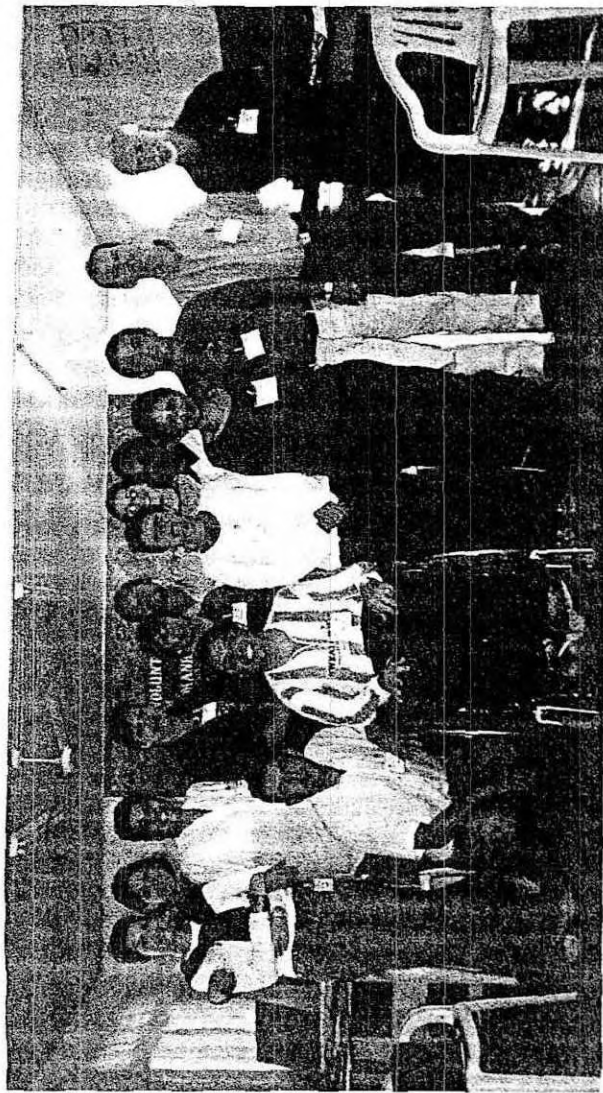
### Terceiro Momento:

Cada cursista apresentará seu(sua) colega ao grupo. A educadora e os monitores estarão atentos se os pontos do roteiro estarão sendo contemplados, valorizarão os dados acrescentados e buscarão facilitar a construção de uma identidade sócio-comunitária face a presença e fala do outro(a) cursista.

**Intervalo: 20 minutos.**

### Quarto Momento:

**Dinâmica Instante Fotográfico - o rosto de cada um:** o rosto de cada cursista em um instante fotográfico. Esta atividade consiste que cada cursista fotografe seu(sua) colega já destacada no segundo momento. Segue o conteúdo produzido nestes quatro momentos anteriores destacados.





*Tânia Maria da Silva*

*"Gosto de ser chamada de Tânia da Associação, nasci no dia 17 - 11 -1954, sou natural de Itajaí, minha profissão é do Lar. Moro no Rio Bonito em Itajaí"*

*"Cheguei no Curso convidada pela Associação de Moradores do Bairro Rio Bonito, a qual sou vice-presidente".*

*"Minha Trajetória de lutas no Movimento Sócio-Comunitário foi líder da Igreja por 6 anos lutou em prol do Assentamento de 250 famílias no Bairro Rio Bonito e hoje é vice-presidente da Associação de moradores do Rio Bonito".*

Félix Antônio de Freitas

"Gosto de ser chamado de Félix, nasci no dia 28 - 03 -1964 em Itajaí. Sou motorista da secretária da saúde e moro no bairro Promorar II, na rua Moro na Avenida Ministro Galote, 1776".

"Meu envolvimento com a comunidade é, fui presidente, de vice-presidente da Promorar II e agora sou a primeira pessoa do conselho fui presidente da APP desta creche e agora eu não sei o que vou ser mais tarde".

"Fui convidado a participar do curso pela dona Olinda presidente da Associação de Moradores Promorar".

"Objeto, o sapato, eu o escolhi e não tinha me dado conta é porque o fato é o seguinte: o Maurílio conhece o meu irmão que tá na mesma situação dele, e ele queria ganhar uma ajuda de custo e tentou de várias maneiras e não conseguia, isso se passou uns 11 anos, então de um jeito ou de outro conversando comigo, que conversei com a pessoa certa, que me indicou outra pessoa mais certa ainda e hoje ele tá aposentado e como presente ele me deu este sapato. O objeto tem uma grande diferença de valor e o sentimento é maior".

"A lei protege ele por ser deficiente mas só que é uma burocracia e o descaso é tão grande para se conseguir uma aposentadoria, como sucessor dele eu tentei conseguir, a hora em que eu dei início no processo só faltaram me chamar de vagabundo porém eu fui firme até o fim".

*Cristina Martins*

*"Gosto de ser chamada de Cristina, nasci dia 14-03-59 aqui em Itajaí. Moro na Vila Operária, onde sou presidente da Associação. Cheguei ao curso convidada pela UNAMI, onde sou presidente."*

*"E o meu envolvimento na comunidade é esse trabalho pelo bairro."*

*"Escolhi a correntinha porque o pingente que tem letra eu ganhei da minha mãe, esta pedrinha eu ganhei de um moço que fez um cursinho de computação, eu achei interessante a gente só ia ficar um dia junto no curso e ela já me deu essa pedrinha aqui. Esse menino aqui era da minha irmã e ela deixou esse menininho para nós criar e ele me adotou ao invés de eu adotar ele, quando ela era viva ele chamava nós duas de mãe. Eu ele chamava de mãe Cris e, ela de Mainha, e agora eu perdi ela fazem quatro anos, ela tinha câncer e nós perdemos ela com 40 anos, então ela tem um significado muito grande para mim, pois ele me adotou e desde pequenininho ele me chama de mãe, até o Toninho já conhece essa história, eles têm oito anos hoje e ninguém ensino para ele me chamar de mãe, então esse é o significado do bonequinho que é muito importante para mim".*

David Fernando Rodrigues

"Gosto de ser chamado de Davi, nasci dia 15 - 02 - 49 na cidade de Biguaçu. Exerço a profissão de técnico agrimensor formado pela ETFSC em Florianópolis, trabalho aqui em Itajaí desde 1978, hoje resido no bairro São João e faço parte desta Associação de Moradores na qual sou vice-presidente. Estou tentando abraçar essa nova atividade da mesma forma que abracei minha profissão".

"Cheguei ao curso indicado pela Associação de Moradores do bairro São João".

"Minha Trajetória de lutas no Movimento Sócio-Comunitário é na participação nas políticas municipais, colaborando com diversas entidades e pessoas através de suas atividades profissionais".

"O objeto escolhido foi o relógio eu o ganhei eu o ganhei de minha esposa, e eu costumo dar muito valor as coisas que eu ganho e as coisas que eu tenho, este também me auxilia muito no que diz respeito aos meus compromissos e, em síntese seria isso".

*Alda de Fátima Belfort Costa*

*"Gosto de ser chamada de Alda, nasci no dia 01 - 06 - 55, natural de Terezina - Piauí, minha profissão é Agente de Saúde, moro no Bairro São José - Itajaí, cheguei no curso convidada pela Assistente Social Anadir".*

*"Minha Trajetória de lutas no Movimento Sócio-Comunitário iniciou com a participação na APP (Associação de Pais e Professores) do Colégio Olíndio Fralconierie, na Associação de Mulheres e Associação do Rio Bonito".*

*Antônio Orací Ribeiro de Mello*

*"Gosto de ser chamado de Toninho, nasci no dia 10 - 05 - 1957, no Rio Grande do Sul na cidade de Lagoa Vermelha. Estou em Itajaí desde 1974. Exerço micro empresário na qual sou sócio de uma empresa de Auto Gestão. Moro no Bairro Cordeiro e fui convidado à participar do curso pela Anadir".*

*"Na década de 80 iniciei meu envolvimento nos movimento sócio-comunitário e ajudei a formar entre 20 e 22 entidades comunitárias, participei de Movimentos de Direitos Humanos, fui presidente da FAMESC, da UNAMI por dois mandatos e no momento estou exercendo a função de vice-presidente da UNAMI".*

*"Em relação ao objeto eu coloquei dois. O cordão é mais em função da proposta de desprendimento que a gente tem enquanto riqueza, pela minha postura não é de adquirir para nada mim, mas adquirir para nós, em conjunto com que se esta trabalhando e também é um símbolo de São Francisco nessa luta por uma sociedade melhor e, a aliança é pelo compromissos com os pobres, um compromisso social. Essa aliança surgiu com os movimentos mais ligados a Igreja Católica na década de 80 e eu adotei também como aliança de casamento em 86 e a minha companheira esta envolvida nesse trabalho onde a gente usa até hoje ela como compromisso social. Então é nesse sentido que eu coloquei esses dois objetos".*

Sandra R. B. da Silva.

"Gosto de ser chamada de Sandra, nasci em Blumenau no dia 22/ 05/ 1973. Sou Enfermeira trabalho na Policlínica do Promorar no Programa da Saúde da Família, mas moro no bairro São Judas".

"Acho que o meu envolvimento é ali, além de ser enfermeira, estou trabalhando diretamente ligada a comunidade". Uma das coisas que torna esse programa diferenciado é que o profissional identifica as demandas no âmbito em que elas se dão, diminuindo a procura ao posto de saúde, possibilitando assim olharmos a realidade e ao mesmo tempo seguir as recomendações médicas. Então eu acho que o envolvimento é justamente, tá bem grande, por eu estar trabalhando nesse programa novo".

"Escolhi este anel porque eu o ganhei quando me formei. Desde pequena foi muito importante pra mim esta questão de estudar e me formar em alguma coisa. Fui criada só por mãe e isso era uma responsabilidade e minha mãe era bem exigente, sempre colocou que nós devíamos estudar, eu e minha irmã. Isto foi uma coisa muito importante na minha vida, acho que foi um dos momentos mais felizes da vida foi a minha formatura, esse anel marca bastante".

*Morgana E. W. da Silva.*

*"Gosto de ser chamada por Morgana, nasci 23-04-74 em Itajaí, sou coordenadora da policlínica do Promorar II e minha profissão é na parte administrativa. Resido no bairro Dom Bosco. Cheguei ao curso convidada pela Anadir".*

*"Meu envolvimento com o movimento sócio-comunitário seria referente a minha profissão, pois estou apenas sete meses engajada e ainda tenho muita coisa à aprender".*

*"O significado do objeto que foi a correntinha é que eu ganhei do meu marido que era meu namorado, então seria uma relação afetiva que envolve uma responsabilidade e que eu tenho duas meninas gêmeas com um ano e oito meses e isso é muito importante".*



*Sueli Farias da Costa*

*"Gosto de ser chamada de Sueli, nasci no dia 20 - 09 -1954 sou natural de Ibirama, minha profissão é do Lar. Moro na rua Ibirama em Itajaí".*

*"Cheguei no Curso convidada pela Associação de Moradores do Bairro Rio Bonito, a qual faço parte da diretoria".*

*"Minha Trajetória de lutas no Movimento Sócio-Comunitário é que participo a algum tempo de trabalhos comunitários voltados na área da criança e adolescentes. Foi convidada a ser vereadora por duas vezes".*

*Rosalvo Pereira*

*"Gosto de ser chamado de Rosalvo, nasci dia 10-12-52 na cidade de Itajaí. Atualmente exerço a profissão de assessor técnico de salvatagem, apesar de eu já ser aposentado, trabalhei 20 anos na Petrobrás. Moro no bairro da Fazenda o qual sou presidente da associação de moradores e cheguei ao curso convidado pela UNAMI, onde sou 1 secretário".*

*"Meu envolvimento na luta sócio-comunitária é basicamente esta, pois sempre trabalhei na Petrobrás viajando, e no momento sou presidente da associação de Moradores da Fazenda".*

*"O significado desse objeto é minha aliança, essa eu uso à 23 anos e eu sou casado com uma pessoa maravilhosa que é minha esposa, ela me deu dois filhos maravilhosos também, e inclusive hoje ela tá de aniversário, e mudou bastante a minha vida depois que eu comecei a usar esta aliança. Por isso é que eu acho que é um objeto importante para mim, certo."*

*Olinda Idelbrande de Oliveira.*

*"Aqui a maioria me chama de vó, eu sou vó de todo mundo porque eu me envolvi muito aqui na associação por causa dos alunos do '15' e aí eu levava meus netos na aula e eles me chamam de vó e daí todas as outras crianças e a comunidade começaram também. Eu gosto muito disso, porque vó é uma palavra bonita e além dos meus netos eu tenho tanto a outros também, até outro dia um menino me chamou de vó e uma pessoa me perguntou: Mas esse é mesmo seu neto? Ele é tão branquinho e eu disse, que este era o nome que todos aqui me chamavam. Nasci dia 15 - 07 - 4, em Videira. A minha maior profissão nesse bairro foi ser líder comunitário e hoje eu sou educadora aqui na escola, Educação para o Lar. Assim eu atendo mais a comunidade do que trabalho, porém eu tenho para isso, segundo nosso prefeito, para ele, desde que eu esteja fazendo esse trabalho comunitário eu não tenho hora nem para sair nem para chegar, então quer dizer que eu trabalho mais para a comunidade do que para o próprio emprego. Moro no bairro Promorar II (São Vicente), me envolvimento nessa luta é sempre em torno da comunidade, em ajudar, correr atrás de coisas que estão certas ou não no bairro, tentar ajudar as pessoas sempre foi o meu maior envolvimento".*

*"Agora não sei sobre esse objeto, eu acho que vou fazer igual ao Félix vou colocar esse sapatinho, eu vou dizer que eu amo ele, porque ele não machuca meus calos e nem a unha encravada. Assim, eu posso andar com ele o dia todo, que ele não me machuca. Eu prefiro ele porque ele anda na estrada melhor que qualquer outra coisa. É especial porque com ele eu caminho por tudo, me leva a qualquer lugar sem problemas de ele me pisar, ainda ontem por exemplo fui com ele lá naquela área que foi invadida e tinha muita lama e o chinelo atola, então ele é meu companheiro e acho que no momento é só. Se tiver outras perguntas eu respondo com prazer".*

*Rosemeri Alves*

*"Gosto de ser chamada de Meri, nasci no dia 28 - 02 - 1968, sou natural de Itajaí e minha profissão é Educadora para o Lar. Moro no Bairro Cordeiros".*

*"Cheguei no curso para representar o presidente da Associação de Moradores do Bambuzal".  
"Minha Trajetória de lutas no Movimento Sócio-Comunitário é realizar trabalho nas Festas Comunitárias e no Apoio Escolar da Comunidade".*

*Valdir João Balbino*

*"Gosto de ser chamado de Valdir, nasci no dia 20 - 10 - 45 na cidade de Itajaí, sou Servidor Público da prefeitura. Moro no bairro Fazenda na rua Galdino G. Vieira, 200. Fui convidado a participar do curso pela Associação de Moradores da Fazendinha da qual sou membro".*

*"Meu envolvimento no Movimento Sócio-Comunitário é nas Associações de Bairro, clube de Serviços Rotary, Clube Social, Sociedade recreativa Fazendinha, participo de trabalhos da Igreja e outros".*

*"Meu objeto, eu coloco a vida como o melhor, no meu dia-a-dia no meu trabalho e na minha participação junto e essas comunidade, então é isso.  
Morgana E. W. da Silva.*

*"Gosto de ser chamada por Morgana, nasci 23-04-74 em Itajaí, sou coordenadora da policlínica do Promorar II e minha profissão é na parte administrativa . Resido no bairro Dom Bosco. Cheguei ao curso convidada pela Anadir".*

*"Meu envolvimento com o movimento sócio-comunitário seria referente a minha profissão, pois estou apenas sete meses engajada e ainda tenho muita coisa à aprender".*

*"O significado do objeto que foi a correntinha é que eu ganhei do meu marido que era meu namorado, então seria uma relação afetiva que envolve uma responsabilidade e que eu tenho duas meninas gêmeas com um ano e oito meses e isso é muito importante".*

Maurílio Moraes

"Gosto de ser chamado de Maurílio, nasci no dia 11 - 07 - 1963, em Balneário Camboriú, Trabalho na Celesc, sou eletricitário, moro no bairro da Vila Operária. Faço parte com a Cristina desta associação. Cheguei ao curso pelo seu convite, meu envolvimento nas lutas do movimento sócio-comunitário eu já fui tesoureiro de um coral, hoje eu sou presidente de um outro coral e também sou vereador de Itajaí".

"Esse objeto na realidade, é um anel de formatura, e é uma coisa especial para a gente, pois desde pequeno eu queria alcançar esse objetivo e eu o alcancei graças a deus e aos meus pais e ele tem um outro significado para mim, pois fazem quatro anos só que eu me acidentei então quando eu andava com as minhas próprias pernas eu lembro que eu trabalhava com a parte de uma sorveteria e era mais ou menos meia noite e tive que colocar gasolina no carro, quando eu cheguei no posto para abastecer parou um outro carro numa outra bomba e o frentista foi lá atende-lo. Eu percebi que quando o cara saiu para dar a chave para o frentista abrir o tanque e o frentista não sabia abrir então o homem saiu bravo do carro e levou um impacto na porta e quando ele saiu percebi que era cheio de pulseiras de ouro, e entrou novamente no carro e foi embora. Daí eu me perguntei se aquele impacto que ele deu não foi porque ficou preso à alguma coisa na hora de abrir a porta alguma corrente, enroscou, e enquanto o frentista colocava o combustível no meu carro, e eu fui lá verificar se realmente não havia deixado nenhuma pulseirinhas cair. Fui lá verificar e na verdade eu fui fazer uma ação, fui ver, pois se na verdade eu não acreditasse em mim em certas ocasiões na nossa vida, to falando assim pela gente acreditar na gente mesmo. Então fui lá e achei a pulseira de ouro, levei ao ourives para ver se tinha condições de arrumá-la, só que o elo dela seria maior, daí não compensaria de eu fazer um elo então eu disse a ele que desmanchasse para fazer um anel para mim, eu coloquei um pouco à mais de ouro, e está aqui o anel. As vezes acontece conosco alguma coisa e tu não acreditas em ti, se na realidade eu não fosse lá, hoje com certeza eu não teria o anel. Nós temos que acreditar em nós mesmos, é isso obrigado".

*Zélia Andrade Nunes.*

*"Gosto de ser chamada de Zélia, nasci no dia 25 - 08 - 1951, na cidade de Lages. Moro na rua Palmir Francisco Dias, 672 no bairro Promorar II. Minha profissão é Auxiliar de Enfermagem, e no momento sou Aposentada como Agente de Saúde Pública".*

*"Minha luta no movimento sócio-comunitário é em trabalhos da igreja evangélica, e no conselho de entorpecentes".*

*Carlito Lauro Pereira*

*"Gosto de ser chamado de Carlito, nasci no dia 16 - 04 - 1950, na cidade de Itajaí. Moro no bairro Fazendinha. Minha profissão é Guarda Portuário".*

*"Cheguei ao curso por convite de meu irmão Rosalvo, que no momento precisou se ausentar por motivos profissionais, isto é, ele teve que se afastar na plataforma da Petrobrás".*

*"Minha trajetória de luta nos movimentos sociais é mais ligada ao setor de esportes, no momento sou diretor de esportes da Fazendinha".*



*Idalina Maria Mello.*

*"Gosto de ser chamada por Idalina, nasci dia 28 - 06 - 1964, na cidade de Brusque. Moro no bairro Cordeiros na rua Mário Reis 219. Minha profissão é Industrialia".*

*"Meu envolvimento no movimento sócio comunitário é , membro da UNAMI, conselho de saúde, membro da associação de moradores do bairro Cordeiros, presidente do movimento de direitos humanos, grupo de jovens (JUC), alfabetização de adultos, movimento auto gestão, e outros que no momento não lembro".*

*Paulo Roberto Campos.*

*"Gosto de ser chamado de Paulo, nasci no dia 15 - 07 - 1972, na cidade de Duque de Caxias. Minha profissão é Educador Social. Moro no bairro São João".*

*"Minhas lutas nos movimentos sócio-comunitário se iniciaram no movimento estudantil, já fui membro da associação de moradores do Tabuleiro e do movimento de defesa de moradia do Rio Grande do sul, hoje participo e trabalho no Centro de Atenção Psico-Social (Cap's)".*

*Rosângela Darugna*

*"Gosto de ser chamada de Nana, nasci no dia 11 - 08 - 1960 na cidade de Itajaí. Minha profissão é Do Lar, e moro no bairro Cordeiros, na rua Santo Agostinho 175".*

*"Meu envolvimento na luta sócio-comunitária é no centro de defesa dos direitos humanos (CDHU), sou membro da UNAMI, participo de grupos na igreja, grupo de jovens, equipe do colegiado e sou membro da associação de moradores do bairro Cordeiros".*

*Márcio Gomes de Brito.*

*"Gosto de ser chamado de Márcio, nasci no dia 13 - 12 - 1973, na cidade de Rondon no Paraná, trabalho como guarda patrimonial. Moro no bairro Promorar II, mais conhecido como loteamento Dona Mariquinha".*

*"Cheguei ao curso por convite de dona Olinda. Participo de atividades na igreja evangélica e minha trajetória ainda é um pouco curta".*

*Maria Goretti Duplaa Soares.*

*"Gosto de ser chamada de Goretti, nasci no dia 15 - 10 - 1965, na cidade de Belo Horizonte. Moro no bairro São João. No momento sou bolsista do Cap's".*

*"Meu envolvimento nos movimentos sócio-comunitário, iniciaram com o movimento estudantil, APP, igreja, e hoje, estou envolvida como bolsista no trabalho do Cap's e no grupo profissionais do sexo".*

*Davi José Teixeira*

*"Gosto de ser chamado de Davi, nasci no dia 08 - 10 - 1962 na cidade de Itajaí. Atualmente sou vereador do Município. Moro no bairro da Fazenda. fui convidado à participar deste curso pela UNAMI".*

*"Meu envolvimento com o Movimento sócio-comunitário acho que já vem de berço, desde que me conheço como gente eu era coroinha, aí depois tinha o padre lá na fazenda que se chamava Sérgio Jacomã que sempre fazia esse trabalho de campo, ia na comunidade fazer atividade e inclusive ele foi um dos fundadores do Movimento de Direitos Humanos aqui em Itajaí, participo também do Movimento Negro em defesa dos Direitos Humanos e membro da UNAMI".*

*"Objeto, eu escolhi a Constituição Federal do Brasil, eu acho que isso é importante em toda a nossa vida, infelizmente, a gente não a conhece e os homens fazem inclusive outras leis em cima desta e o fazem ao seu bel-prazer e, nós brasileiros não conhecemos nem o que consta nesta, por exemplo, consta na Constituição de 1988 que quem fazia auditoria do plebiscito da dívida externa e até hoje a gente fica comandado pelo FMI e nada fizemos. As vezes até pisoteamos em cima da equipe que é nossa, não criando um patriotismo, então eu acho que ela tem um significado, pois onde eu vou eu estou com a Constituição e com a Lei Orgânica do Município. No Regimento Interno da sempre tem debates e a gente tenta por A mais B provar que a Constituição diz assim que não poderia ser feito de outro jeito. Aí então esse é o significado que eu coloco aqui".*

*Salette Albertina Corrêa.*

*"Gosto de ser chamada de Sá, nasci dia 06 - 03 - 1952, na cidade de Nova Trento".*

*"Minha profissão é chefe de divisão na Secretaria de Desenvolvimento Social. Moro no bairro São Vicente, na rua Bernardino da Rocha, 95".*

*"Meu envolvimento nos movimentos sócio-comunitário se iniciou à algum tempo. No momento sou presidente do conselho de entorpecentes, também coordeno um grupo de apoio familiar, e faço parte do conselho deliberativo da escola, sou também conselheira do conselho de líderes comunitários(clic)".*

## 2 - O QUE É O PROJETO?

### Primeiro Momento:

Síntese sobre a trajetória histórica do processo de formação política no âmbito dos movimentos sociais, em especial aqueles que se expressam via as organizações sócio-comunitárias e populares nos bairros da Cidade.

### Segundo Momento:

Especificidade do Projeto de "Formação Política para agentes do movimento sócio-comunitário e popular - construindo cidadania".

Sugestão para a dinâmica de trabalho:

Oportunizar o debate, consultar os presentes quanto as suas sugestões e suas percepções, dificuldades e dúvidas sobre a proposta do projeto.

A educadora destacará os principais pontos que configuram o projeto no que se refere à sua elaboração na relação Nessor/Organizações sócio-comunitárias e seu processo de execução. Isto é: fará uma breve exposição do Projeto quanto a sua origem, processo de formulação, formação de parcerias, seu financiamento e seu comprometimento com uma política de formação de agentes



comunitários que possam apropriar-se de um saber-fazer no coletivo, humanizador e com inclusão social.

Buscará motivar os e as cursistas a expressarem suas impressões sobre o Projeto.

Identificar as sugestões. Dialogar com o grupo e este entre si quanto as suas expectativas e suas motivações para realizarem o curso.

As contribuições serão dadas diretamente pelos cursistas, cabendo a educadora formular sínteses das questões apresentadas.

## O PROJETO NA FALA DOS CURSISTAS

O texto do projeto inicialmente proposto foi configurado em um processo de trabalho que buscou contemplar necessidades por formação sócio-política expressas pelo movimento sócio-comunitária de um modo mais amplo.

Aproximamo-nos das motivações das e dos cursistas conhecendo e debatendo o projeto original, buscando assim, atualizar o projeto e contemplar suas sugestões.

"É uma oportunidade que eu busco: conhecer".

"Me oportuniza, um curso assim, pensar uma sociedade melhor. Com qualidade de vida. É um projeto para aprendermos a fazer no coletivo".

"Vejo que traz contribuições para as coisas que temos a fazer: deixarmos o quê nos põe atados. Traz um conteúdo que informará como vivemos em sociedade hoje. Busca estabelecer com o que existe. Qual é o jogo".

"Para mim é um projeto que vem preencher uma lacuna no movimento sócio-comunitário. Faremos uma leitura do quê somos. Qual realidade vivemos. Qual é nosso papel".

"Penso que esclarecerá o que vivemos. Qual é o nosso projeto. Ficamos copiando e a vida passa. Iremos conhecer melhor nossas entidades comunitárias. Elas não são amontoados de pessoas. Temos questões que são também institucionais. Muitos moradores não querem se dedicar, se envolver. Fizemos mobilizações para fazerem o curso mas não vieram. O curso para mim me impulsiona para uma outra dinâmica".

"Sugiro que dentro das questões do meio ambiente seja focado o saneamento básico, coleta seletiva do lixo e desratização".

"Quero que seja enfocada a participação comunitária, parcerias".

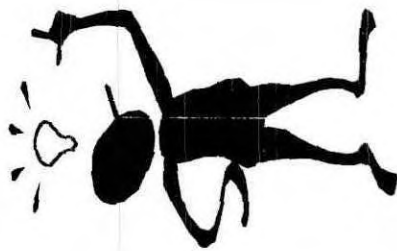
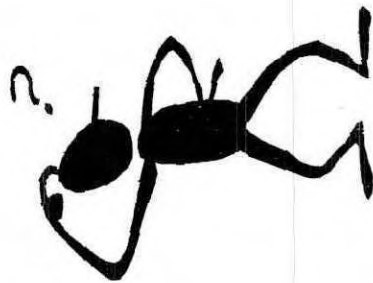
"Entendermos os espaços de deliberação das políticas públicas. A questão da autonomia".

"Algo importante a ser visto é o trata de animais nas cidades - zoonose. A Maria é uma referência - Prefeitura Municipal de Itajaí".

"Queremos aprender alternativas de mobilização social e que sejam propositivas, não dependentes do poder público".

"Aprender estratégias de trabalho comunitário e mobilização social".

"Entendermos a relação questões partidárias e trabalho comunitário".





**UNIVERSIDADE FEREAL DE SANTA CATARINA-UFSC  
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL-DSS  
NUCLEO DE ESTUDO EM SERVIÇO SOCIAL E ORGANIZAÇÕES POPULARES-  
NESSOP**

**PROJETO ASSESSORIA: “Formação Política para agentes do Movimento Sócio-Comunitário e popular- construindo cidadania”.**

**SEGUNDA ETAPA: Como vivemos em sociedade hoje?**

**Educadora:** Luciane dos Santos Schmidt- Assistente Social  
Mestranda da engenharia da produção e Sistemas/UFSC

**FLORIANÓPOLIS, 29 DE SETEMBTO DE 2001**

SEGUNDA ETAPA: Como Vivemos em Sociedade hoje?

### *TEXTO PARA REFLEXÃO DOS CURSISTAS*

#### **RELAÇÕES DE ORDEM-OBEDIÊNCIA: No Cerne das relações de poder**

**PODER** é uma palavra que possui um conceito fundamental, com vários significados, em torno dos quais há grande divergência. Pode-se considerar poder como uma ação Humana que produz efeitos sociais. Processo pelo qual um dos atores impõe ao outro um comportamento visando determinados benefícios. O poder é a capacidade de controlar indivíduos, eventos ou recursos – fazer com que aconteça aquilo que a pessoa quer, a despeito de obstáculos, resistência ou oposição. A capacidade de não agir é a maneira sutil e indireta de se exercer o poder.

A relação de poder ocorre porque a pessoa subordinada age de acordo com que presumidamente desejaria o dominante, com receio de possíveis punições.

De acordo com Max Weber\*, as relações de mando e obediência que emergem na política estão baseadas além das coisas materiais, em hábitos, sobretudo na obediência, cujo fundamento é a legitimidade. A legitimidade é uma relação entre valores. Soma-se à legitimidade a coerção (força) como um dos elementos constitutivos do poder. A eficácia da força reside precisamente na ameaça do seu tornado-a sempre efetiva. Antônio Gramsci\*\* formulou a tese de que o poder político (Estado) é a conjugação bem articulada entre consentimento e coerção.

#### **OS RECURSOS QUE PODEM SER EMPREGADOS PARA O EXERCÍCIO DE PODER**

\* Riqueza, força, informação, prestígio, legitimidade, popularidade, amizade, carisma, relações íntimas com pessoas que integram o círculo de poder e outras.

Esses recursos são poder em potencial. Portanto, os recursos são instrumentos para o exercício de poder entre diferentes situações (entre pessoas, países, empresas). Além dos recursos é necessário ter capacitação na utilização dos mesmos e na transformação em estratégias de poder. Esse processo se realiza mediante a posse de informações mínimas sobre a utilização dos recursos potenciais

Via de regra, o poder é exercido fazendo o caminho da persuasão à manipulação e da ameaça de uma punição à promessa de uma recompensa. A coerção, nesse caso, tem um alto grau de constrangimento ou, até mesmo, tem possibilidades concretas de privações.

Aqui, o aliciamento é uma promessa de possíveis vantagens. Toda ação que possui correspondência entre os resultados obtidos e os desejos específicos do agente constitui o sinal tangível do poder exercido por esse agente. Nesse caso, Weber mostra que o poder significa a possibilidade de fazer triunfar no seio de uma relação a sua própria vontade mesmo contra resistências, qualquer que seja a base em que se baseia tal possibilidade.

Por sua vez, Karl Marx utilizou o conceito de poder em relação às **CLASSES SOCIAIS** e sistemas sociais. Marx argumentava que o poder tem origem em uma posição classe social nas **RELAÇÕES DE PRODUÇÃO**, como na posse e controle dos meios de produção pela classe capitalista. Dessa perspectiva, a importância do poder reside não nas relações entre indivíduos, mas na dominação e subordinação de classes sociais, baseadas nas relações de produção.

**AUTORIDADE E CRENÇA SOCIAL** é um conceito cujo desenvolvimento é mais **frequentemente** associado também a Max Weber, que a considerava como uma forma particular de **PODER**. A autoridade é definida e sustentada pelas normas do sistema social e de modo geral, aceita como legítima pelos que dela participam. Como tal, a maioria das formas de autoridade está ligada não a indivíduos, mas às posições – status- que eles ocupam em sistemas sociais. A autoridade é uma forma de poder muito vulnerável abuso porque repousa sobre suposições sociais compartilhadas de que os detentores da mesma agem tendo por trás todo o peso do sistema social.

**CLASSE SOCIAL** é um dos conceitos mais importantes para entender a sociedade, é uma distinção e uma divisão social que resultam da distribuição desigual de vantagens e recursos, tais como riqueza, poder e prestígio.

Karl Marx argumentava que as divisões de classe baseiam-se em diferenças nas relações entre indivíduos e processo de produção, em especial na propriedade e controle dos meios de produção (tais como máquinas, fábricas e terra). Sob o capitalismo, esses meios são possuídos e controlados por uma única classe – a classe burguesa, ou capitalista, cujos membros porém não os usam concretamente a fim de produzir riqueza. Em vez disso, esse trabalho é feito por membros de classe operária ou proletariado, que produz riqueza mas nem possui nem controla os meios de produção. Uma vez que os próprios capitalistas tampouco produzem riqueza de fato, sua prosperidade depende necessariamente do trabalho das pessoas. Dessa maneira, eles controlam os meios de produção e, por extensão, a riqueza produzida. Trabalhadores sobrevivem do salário pois vendem sua força de trabalho.

**POLÍTICA** é o processo social através do qual poder coletivo é gerado, organizado, distribuído e usado nos sistemas sociais. Na maioria das sociedades, é organizada sobretudo em torno da instituição do **ESTADO**, embora este fenômeno seja relativamente recente. Nas sociedades feudais, por exemplo, o Estado era muito fraco e subdesenvolvido, e o poder político cabia principalmente aos nobres, vassalos e clero, cujas esferas de influência eram bem definidas pela extensão de suas terras.

Embora seja associada com mais frequência a instituições de governo nos níveis internacional, nacional, regional e comunitário, o conceito de política pode ser aplicado a virtualmente todos os sistemas sociais nos quais o poder representa papel importante. Podemos, por conseguinte, fazer perguntas sobre política da vida familiar e da sexualidade, a “política” de escritório, a política universitária ou mesmo a política da arte e da música. Este último argumento tem importância especial porque chama atenção para o fato de que todos os sistemas sociais têm uma **ESTRUTURA DE PODER**, e não apenas aqueles cujas funções sociais são formalmente definidas em termos de poder.

Portanto, não podemos definir que o poder é uma determinada coisa, mas sim um processo, é uma relação social entre pessoas (A+B) ou na verdade (quem manda e quem obedece), é forma

de se relacionarem, temos que entender o poder, observa-lo como? e entre quem ele ocorre e saber é muito forte na relação entre estes conceitos..

Assim, através destes breves conceitos gostaria, de apenas deixar mais claro o texto, com a proposta de torna-los mais críticos.



## O TRABALHO ALIENADO

Falar em alienação é falar do mistério de ser e não ser, ao mesmo tempo, no mesmo momento. A palavra alienação pode ser usada em varias situações. Tendo porém o mesmo sentido. Por exemplo, quando uma pessoa compra um bem e não tem todo dinheiro para paga-lo e precisa de um financiamento bancário, este bem será ALIENADO até que o compromisso com o banco seja quitado. Ou seja, o bem é seu e não é ao mesmo tempo. Esta pessoa não poderá vendê-lo enquanto estiver ALIENADO, porque ele não lhe pertence por completo, porque tu pagaste e não pagaste por ele.

Antigamente referia-se à loucura como "ALIENAÇÃO MENTAL". O louco, conforme esta expressão, é alguém que deixo de pertencer a si mesmo, e um estranho perante si próprio. A loucura neste tempo era compreendida como possessão do demônio. Alguém que não sou eu, um espirito que me invadiu e me representa. Aqui também a palavra Alienação aparece como uma síntese da magia de ser e não ser.

Fala-se também que drogas são alienantes, pela mesma razão. A pessoa drogada deixa de ser ela. A pessoa tem uma sensação de estranhamento, de estar "fora de si".

Portanto, falar de ALIENAÇÃO é chegar na fronteira entre O SER E O NÃO SER. O homem alienado é um homem desprovido de si mesmo. Nos reconhecemos como seres únicos e indivisíveis, porém a alienação explode a nossa individualidade. Através dela o homem é a sua negação.

É preciso entender como o homem se constrói para saber como ele se nega. Isto pode ser feito através da História, que é sinônimo da evolução do trabalho dos homens. Foi através do trabalho que o homem se construiu. Nossa herança e nossos projetos se materializam por e pelo trabalho. Ele é ponto de passagem entre o passado e o futuro.

Para entender o Homem, é fundamental partir do fazer do homem, ou seja do TRABALHO.

## O TRABALHO ENQUANTO PRAZER E SOFRIMENTO

O Trabalho é ao mesmo tempo criação, tédio, miséria e fortuna, felicidade e tragédia, realização e tortura.

Um trabalhador braçal, que carrega caixas o dia todo, sua, irrita, não vê a hora do expediente terminar e poder ir para casa. Seu cansaço é tão grande que mal consegue ver televisão. Dorme cedo, levanta mal-humorado, vive cansado, infeliz, os dias se arrastam. No fim de semana porém, ele convida os colegas para uma pelada, onde corre, sua, se irrita, briga com o juiz, se cansa e volta feliz para casa, reanimado pra o inicio da nova semana.

Se fosse um intelectual poderia descansar jogando xadrez, plantando uma horta ou fazendo trabalhos manuais.

Nós descansamos do trabalho, com trabalho. Nos orgulhamos e nos envergonhamos do nosso trabalho.

Vamos imaginar que pudéssemos separar trabalho/criação do trabalho/ tortura como exemplo criaremos um objeto: uma cadeira.

## O TRABALHO CRIAÇÃO

Inicialmente compra da madeira. Depois de discutirmos entre nós, que tipo de madeira será usada, iremos compra-la. Isto nos obriga à manter contato mais ou menos diretamente com todo o mundo. Da madeireira ao nosso dinheiro, ao FMI, entramos num novo universo.

Neste caso o trabalho aparece como um vínculo de comunicação entre os homens. Através dele eu e você nos apresentamos um ao outro. Tu se transforma aos meus olhos, passa a ser alguém que gosta de cedro por exemplo. Tu se apresenta e se transforma na medida em que interage comigo, defende seus argumentos, aprende como os meus, e vice versa. Depois dessa relação e da madeira escolhida, somos outra pessoa perante o outro e perante nós mesmos.

Através do trabalho tu se iguala e se diferencia de si e do outro em uma ciranda quase mágica, se exercita socialmente, transforma o outro e é transformado por ele.

Segundo momento: Ferramentas

Depois de comprar a madeira, precisamos escolher as ferramentas com as quais vamos trabalhar (serrote, martelo, pregos, etc e aprender a utiliza-las).

O instrumento de trabalho é um mediador entre o homem e a natureza uma extensão de seu braço. Alguém criou o serrote, o martelo. O que era um simples gesto (cortar a madeira) agora se transforma em um objeto, com vida independente de cada ser humano. Todos sabemos que não houve um homem que inventou o serrote. Vários homens, várias gerações foram aperfeiçoando os instrumentos de trabalho. O serrote que temos hoje evolui como toda história da humanidade e exige de cada um de nós uma participação integrada a ela. Cada instrumento de trabalho que é aperfeiçoado por nós faz com que sejamos também seres históricos.

Terceiro momento: cortar a madeira

Impomos nossa vontade à natureza e ao mesmo tempo aprendemos com ela. Passamos a ter uma nova concepção da madeira, dura, mole, forte, fraca, novas idéias, nova prática.

O pensamento, produto de uma atividade mediado pelo instrumento de trabalho, surge e desenvolve no exercício social. Cada conceito desta madeira, cada palavra serrote, trabalho, alienação, representa o universo humano, as sociedades, a história.

Quarto momento: Montar a cadeira

O que era uma árvore, agora tem pernas. A natureza tem formas semelhantes ao homem e várias utilidades para nós e nós também possuímos significado para ela. Também fomos transformados, somos outros depois do trabalho. Nossos braços estão ligeiramente mais fortes, nosso dedo pode estar machucado, já conhecemos a madeira, lojas, preços e já devemos estar ajeitados com os instrumentos de trabalho e com um bom relacionamento com os colegas. Transformamos a natureza que também nos transforma.

É bom salientar que na construção de nosso trabalho também envolveram outras pessoas: O lenhador, o balconista, os funcionários do banco, a casa da moeda, a inflação, e todos os responsáveis por ela no país e exterior, parece mentira mas para esta construção está todo o trabalho dos homens do mundo.

A cadeira que construímos esta toda a nossa existência, fomos nós que transformamos este objeto em produto. Pois, quem sentar em nossa cadeira, ou cair dela, podem até não gostarem do

design ou mesmo idolatrará estará convivendo com um pouco de nós, e isto que torna o trabalho gratificante, porém nem tudo são flores.

## TRABALHO TORTURA

Agora vamos construir a mesma cadeira dentro de uma fábrica. Você pega o ônibus e chega na Indústria de moveis.

**1º ETAPA:** Seleção do pessoal. Existem apenas uma vaga, e muitas pessoas como você estão querendo esta vaga. Alguns estão recém entrando no mercado de trabalho, outros já perderam o emprego há meses e não consegue nada. Cada um tem suas razões para querer esta vaga e você também possui a sua.

Mas para fábrica todos são iguais. As diferenças também são igualadas. Aquela solidariedade que havia na fila antes, buscando o mesmo emprego, agora acabou. Cada um vai mostrar para o fabricante que ele é o melhor. Agora passam a ser concorrentes. A fábrica diferenciou o que vocês tinham em comum. A fábrica iguala os homens apesar de suas diferenças e diferencia os homens apesar de suas semelhanças.

Tu foste o escolhido e poderá voltar amanhã. Mas um pouco da sua dignidade ficou naquela gaveta do departamento pessoal.

**2º ETAPA:** Dia de treinamento. Tu percebe que a fábrica tem normas que tu deverá vestir-se como a fábrica quiser, andará por onde ela determinar, se sentará no espaço estabelecido. O chefe imediato observa você e, por sua vez é observado por outro chefe superior, que é observado pelo gerente que é observado pelo patrão que é o dono de tudo e geralmente é desconhecido pelos funcionários. Todo o seu cotidiano na fábrica será determinado por normas elaboradas por pessoas que tu desconhece, visando a atender objetivos obscuros para você. Esta estrutura produtiva da qual você agora faz parte se apresenta como um ser independente de você, estranho ameaçador.

Depois do treinamento, tu começa aprender sua tarefa. Bater prego que sustenta a perna da cadeira a base. O supervisor lhe mostra uma cadeira pronta pra ti ver que o prego deverá ficar em tal lugar.

Explica que a tarefa é dividida para facilitar e que você e mais 60 funcionários deverão fabricar 1000 cadeiras por dia. Como tu já esta treinado e conseguindo bater 1000 pregos por dia, irá para ser promovido para montagem.

Tu farás 1000 cadeiras por dia, mas não saberia fazer nenhuma por completo. **PRODUZ,** mas não domina a técnica de produção. Tu tens teu conhecimento, mas só que ao invés de você se apropria dele. foi ele quem se apropriou de ti. O trabalho que é o meio de dominar o mundo, mas ele dominou você.

### **3º ETAPA:** Produção

Agora tu bate o prego desesperadamente, não pode parar porque atrapalha a linha de produção. Seu trabalho se transformou em **FORÇA DE TRABALHO** medida pela velocidade, como se faz com os animais. TU bate prego até o sinal para o almoço. Só agora tu poderá conversar com seus colegas do lado, perceber as pessoas que estão a sua frente e assim neste momento poderá sentir-se gente novamente. Começa tudo de novo, volta a bater prego até o final do dia e pelas suas contas, tu produziu 1000 cadeiras. Como tu produziu esta quantia pensa que poderá levar uma apenas uma para casa. A polícia é chamada, passa vergonha e ainda perde o

emprego. Agora desempregado, percebe que não produziu para ti mesmo. Não importa o tipo de trabalho que tu faça o produto não lhe pertence, Não há nenhuma relação entre o que você produziu e o consumo.

Porém com o que tu receberás pelo dia trabalhando, poderá comprar uma cadeira pra a sua casa, com o salário de R\$ 180.00 por mês tu receberá R\$ 8.00 de salário. Isto que tu produziu 1000 cadeiras num só dia. Portanto seu salário deveria dar para comprar muitas cadeiras. Mas verá que numa loja esta cadeira custa R\$20.00. Tu produziste e não pode comprar.

Aqui o trabalho volta-se contra seu criador. Quem produz riqueza colhe miséria. Na fábrica, sem saber tu produziu a sua pobreza. Se antes tínhamos dito que o trabalho promove as relações entre as pessoas, que a produção insere a pessoa na história, que o homem se humaniza no que faz aqui ocorre o inverso: o trabalho impede a relação entre as pessoas, rouba o que temos de humano.

Agora da para se ter uma idéia do que é alienação. O homem se divorcia de si mesmo pela alienação. Por ironia que o leva a perder-se , é a mesma que constrói o trabalho.no paraíso O trabalho acaba se tornando um inferno e paraíso ao mesmo tempo.

Se o homem se projeta no seu trabalho, o que ocorrer com ele se reproduzirá de alguma forma conosco. No trabalho, organizado na sociedade capitalista, ocorre uma ruptura, um *divórcio entre o produto e o produtor. O trabalhador produz o que não consome e consome o que não produziu.*

Como foi dito no início, a alienação implica ser e não ser ao mesmo tempo. A mágica se realiza pelo trabalho. Depositamos nele nossa alma. Nos perdemos sem o trabalho.

O trabalho é a única forma do homem criar, ele é prazer. É o meio de vida do homem. Ele torna o homem vivo.

Porém, este mesmo trabalho transforma-se em tortura, tédio, inimigo do qual o homem procura fugir. Isto porque ele se torna apenas meio de vida do homem constituindo sua dupla face. O trabalho em sua origem deslocado do sistema que o rege e motivo de prazer. O mesmo trabalho porém, inserido no sistema de produção industrial, dentro da fábrica torna-se tortura.

O sistema econômico do mundo capitalista determina a atividade humana, transformando-a em Mercadoria estrutura básica da sociedade em que vivemos.

Toda e qualquer mercadoria pode ser comprada e vendida. O que faz com que mercadorias diferentes possam ser compradas e comparadas entre si é o fato de serem frutos do trabalho humano, produtos da ação humana sobre a natureza e contém quantidades de trabalho, o que determina o valor. **VALOR** é a quantidade de trabalho injetada na natureza. Se uma mercadoria custa mais caro do que a outra é porque ela precisa de mais trabalho injetado.

Quando se fala em preço, fala-se também em outro tipo de trabalho. No capitalismo trabalhos diferentes de pessoas distintas são igualadas porque são transformados em mercadoria. No caso da cadeira, estávamos produzindo mercadoria para o sistema capitalista e isso torna o trabalho insuportável.

A mercadoria opera a inversão no trabalho, porque trabalho diferentes se tornam iguais e perdem seu significado individual. Quando produzimos um banco, criamos uma série de significados e produzimos a nós mesmos Através do banco. Na medida em que a mercadoria iguala a esses nossos trabalhos diferenciados nos iguala também enquanto seres diferenciados que somos.

Na seleção tu já foste tratado como um individuo igual. Quando o trabalho individual é transformado em preço, este não pode ser calculado tendo ritmos de trabalhos diferentes.

Esta é mais uma ruptura do trabalho individual. Quando produzimos a primeira cadeira, havia ritmo próprio, mas a mercadoria empresta um ritmo de produção e troca o trabalho pelo preço dessa produção. Isto termina por controlar o próprio tempo de produção através de um mercado natural. A mercadoria impõe um ritmo de trabalho, rouba a decisão do homem sobre o tempo gasto em seu trabalho.

Quando o trabalho se transforma em mercadoria, passa a valer a quantidade de trabalho injetado na natureza e não mais qualidade do trabalho. Trabalhos distintos se transformam em trabalhos iguais. Isso se torna importante porque nosso trabalho faz parte de nossa vida. A diferenciação de trabalho entre as pessoas, separa as entre si, dá a elas características diferentes. *faz parte de sua individualidade.* Quando a qualidade do trabalho deixa de importar e passa a importar apenas a quantidade de trabalho injetado, estamos perante a alienação das diferenças individuais projetadas no trabalho, através da qualificação que a mercadoria promove. O trabalho torna-se cego, carente de significados.

Porém o trabalho tem ainda outra característica essencial no nosso sistema que é a necessidade de ganhar dinheiro, de ter lucro. A mercadoria é mercadoria na medida que permite o lucro. O preço é a quantidade de trabalho injetado numa determinada mercadoria. O lucro se dá exatamente porque o dono da mercadoria a vende por muito mais dinheiro do que investiu. Ele passa a vender uma mercadoria por um valor maior do que ele investiu. Esta mercadoria que reproduz a si mesma, sem exigir uma nova cota de trabalho e sem aumentar o preço é o Trabalho Humano. Esta é a mercadoria que o dono da fábrica compra por menor valor do que vale.

O trabalho humano não só se transformou em mercadoria, como também em mercadoria especial. Uma mercadoria capaz de ser explorada, porque é comprada pelo preço de sua reprodução, ou seja, pago ao trabalhador apenas o necessário para que ele sobreviva e vendida no mercado pelo que ele tem.

Uma fábrica de automóveis por exemplo, produzem 40/50 mil carros por mês. O salário de um trabalhador não dá sequer para ele comprar um carro, nem que trabalhe a vida toda. Isso significa que o carro vendido no mercado é mais trabalho que gera mais valor, ou como dizia Marx "mais-valia".

Apenas o trabalho humano pode se transformar em lucro. Contrato um trabalhador por um preço e vendo o mesmo trabalho por preço maior. O trabalho, modo de sobrevivência do homem, transformou-se em modo de exploração do homem pelo outro.

Voltaremos ao caso da cadeira. Quando tu a produziste. Quando a produziste, tu se projetaste nela, o produto é parte tua. Quando o mundo do capital transforma esse produto seu em coisa igual a todas as outras, tu estavas dentro da coisa, também foi negado. Nessa negação de si, tu se transformaste na coisa que tu produziste. O seu produto independente. Por outro lado, tu produtor se transforma em mercadoria igual à qual foi vendida. Opera-se portanto a dupla negação.

Primeiro tu se realiza fora de si, depois se desrealiza pelo mesmo ato. O produto separou-se de seu produtor e estamos de novo diante do conceito de alienação numa sociedade capitalista. A mercadoria surgiu bem antes do capitalismo, foi nele que a mercadoria ganha sua forma mais completa. Foi com a revolução industrial que o homem foi desapropriado de seus meios de produção ficou dependente exclusivamente de sua força de trabalho. Estando o homem disponível para vender sua própria força de mercado no mercado, foi possível a apropriação do trabalho humano e sua transformação em mercadoria, o que define o capitalismo. A conjunção de mercadoria como lucro só foi possível através da exploração do trabalho alheio, através da

transformação da ação humana numa mercadoria igual a qualquer outra no mercado. Esta dupla relação- mercadoria e lucro- promove a ruptura entre o homem e seu próprio gesto, entre ação e dono dela, entre trabalho e seu produtor. Eis como a alienação é gerada na sociedade.

Até agora vimos o que provoca a alienação ,agora veremos o quê a alienação provoca. Nós somos pelo trabalho. É o trabalho que marca a existência e permite a sobrevivência do homem. O homem será o que seu trabalho for, Só o homem é roubado no seu próprio trabalho, é roubado de si mesmo. Percebe-se quando deveria se identificar. Desconhece a si mesmo quando deveria estar se construindo.

Quando produzimos nossa cadeira, nós nos projetamos nela, ela é nossa face eterna, o nosso jeito transformado em objeto fora da gente. Quando esse nosso produto é usurpado, é retirado de nós e passa às mãos do capitalista, do dono dos meios de produção , a nossa face, deixa de nos pertencer. E como se olhar no espelho tu visse um outro, é como se perdesse a possibilidade de olhar o mundo. O trabalho é também uma via de identificação com o outro, nos insere num grupo, numa espécie. E os iguala e nos diferencia dos outros indivíduos. Através do trabalho eu significo algo para o outro, e o outro significa algo para mim.

Somos capazes de fazer história, somos capazes de eternizar a nós mesmos. Somos também a única espécie que é ao mesmo tempo toda humanidade. Somos um ser genérico, a nossa própria espécie e nos reconhecemos como tal.

Quando o nosso produto se rompe, se separa, se apresenta como estranho a nós mesmos, nos distanciamos, estranhamos, alienamos da nossa própria humanidade. O capital rouba do homem sua própria transcendência a sua historicidade , o reconhecimento de si mesmo como ser universal e histórico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIAS

- WEBER , Marx. **Ensaio de Sociologia**. RJ, Guanabara/Koogan, 1982, 5ed, [H.H Gerth e C.W. Millsw(org.).
- BUCI-GLUCKSMANN, Christine. **Gramsci e o Estado**. SP.paz e Terra, 1980.
- GRAMSCI, Antônio. **Obra escolhidas**. SP, Martins Fontes, 1978
- MARX, Karl. **O manifesto Comunista**. 1948.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** – Cortez, 1995
- FORRESTER., Viviane. O horror econômico- Unesp-1600
- CODO, Wanderley. **O que é alienação?**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO SÓCIO ECONÔMICO  
CURSO DE MESTRADO EM ECONOMIA

TEXTO DA TEORIA MARXISTA  
A PARTIR d'O CAPITAL DE KARL MARX

EDUCADOR, ECONOMISTA:  
BRENO J. LOEBENS ( Fone: 240.6760 )

Florianópolis, setembro, 2001.

## INTRODUÇÃO

Com a evolução da história os homens evoluíram, e juntamente com os homens, evoluiu a forma de produzir e reproduzir a vida.

Neste texto, tem-se como objetivo geral, contribuir de forma simples, mas com a maior clareza possível, com os movimentos populares na compreensão das relações sociais no mundo capitalista globalizado.

Precisamos perceber de que forma os homens se relacionam no modo capitalista de produção, como produzem a sua vida, como se reproduzem como assalariados, de um lado, e como reproduzem a classe capitalista, do outro lado. A produção e a reprodução das classes sociais na sociedade capitalista, os possuidores da propriedade privada, dos meios de produção, e os não possuidores da propriedade privada, os proprietários, apenas, da força de trabalho como mercadoria.

E como o modo capitalista de produção é um sistema que produz a centralização do capital através da expropriação da propriedade privada, ou seja, cada vez menos capitalistas com mais capital e mais trabalhadores sem capital, o próprio sistema produz a sua auto negação.

- Como Surgiu a Sociedade Capitalista.

Num primeiro momento da investigação percebemos que o homem produzia sua vida com seu próprio trabalho, com sua independência, de forma autônoma.

Na sociedade escravocrata, o trabalhador se reproduzia na forma de escravo, como objeto de propriedade do senhor, e desta forma era dominado pela força, pelo castigo, pela cruz e pela espada, pelo domínio do proprietário sobre sua propriedade privada.

Na sociedade feudal a dominação se expressava pela posse da terra. Haviam os proprietários da terra, e se denominavam representantes de Deus, da divindade aqui na terra, como sendo donos de tudo, com a graça e bênção de Deus, e assim deveriam ser considerados e respeitados. Os Senhores feudais, geralmente eram representados pelos Reis e pelos Bispos.

Já a sociedade capitalista está fundamentada em classes sociais, onde de um lado se encontram os capitalistas, proprietários dos meios de produção e dos meios de subsistência, os proprietários da propriedade privada. E do outro lado os trabalhadores, não proprietários da propriedade privada. Estes, proprietários apenas da sua força de trabalho, que lhes restou como única mercadoria e que lhes possibilita a reprodução da sua vida.



A sociedade capitalista nasce da sociedade mercantil que serviu como forma de acumulação primitiva, ( também a pirataria, roubos e saques ), e aparece como a fase de transição entre a sociedade feudal e a sociedade capitalista.

A acumulação primitiva serviu de pré-requisito, junto com a divisão do trabalho, que se completam para separar o trabalho do capital, que é a base que sustenta o modo capitalista de produção.

Portanto, a acumulação do capital não é exclusividade do modo capitalista de produção, é todavia pré-condição. Na forma de capital mercantil e capital financeiro. É a superação, a destruição de um modo de produção anteriormente dominante por uma nova sociedade superior.

O capitalista usurário aparece, num primeiro momento, como acumulador de pequenas sobras, provenientes de transações comerciais entre pequenos camponeses e artesãos, isto é, pela venda das mercadorias por um preço superior ao preço pago na compra.

Isto só é possível quando parte dos produtos dos pequenos camponeses e artesãos se transformam em mercadorias, produto excedente, produto não consumido diretamente pelo produtor.

Como Karl Marx Analisa a Produção e Reprodução da Sociedade Burguesa?

“ A CONVERSÃO de uma soma de dinheiro em meios de produção e força de trabalho é o primeiro passo dado por uma quantidade de valor que vai exercer a função de capital. Essa conversão ocorre no mercado, na esfera da circulação. O segundo passo, processo de produção, consiste em transformar os de produção em mercadoria cujo valor ultrapassa o dos seus elementos componentes, contendo, portanto, o capital que foi desembolsado acrescido de uma mais valia. A seguir essas mercadorias têm, por sua vez, de ser lançadas na esfera da circulação. Importa vendê-las, realizar seu valor em dinheiro, e converter de novo esse dinheiro em capital, repetindo continuamente as mesmas operações. Esse movimento circular que se realiza sempre através das mesmas fases sucessivas constitui a circulação do capital.

A primeira condição da acumulação é o capitalista conseguir vender suas mercadorias e reconverter a maior parte do dinheiro por elas recebido em capital”. ...

... “ O capitalista que produz a mais valia, isto é, que extrai diretamente dos trabalhadores trabalho não pago, materializando-o em mercadorias, é quem primeiro se apropria dessa mais valia, mas não é o último proprietário dela. Tem de dividi-la com capitalistas, que exercem outras funções no conjunto da produção social, com os proprietários de terras etc. A mais valia se fragmenta assim em diversas partes. Suas frações cabem a diferentes categorias de pessoas e recebem por isso formas diversas, independentes entre si, como lucro, juros, ganho comercial, renda da terra etc”. ( Marx, 1987. P. 657. L. 1, v. II. ).

Conforme Marx, o trabalhador, o assalariado, além de produzir mercadorias, reproduz o capitalista e o assalariado através da produção de mercadorias. E produzindo mercadorias desenvolve a acumulação de capital. Produz e reproduz a própria sociedade capitalista. E através da acumulação e centralização do capital produz a sua própria negação, a negação do modo de produção capitalista.

Pela produção da mais valia, que se concretiza com a circulação do capital em forma de mercadoria, ele produz e reproduz a sociedade capitalista.

Este processo se realiza ao produzir e reproduzir o homem capitalista, proprietário dos meios de produção, da propriedade privada, e do lado oposto, o trabalhador assalariado, não proprietário dos meios de produção e não proprietário da propriedade privada.

Ao reproduzir sua existência, pela produção de mercadorias, a sociedade burguesa, pela sua forma de se reproduzir, produz o conteúdo da sua reprodução e da sua própria negação.

Pela produção e reprodução de mais capital, aumenta cada vez mais o capital constante em proporção ao capital variável, (capital constante são os meios de produção e capital variável, a força de trabalho), e a distância entre capital constante e capital variável é cada vez maior.

O trabalhador, ao produzir na sociedade capitalista, produz mercadorias, mais valia, além disso, produz a sociedade capitalista.

O assalariado, é apenas proprietário da sua força de trabalho, o que lhe permite transformá-la em mercadoria, ao vendê-la ao capitalista, que é proprietário dos meios de produção.

O capitalista ao comprar a força de trabalho, por ser já proprietário dos meios de produção, do capital constante, consumindo o trabalho com os meios de produção, produz mais mercadorias, mais valor, capital mercadoria, em mais capital dinheiro.

O movimento da transformação e da evolução, as relações entre os homens na sociedade capitalista, está na categoria da produção. O movimento está na relação de produção dos homens produzirem sua vida.

A forma da relação capitalista não está simplesmente na apropriação do produto do trabalho dos outros. Além disso expropria a propriedade privada de cada vez maior parte de produtores individuais, através da centralização do capital, do capital comercial e por último, mais recentemente, do capital industrial e financeiro. Estes capitais estão contidos entre si, não andam isolados.

No modo de produção capitalista, o capitalista proprietário dos meios de produção, dos meios de subsistência, compra a força de trabalho do trabalhador, ( $D - M = F$  onde  $D$  = dinheiro,  $M$  = mercadoria e  $F$  = força de trabalho) que combinado com os meios de produção, cria produtos, que no mercado se transformam em mercadorias, com mais valor, daquele antecipado, pelo capitalista, na compra dos meios de produção e da força de trabalho.

Mas o capitalista se apropria de todo produto, de todo resultado da produção. Depois, repassa uma parte deste produto ao trabalhador, na forma de salário, que por sua vez, o assalariado, devolve todo o salário ao capitalista em troca dos meios de subsistência, produzidos pelo próprio trabalhador. Ou seja, o trabalhador paga o produto, fruto do seu próprio trabalho.

O trabalhador, com os meios de subsistência, adquiridos em troca do salário, reproduz suas próprias energias, reproduz a nova força de trabalho, reproduz os filhos que são os substitutos seus no futuro.

Para Marx, a história não é a história do trabalho. A história é a história das relações entre os homens, da forma que os homens se relacionam através dos tempos, historicamente. A impossibilidade de produzir a vida individualmente é a positividade da negatividade da sociedade capitalista que produz a sua própria negação.

O capitalista não é um ser individual, ele é um ser social, porque, para produzir depende dos meios de produção de outros capitalistas, depende das trocas entre os capitalistas, além da força de trabalho, que ele encontra no seio da própria sociedade capitalista.

Quando observamos a nova sociedade que vem depois da manufatura, a sociedade capitalista, não podemos simplesmente tomar como uma passagem natural. Porque o novo que nasce da manufatura, é a indústria e não uma nova forma de manufatura. É uma nova forma de relação entre os homens produzir a vida. Mesmo que a indústria nasce de dentro da manufatura.

A indústria evolui e começa com a degeneração do capital, pela percepção da essência, quando os próprios capitalistas são expropriados do seu capital por outros capitalistas. É a centralização do capital que é fruto de aquisições e fusões de grandes grupos e redes de empresas.

O produto do modo capitalista de produção é o próprio modo de produção capitalista ao produzir mercadorias para a produção da mais valia, pela apropriação de parte do produto do trabalhador sem nada lhe dar em troca.

Os produtores diretos do modo de produção capitalista, os trabalhadores, produzem o capital que é apropriado pela classe capitalista, os não produtores, a classe que não produz nada diretamente, só se apropria. E os trabalhadores se reproduzem como não proprietários do capital que é produzido por eles, que não são proprietários.

O homem, trabalhador assalariado não realiza mais sua vontade individual, particular. Está inserido na sociedade capitalista de produção, de produzir socialmente a vida, e os resultados, as decisões são da produção social.

“ E isto é tanto mais necessário quanto menos se sintam o trabalhador atraído pelo conteúdo e pelo método de execução de sua tarefa, que lhe oferece por isso menos possibilidade de fruir da aplicação das suas próprias forças físicas e espirituais.

Os elementos componentes do processo de trabalho são:

- 1) a atividade adequada a um fim, isto é o próprio trabalho;
- 2) a matéria a que se aplica o trabalho, o objeto de trabalho;
- 3) os meios de trabalho, o instrumento de trabalho”. ( Marx, p. 202. 1. I.).

A evolução do desenvolvimento das relações de produção, produzem as novas relações sociais, com novas formas produtivas.

As novas ferramentas, os novos meios de produção, as novas tecnologias, as novas formas de extrair mais trabalho em menos tempo e com menor número de trabalhadores, destrói os homens e a natureza, produz a barbárie.

Estas novas formas aparecem nas favelas, na prostituição generalizada, tráfico e consumo de drogas, a marginalidade em geral. É a depredação da humanidade e da natureza. As coisas se humanizam e os homens se coisificam.

Com a evolução das relações de produção capitalista, a produção e a troca das mercadorias deixa de ser causalidade para se tornar universalidade.

O modo capitalista de produção, produz a inviabilidade, a impossibilidade de os homens produzirem e se reproduzirem individualmente, situação que se torna cada vez mais real.

O capitalista, proprietário da propriedade privada, que não produz capital, mas ao mesmo tempo é o proprietário do capital, se apropria do capital que é produto do trabalhador.

Para transformar e valorizar cada vez mais o seu capital, o capitalista associa a força de trabalho com os meios de produção de forma cada vez mais eficiente, aumenta a exploração para aumentar a produção e a mais valia, aliena da ação do homem com a máquina, transforma mercadorias em novos produtos com mais valor.

Estes novos produtos, que ao entrarem no mercado, transformam-se em mercadorias, com valor superior ao despendido pelo capitalista na compra dos meios de produção e da força de trabalho.

O capitalista combina as duas mercadorias, meios de produção e força de trabalho, de forma eficiente, que é a ação posterior à aquisição. O resultado são produtos que se transformam em mercadorias e mais valor ao valor despendido pelo capitalista.

- Processo Histórico

1500 - Trabalho individual na propriedade. Camponês e artesão. Manufatura.

1750 - 1795 - Revolução industrial

1825 - Amadurecimento do capitalismo - Maquinaria. Trabalhador social e coletivo.

1950 - Laboratório.

A singularidade é agora o social e impossibilita a reprodução da vida na forma individual, singular. É a contradição, a negação, da produção coletiva e da apropriação individual da riqueza.

É o conflito histórico entre as classes sociais. De um lado o trabalhador assalariado, produtor direto da riqueza, e do outro lado, o capitalista, não produtor, se apropriando da riqueza produzida.

" O processo de trabalho, quando ocorre como processo de consumo da força de trabalho pelo capitalista, apresenta dois fenômenos característicos.

O trabalhador trabalha sob o controle do capitalista, a quem pertence seu trabalho. O capitalista cuida em que o trabalho se realize de maneira apropriada e em que se apliquem adequadamente os meios de produção, não se desperdiçando matéria-prima e poupando-se o instrumental de trabalho, de modo que só se gaste deles o que for imprescindível à execução do trabalho.

Além disso, o produto é propriedade do capitalista, não do produtor imediato, o trabalhador. O capitalista paga, por exemplo, o valor diário da força de trabalho. Sua utilização, como a de qualquer outra mercadoria, por exemplo, a de um cavalo que alugou por um dia, pertence-lhe durante o dia. Ao comprador pertence o uso da mercadoria, e o possuidor da força de trabalho apenas cede realmente o valor-de-uso que vendeu, ao ceder seu trabalho". ( Marx, p. 209. 1. I.).

O local da reprodução individual está se tornando cada vez menos habitual. Como exemplo, temos a cozinha residencial, que está se tornando cada vez menos expressiva, e a vida está se reproduzindo cada vez mais socialmente, no coletivo.

Portanto, o que move o modo de produção capitalista, e que reflete a contradição, é cada vez extrair maior quantidade de trabalho não pago, com menos trabalho pago. Isto significa, cada vez maior exploração da classe trabalhadora.

Para os capitalistas, mais lucro com menos custo, menos investimentos em capital variável, com mais eficiência. *Eficiência marginal do capital*, na expressão da economia política neoclássica. É o aumento da produtividade do trabalho, o que quer dizer, a crescente composição orgânica do capital.

O modo capitalista de produção tem duas variáveis independentes que podem alterar a taxa de mais valia: a jornada de trabalho e ou o aumento ou diminuição do salário. Ou seja, o aumento da mais valia depende, do aumento da jornada de trabalho ou da diminuição do valor real do salário.

O mundo aparece como mundo do não trabalho, regido pelo movimento do capital financeiro. Mas a essência é o mundo do trabalho. O mundo do capital financeiro está preso ao mundo do capital industrial e produtivo.

Sem produção de riqueza não há apropriação de riqueza. Portanto, o capital financeiro especulativo se apropria de parcela da mais valia, de trabalho não pago. Na produção da riqueza na agricultura e na indústria, na forma de capital.

A socialização é a necessidade histórica no processo avançado da produção capitalista. A solução para a superação é a socialização permanente.

A dinâmica do capital financeiro se consolida, somente, com a concretização da indústria, a metalurgia, química, física, biotecnologia, agroindústria, que está no capital industrial.

O capital industrial transforma o pequeno camponês, o produtor familiar na agricultura, em produtor e gerador de mais capital financeiro.

Ao ler *O Capital*, de Karl Marx, de forma mais concisa, ou seja, no todo, precisamos enxergar, perceber e entender, que a própria negação do modo capitalista de produção, está no próprio sistema capitalista de produção de capital.

A dissociação cada vez mais, aprofundada e radical, do capital do trabalho, já está contida, faz parte do processo capitalista. O trabalhador, está cada vez mais distante da propriedade privada, aparece por completo separado da propriedade privada, no processo produtivo, portanto, da produção das coisas.

Para Marx, o modo de produção capitalista é a primeira forma que destrói, a forma anterior, que é o modo de produzir individualmente, e que não mais podem ser aquilo que foram antes. É a impossibilidade de voltar a ser o que era antes.

Nesta nova forma, a forma de produzir e reproduzir a vida, se dá somente através da produção social e coletiva.

Não há mais vida humana independente. Todos são dependentes uns dos outros, porque as coisas necessárias na reprodução da vida depende da produção coletiva. A produção e reprodução da vida depende do trabalho coletivo universal.

É a globalização das relações humanas, através da produção da vida pela produção das coisas, das mercadorias.

Os homens se tornaram agora homens sociais. De um lado a classe capitalista, a burguesia, os possuidores do capital, da propriedade privada, e do outro lado, a classe dos assalariados, os proletários, os não proprietários do capital e os não proprietários da propriedade privada.

As pessoas não dominam, não controlam, não decidem mais isoladamente a sua vida, a sua sobrevivência. A vida é controlada, decidida e dominada socialmente.

O mundo moderno, a sociedade burguesa, separa o mundo da propriedade privada do mundo do trabalho. O mundo da propriedade se desloca do mundo do trabalho.

Mas o mundo da propriedade não pode se isolar do mundo do trabalho, porque, o mundo da propriedade depende do mundo do trabalho. O mundo da propriedade só pode se valorizar pelo mundo do trabalho. Só o mundo do trabalho pode criar novos valores, valores adicionais, mais valia, mais capital.

Por conseguinte, é uma forma de produzir maior excedente, que será apropriado pelos capitalistas do sistema financeiro, através do crédito bancário e dos tributos, neste caso, de forma indireta. Portanto, o Estado é parte intermediária na transferência desse excedente do produtor familiar ao capital financeiro.

Não é pela compra e pela venda que é definido o modo capitalista de produção. A compra e a venda são pré-requisitos para consolidar a mais valia, são indispensáveis para a valorização do capital.

Porque, o modo de produção capitalista é fundamentado na valorização do capital, e esta valorização depende da circulação das mercadorias. A circulação das mercadorias depende da compra e da venda.

A agroindustrial realiza a compra dos meios de produção, a força de trabalho, e através do processo produtivo, da transformação das mercadorias, matéria prima em novo produto, cria mais valor, e conseqüentemente, produz mais valia, que é trabalho não pago.

O capital comercial compra para vender, D – M – D, e apropriar-se de parte da mais valia do capital industrial. O capital comercial é responsável pela circulação das mercadorias. Pela compra e venda do produto novo criado na indústria. Portanto, o capital comercial depende do capital industrial para se valorizar, se apropria de parte da mais valia produzida na indústria. O capital comercial não cria nada de novo.

Na produção, o capitalista antecipa, adianta, 100 unidades monetárias, por exemplo, e através do processo produtivo adquire 120 unidades monetárias.

O que define o capitalista não é a produção do produto, é a produção da mais valia, as 20 unidades a mais. O capitalista não aplica seu capital na produção por produzir. Ele toma a decisão por produzir, porque, é a única possibilidade de valorizar o capital social, de produzir mais valia, de aumentar o capital.

A produção capitalista não pode ser investigada e analisada como um ato individual, um ato isolado no contexto geral da produção. Portanto, a produção capitalista é um ato social.

O mais valor veio ao mundo pela primeira vez em forma de produto, resultado da alteração das relações sociais entre os homens, e que pela circulação se transforma em mercadoria. Através da circulação, compra e venda, a realização do estágio final da metamorfose das mercadorias, a mercadoria, é transforma-se em dinheiro na sua forma mais completa, acabada.

Para Karl Marx, o fundamento da sociedade burguesa, do modo capitalista de produção, é o capital industrial. Sem a existência do capital industrial, que cria valor, não há mais valia, nem capital comercial e nem capital financeiro.

Para que haja o capitalista, o possuidor da propriedade privada e do capital, na expressão mais acabada, de forma atual e concreta, é o capital na forma de dinheiro.

Transformar este dinheiro em mercadoria, na forma de meios de produção e força de trabalho, e conseqüentemente, para que haja a produção, valorização do capital.

Transmutar a formar do produto pelo trabalho na indústria, em novos produtos de maior valor, e materializar o valor pela metamorfose da circulação, compra e venda, na expressão do mais valor, o valor agregado destas mercadorias comercializadas, na transformação, em mais dinheiro.

O salário pago ao trabalhador, é trabalho não pago no passado, é trabalho excedente, mais valia expropriada do trabalhador pelo capitalista num momento anterior.

Então, mesmo se admitimos que o trabalhador recebe o salário antes da produção das mercadorias já é parte da mais valia, produzida na fase anterior e que foi apropriado pela classe capitalista, o capital dinheiro, que compra a força de trabalho.

O capital dinheiro que o capitalista usa para comprar os meios de produção e a força de trabalho é capital excedente na produção do passado.

Para que haja a classe capitalista e o sistema capitalista, faz-se necessário o deslocamento da riqueza em diversas formas de equivalência das coisas. A riqueza não pode estar preza a nada. A riqueza deve aparecer na forma dinheiro, que serve de medida universal de valor, para se transformar em capital.

Por cosequinte, a razão burguesa é transformar:

- 1 – D – K, dinheiro em capital;
- 2 – K – MV, capital dinheiro em mais valia, em lucro;
- 3 – MV em  $\Delta K$ , que é a transformação de mais valia em acumulação de capital.



A racionalidade capitalista é transformar capital dinheiro em mais capital dinheiro, é a acumulação do capital, pelo processo produtivo e pela circulação das mercadorias, em poder da classe capitalista.

No modo de produção capitalista primitivo, o proprietário do capital, o capitalista mora junto à propriedade, está atrelado diretamente à produção. Enquanto que, no processo de produção capitalista desenvolvido, o capitalista não está mais atrelado diretamente à produção, ele está afastado da propriedade, ou seja, o capitalista não tem mais o controle diretamente sobre a produção.

A tecnologia é a necessidade da potencialidade do capital. É a possibilidade de extrair mais trabalho com menos trabalhadores. Pelo desenvolvimento de novas tecnologias, as empresas velhas demitem cada vez mais trabalhadores, enquanto que nas novas empresas criada, os capitalistas contratam cada vez menos trabalhadores.

A produção é apenas um meio de reproduzir o valor antecipado como capital, como valor que se expande. Quando o dinheiro funciona continuamente como capital, as pessoas assumem a feição capitalista.

O trabalhador, ao produzir a mais valia, reproduz a forma de produzir mais capital, ou seja, produz e reproduz o fundo de consumo do capitalista, o seu próprio salário, que só é pago no final da produção, e que é o fundo de seu próprio pagamento, o capital variável.

“ O produto, de propriedade do capitalista, é um valor-de-uso, fios, calçados etc. Mas, embora calçados sejam úteis à marcha da sociedade e nosso capitalista seja um decidido progressista, não fabrica sapatos por paixão aos sapatos. Na produção de mercadorias, nosso capitalista não é movido por puro amor aos valores-de-uso. Produz valores-de-uso apenas por serem e enquanto forem substrato material, detentores de valor-de-troca. Tem dois objetivos. Primeiro, quer produzir um valor-de-uso, que tenha valor-de-troca, um artigo destinado a venda, uma mercadoria. E segundo, quer produzir uma mercadoria de valor mais elevado que o valor conjunto das mercadorias necessárias para produzi-la, isto é, a soma dos valores dos meios de produção e força de trabalho, pelos quais antecipou seu bom dinheiro no mercado. Além de um valor-de-uso quer produzir mercadoria, além, de valor-de-troca, valor, e não só valor, mas também valor excedente (mais valia)”. ( Marx, p. 210. 1. I).

A produção na sociedade capitalista deve ser estudada, investigada e analisada a partir do processo da reprodução do próprio modo capitalista de produção.

O trabalhador só vende sua força de trabalho ao capitalista se ele for capaz de produzir mais do que recebe pela força de trabalho vendida, ou seja, se produzir lucro, se produzir mais valia. Se o trabalhador produzir maior valor, além do valor que recebe pelo trabalho que lhe é extraído, se produzir maior valor do que custam os meios de subsistência, valor este antecipados em forma de salário.

Portanto, o capitalista só compra os meios de produção e a força de trabalho para produzir mais valia, o mais valor, porque é a única forma de aumentar seu capital.

Por outro lado, o trabalhador não vende sua força de trabalho ao capitalista porque é proprietário da força de trabalho. O trabalhador vende sua força de trabalho porque o capitalista compra a força de trabalho do trabalhador. Porque, esta força de trabalho, rende ao capitalista mais valor do que o valor que ele paga ao trabalhador.

"O valor da força de trabalho e o valor que ela cria no processo de trabalho são portanto duas magnitudes distintas. O capitalista tinha em vista essa diferença de valor quando comprou a força de trabalho. A propriedade útil desta, de fazer fios ou sapatos, era apenas uma *conditio sine qua non*, pois o trabalho para criar valor, tem de ser despendido em forma útil. Mas, o decisivo foi o valor-de-uso específico da força de trabalho, o qual consiste em ser ela fonte de valor e de mais valor que o que tem. Este é o serviço específico que o capitalista dela espera" (Marx, p. 218, 1. I).

O trabalhador que é o produtor direto da riqueza em geral, na forma de fundo de consumo, meios de subsistência, após receber pela venda da força de trabalho, parte dos meios de subsistência, volta ao mercado para comprar os meios de subsistência por ele mesmo produzidos.

Não há troca entre capitalistas e trabalhadores, sendo que só o trabalhador é criador de valor. Então, o trabalhador não pode obter em troca do capitalista o produto do seu próprio trabalho. Se o trabalhador é o criador de todas as mercadorias, meios de produção, meios de subsistência.

Neste caso não há trocas. Há, sim, transferências de valores entre trabalhadores e capitalistas.

A relação do trabalhador é com o produto do seu trabalho.

O trabalhador produz :

- a mais valia, o lucro, a propriedade privada do capitalista;
- produz para si a não propriedade privada;
- produz a reposição da força de trabalho que lhe serve para produzir e reproduzir a própria forma de reproduzir a continuidade do sistema.

O trabalhador não se reproduz como homem, como um indivíduo, como uma pessoa humana. Ele é reproduzido como força de trabalho que produz mais valia, que produz riqueza, riqueza acumulada na forma de capital para a classe capitalista.

A classe dos assalariados, saem de casa para produzirem com sua força de trabalho, que se gasta pelo trabalho, e voltando para casa com o objetivo de repor sua força de trabalho. Precisa descansar e se alimentar para repor suas energias para que no dia seguinte possa voltar ao trabalho e produzir mais capital.

O capitalista, pelo contrário, não se desgasta, não gasta suas energias, volta para casa com mais capital acumulado, volta cada vez mais rico, sem produzir riqueza.

A reprodução da classe dos trabalhadores está subordinada ao capital.

A vida do trabalhador é a vida da força de trabalho. O trabalhador não tem livre arbítrio, ele está atado ao capital.

Não basta a um capitalista possuir capital, meios de produção, força de trabalho, meios de subsistência. É necessário que haja muitos capitalistas, muitos trabalhadores disponíveis, e as relações capitalistas para que se reproduza a acumulação e o próprio modo capitalista de produção.

É a impossibilidade de produzir acumulação de capital com o produto do próprio trabalho.

- Transformação da Mais Valia em Capital. Marx, cap. XXII, L. 1, v. II.

O trabalho social é o trabalho da sociedade, que ao praticar a profissão específica, produz a vida produzindo tudo na forma das mercadorias.

O processo de produção capitalista não é só um processo de produção de mercadorias e mais valia. Além disso, produz a propriedade privada burguesa e a não propriedade privada para os trabalhadores, produz o assalariado, não proprietário de capital.

Através desse processo produz a sua própria negação, a negação da propriedade privada, através da produção social.

É um processo de produção que se inova, portanto, em novas condições através da centralização, cada vez mais, do capital. Cada vez menos capitalistas com mais capital acumulado.

$CC/CV = C.O.C.$  ( é a composição orgânica do capital ).

$MV/(CC + CV) =$  Taxa de lucro.

$MV/CV =$  Taxa da mais valia.

$MP/F.TR =$  Composição Técnica do Capital. ( relação dos trabalhadores com os meios de produção ), ( relação de quantidade ).

$(valor)MP/(valor)F.TR =$  Composição do Valor do Capital. ( relação de valor ).

A composição técnica do capital pode permanecer constante, enquanto que a composição do valor do capital tenha alterações na sua natureza.

Estas duas composições, a composição técnica do capital e composição do valor do capital, compõe a Composição Orgânica do Capital.

A Composição Orgânica do Capital é sempre crescente.

A mesma lei que faz aumentar os salários dos trabalhadores, faz também, diminuir os salários dos trabalhadores. É a lei da acumulação do capital no modo capitalista de produção.

CC=80, CV=20, MV=20, acumulação é  $\Delta K = 20$ .

CC=16, CV=04, 20%.  $C = \frac{CC}{CV} = \frac{80}{20} = 16/4 = 4/1$ .

Aqui a economia cresce 20% e o nível de emprego também cresce 20%.

C.C=18 e C.V=02, Aqui a economia continua crescendo 20% e o nível de emprego continua crescendo, mas de forma inferior, ou seja, 10%.

Pela nova composição orgânica do capital (C.O.C), as novas empresas que se instalam contratam menos e as empresas já instaladas, as antigas, demitem mais.

A classe trabalhadora, através do modo capitalista de produção, produz a mais valia e reproduz o sistema capitalista de produção, a acumulação do capital para a burguesia, e do outro lado, o trabalhador empregado e o trabalhador desempregado, assim:

Empregado/Desempregado = Exército Industrial de Reserva = Excluídos, Flutuante, Paupérrimo, Jovem, Mulheres, Latente, Potente, Agricultor, Nordestino, estagnado, e assim por diante.

Não há mais limite para o deslocamento do capital. A mão de obra qualificada também pode ser deslocada de um lado para outro, e está disponível em todos os cantos do mundo. Deslocamento do rural para o setor urbano. A universalidade da vida é no urbano.

O modo de produção capitalista está estruturado no sistema que extrai cada vez mais trabalho, cada vez de menos trabalhadores.

[ X ] [ X ] + [ Y ]

X + Y é a concentração do capital quando aumenta, cria mais capital, além de X, mais Y.

É concentração do capital, quando X não aumenta, quando há diminuição dos proprietários, por exemplo, de 100 proprietários para 80 proprietários. São as fusões e as aquisições.

O Sistema Financeiro, através do crédito, se torna um capitalista potencial e se apropria de parte da mais valia produzida pela propriedade social burguesa. É o mecanismo transitório.

$D - M \Rightarrow MP/FT_r \Rightarrow$  Esfera do mercado. Com dinheiro, o capitalista vai ao mercado e compra as mercadorias, na forma de meios de produção e força de trabalho.

P representa a esfera produtiva, representa o processo produtivo, que pela combinação do trabalho com os meios de produção, transforma o M em  $M + \Delta M = M'$ .

Não basta ser trabalhador potencial para vender a força de trabalho no mercado, é necessário, acima de tudo, que o capitalista necessita do trabalho potencial para empregar na produção.

Além deste pré-requisito, é necessário que haja condição econômica, ou seja, que ao contratar a força de trabalho, o trabalhador seja capaz de produzir um excedente, que produza mais valor do que o valor que recebe pela sua força de trabalho. Quando, por exemplo, o trabalhador produz 40 e recebe 20.

Esse valor monetário, que é representado em 20 unidades, é a parte que o trabalhador recebe do capitalista pela força de trabalho que vendeu ao capitalista, e que pelo trabalho prestado, produz mais valor. Mas são as 20 unidades monetárias que garantem ao trabalhador a reposição da sua força de trabalho.

Com essas 20 unidades monetárias, o trabalhador vai ao mercado comprar o produto do seu próprio trabalho, parte extraída do seu trabalho pelo capitalista. Portanto, o trabalhador, para se reproduzir, como força de trabalho, adquire no mercado o que por direito já lhe pertence.

O trabalho é a fonte para produzir valor. Mas o trabalho não é valor, (Marx). O trabalho cria valor. O trabalho aparece na forma de valor, sendo que o seu conteúdo não é valor. A força de trabalho, como mercadoria, de propriedade do trabalhador, é valor, no seu conteúdo, na sua essência. Mas não é assim que aparece na sua forma.

O valor, como substância, é o trabalho humano abstrato. Como medida de valor, é o tempo de trabalho socialmente necessário na produção de mercadorias. E na forma, aparece como valor-de-troca.

A relação do trabalhador é com o produto do seu trabalho, porque o capitalista se apropria do produto do trabalho dos outros. O capitalista se relaciona com o trabalhador, essencialmente, pelo próprio produto da relação do trabalho com os meios de produção, e essa relação se dá com a ação do trabalhador.

“ O capitalista, depois de ter comprado mercadoria, volta ao mercado para vender mercadoria. ... Essa metamorfose, a transformação de seu dinheiro em capital, sucede na esfera da circulação e não sucede nela. Por intermédio da circulação, por depender da compra da força de trabalho no mercado. Fora da circulação, por esta servir apenas para se chegar à produção da mais valia, que ocorre na esfera da produção”. ( Marx, p. 219, 1. I).

A única função do capitalista é transmutar, a mais valia em novo capital, em acumulação de capital, na expressão da essência da corporificação da sociedade burguesa.

A essência da sociedade burguesa é transformar toda riqueza, contextualizada na mais valia em mais riqueza, que é a expressão da própria sociedade burguesa.

A materialidade do capital se rompe em 1971 quando o lastro do dólar rompe com o ouro. É a desmaterialização.

Mercadoria: valor-de-uso e valor-de-troca. (Valor é valor-de-troca)

2 A	=	5 B
↓		↓
Valor ?		Valor de uso
↓		↓
Relativo		Equivalente

O trabalho social aparece como trabalho individual.  
O trabalho humano abstrato- trabalho concreto.

### Processo Histórico de Equivalência

boi sal cobre prata ouro .....até 1971

Valor \_\_\_\_\_ Propriedade privada mercantil.

A propriedade privada mais pura é o dinheiro que está nos bancos, em forma de cartão eletrônico.

## Forma Simples do Valor-de-Troca.

Isto em cada momento histórico. Anos 50, 60, 70, 80, 90 e 2000.

Forma Total:

$$\begin{array}{lcl} 2A & = & 5B \\ 2A & = & 6C \\ 2A & = & 7E, \text{ etc.} \\ \downarrow & & \downarrow \\ \text{Relativa} & & \text{Equivalente} \end{array}$$

Forma Geral

$$\begin{array}{lcl} 5B & = & 2A \\ 6C & = & 2A \\ 7E & = & 2A, \text{ etc.} \\ \downarrow & & \downarrow \\ \text{Relativa} & & \text{Equivalência geral} \\ M1 = 2A = M2 \rightarrow M - D - M \rightarrow \text{Dinheiro} \\ 5B = 2A = 7E = 6C = D, (\text{Forma Universal}). \end{array}$$

## A MERCADORIA

A humanidade têm claro que o homem é trabalho.

O trabalho não só transforma as coisas, natureza, também cria as relações entre os homens.

Para Marx, o trabalho cria o vínculo social entre os homens.

Na sociedade capitalista, o vínculo entre os homens burgueses é a mais valia.

O vínculo entre os homens é o trabalho não pago, ( mais valia ).

O processo das relações entre os homens, o fio invisível que liga os homens é o trabalho como propriedade privada. É o depositário de todos os nexos.

O trabalho de um homem produz o vínculo entre todos os homens do mundo.

Esta relação, a medida que incorpora a relação entre todos os homens, vincula a relação entre os homens.

A partir do momento que o dinheiro é a base do valor para a troca, as relações são universais.

Mas é a plenitude da sua forma de relação entre os homens no modo de produção capitalista. É a forma burguesa.

- Dinheiro: são todas as trocas simples.
- A totalidade é singular.

2 A  
↓  
5 B } = D → Equivalência  
↓  
6 C  
:  
n M → Relativo

Troca  
↓  
2 A = 5 B  
↓        ↓  
Valor    Valor  
Relativo de uso } equivalência

O dinheiro é a forma acabada da relação mercantil.

O dinheiro é a forma. É a expressão da universalidade.

As relações pelo trabalho, entre os homens, é o conteúdo.

A lógica da reprodução burguesa é a redução da matéria e do tempo, à tendência zero.

- a relação burguesa de produção não é o fracionamento, mas a diminuição do tempo;
- o fundamento da vida são as relações entre os homens;
- a sociedade burguesa se nega e se recria a todo instante. Se recria e cria sua negação.
- O capital se transmuta de individual em social que é a crise do capital.

Sociedade Mercantil.

2 A = Propriedade do produto do trabalho. ↔ 5 B = Propriedade do produto do trabalho.

Homens ←-----→ Homens.

- as relações entre os homens é através das coisas, produto do trabalho;
- As relações das coisas encobrem as relações dos homens;
- A relação desvanece os homens, ( é um fetiche );



- As relações dos homens, (conteúdo) se dá pela relação dos homens pelas coisas, a (forma);
- A vida do indivíduo não se move pelos homens, se move pelas coisas;
- O que importa, o que move o instinto do ato é o dinheiro, não importa com que pessoa, seja qual for;
- Exemplo, os homens de Tunápolis ou Itajaí SC, se relacionam para produzir suas vidas;

Pelo dinheiro, os homens se coisificam e as coisas se humanizam na sociedade burguesa.

O caráter humano desaparece entre as pessoas e a humanização aparece entre as coisas.

O trabalhador assalariado trabalha para produzir mais valia para a propriedade privada da burguesia, conseqüentemente, produz capital acumulado.

O trabalhador não recebe salário para reproduzir a sua vida, recebe para reproduzir a sua força de trabalho, (trabalho) e pelo trabalho, reproduzir o modo capitalista de produção.

#### - FORMULAÇÕES

2 A = D (venda) → D = 5 B (compra) → M1 = D = M2  
 → ( primeira crise e fundamento mercantil )  
 → 2 A = ? } nascem os credores e os devedores;  
 → ? = D } nasce o crédito.

O caminho do dinheiro não é mais o caminho das mercadorias.

O fluxo entre as mercadorias e o dinheiro é diferente.

A produção não é mais em função de obter as mercadorias.

A produção tem a função exclusiva da acumulação, ( entesouramento = D ).

2 A = Dólar ( universal ).

Venda = M1 → D e compra = D → M2. ( mercadoria → dinheiro → +mercadoria. ( I )  
 Compra = D → M e compra = M → D'. ( dinheiro → mercadoria → +dinheiro. ( II )

( I ) Este primeiro é o pressuposto do ( II ) que é o capital em geral. O ( II ) só pode existir pela existência do ( I ).

Aparece o comerciante como intermediário, que não compra para satisfazer suas necessidades. Ele compra porque é possuidor de dinheiro, que é o pressuposto, e agora, para valorizar o dinheiro, capitalizar o dinheiro, compra a mercadoria por um preço e vender por um preço maior.

Já em  $M1 \rightarrow D \rightarrow M2$ , o produtor, produtor de uma mercadoria,  $M1$ , vende  $M1$  para ADQUIRIR dinheiro, o que lhe possibilita comprar mercadorias,  $M2$  que satisfazem suas necessidades.

Este não produz para acumular, para valorizar capital. Produz para satisfazer as suas necessidades, vendendo parte de suas mercadorias produzidas, o excedente, para adquirir os produtos, mercadorias, que ele necessita para reproduzir sua vida, por não produz esta mercadoria que necessita e vice – versa.

$D$  (dinheiro)  $\rightarrow$   $M$  (mercadoria)  $\rightarrow$   $M p e F. \dots P \dots M' \rightarrow M = 100 + \Delta M = 20$ .  
 (100) (100) (80) (20)  $\downarrow$  (120).  
 Jornada de trabalho.

Esta é a industrialização, (III) Capital industrial.

O capitalista industrial não está só preocupado em comprar por um preço menor e vender por um preço maior.

Ele está preocupado em produzir riqueza superior ao valor antecipado. Começa o processo produtivo industrial, este processo na indústria não pode ser mais individual, transformando-se num trabalho social. É o processo produtivo de forma coletiva.

$M1 \rightarrow D \rightarrow M2 \rightarrow$  Relação mercantil.

$D \rightarrow M \rightarrow D' \rightarrow$  Capital comercial.

$D \rightarrow M \dots M p e F. TR. \dots P \dots M' \rightarrow$  Capital industrial.

A expressão do capital é o próprio assalariado. ( É a forma que não lhe é própria).

Os meios de subsistência que os trabalhadores compram, são resultado da produção do trabalhador. Portanto, o trabalhador compra a sua própria mercadoria que foi por ele próprio produzida. Os trabalhadores compram aquilo que a eles por direito deveria pertencer.

O trabalhador produz a propriedade privada do capitalista, e o capitalista se apropria do mais valor. Produz a não propriedade privada para ele, o trabalhador. O trabalhador produz a mais valia para o capitalista, para o burguês, e reproduz o modo capitalista de produção.

O próprio trabalhador é o alienante do capital, quando pensa que trabalha para viver. Enquanto ele trabalha para produzir a mais valia e a reprodução do sistema capitalista de produção.

O trabalhador recebe pelo desgaste que sofre ao prestar seu serviço ao capitalista, porém, o que o capitalista recebe é trabalho, e não força de trabalho,

porque, é através do trabalho que o trabalhador produz mais valor, e valor além daquele que lhe é pago no ato da venda da força de trabalho.

O capitalista desembolsa 80, na compra de meios de produção e 20, com a compra da força de trabalho. Portanto, se a produção é de 120, a mais valia é exatamente 20. É a parte que o capitalista recebe sem dar nada em troca.

Manufatura:

- 1 - Negação do trabalho individual, ( camponês artesanal ).
- 2 - O social, criação do trabalho coletivo.
- 3 - Negação da manufatura, ( até 1750 ).

Criação da Maquinaria.

- 1 - Negação da manufatura:
- 2 - Do coletivo para o universal. ( cap. 5 livro 3 ). Conferir.
- 3 - Negação da máquina, ( até 1956 ).

Onde o modo de produção capitalista adentra, destrói todas as formas anteriores, portanto, a força produtiva social, destrói as forças produtivas individuais.

O nível do emprego depende da magnitude do capital.

A proporção da composição orgânica do capital. ( C.O.C. )

Quanto mais avançada a sociedade capitalista, maior é a composição orgânica do capital.

- 1 - Lei = C.O.C =  $c/cv = 80/20 = 4 = \uparrow$ .
- 2 - Lei = Taxa de Mais Valia =  $m v/c v = 20/20 = 1 = \uparrow$ .
- 3 - Lei = Taxa de Lucro =  $m v/(c c + c v) = 20/(80+20) = \downarrow$ .

Onde,

C C = capital constante;

C V = capital variável;

M V = mais valia.

Mais Valia = trabalho excedente.

Capital Constante = trabalho passado.

Capital Variável = trabalho necessário, trabalho vivo.

- 1 – Capital Variável = 4 horas e mais valia = 4 horas, total = 8 horas.
  - Capital Variável = 4 horas e agora, mais valia = 6 horas, total = 10 horas.
  - É a Mais Valia Absoluta.
- 2 – Capital Variável = 4 horas e Mais Valia = 4 horas, total = 8 horas.
  - Capital Variável = 2 horas e Mais Valia = 6 horas, total = 8 horas.
  - Representa a Mais Valia Relativa.

Ou seja, com aumento do total de horas de trabalho, com aumento da jornada de trabalho, aumenta a mais valia absoluta. A exploração aumenta pelo aumento de horas trabalhadas pela classe proletária, sem receber nada a mais pelo mais trabalho.

No segundo caso, aumenta a mais valia pela redução de horas que pagam a força de trabalho, ou seja, extrai-se mais trabalho em menos tempo.

“Vemos que a diferença estabelecida, através da análise da mercadoria, entre o trabalho que produz valor-de-uso e o trabalho que produz valor se manifesta agora sob a forma de dois aspectos distintos do processo de produção.

O processo de produção, quando unidade do processo de trabalho e do processo de produzir valor, é processo de produção de mercadorias; quando unidade do processo de trabalho e do processo de produzir mais valia, é processo capitalista de produção, forma capitalista da produção de mercadorias”. (Marx, p.222. 1. I).

## BIBLIOGRAFIA

MARX, Karl. O capital. A Crítica da Economia Política. Tradução Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Difel, 1987. L. 1, v. I e II, L. 2, v. III.

**Aula em Itajai**  
**Educadora: Cleci**

**Data: 27/10/2001**

- 1- Boas Vindas ao grupo;
  - 2- Breve apresentação dos professores e do grupo;
  - 3- Colocar para o grupo os objetivos do trabalho neste dia e o que irá se trabalhar;
  - 4- Dividir o grupo em 3 pequenos grupos ( conforme o nº de participantes);
  - 5- Explicar a dinâmica aos participantes;
  - 6- Distribuir os materiais e orientar;
  - 7- Desenvolver a dinâmica ( + ou - 20 min.);
  - 8- Os pequenos grupos apresentarem para para o grande grupo;
  - 9- Retornar para seus lugares e o professor retoma a coordenação. Será feita uma questão geral onde todos poderão falar sobre: **“ o que é sujeito coletivo, e o que ele representa para cada um”**.
  - 10- fazer um fechamento com uma conceituação do termo;
  - 11- No fechamento ir colocando já sobre o próximo assunto que é Desigualdade Social. Este assunto alguns tópicos podem ser trabalhados no assunto anterior.
  - 12- Fazer questionamentos ao grupo sobre o entendimento deles do que é **“desigualdade social e como ela se apresenta na sua comunidade hoje”**
  - 13- Todas as respostas deverão ser escritas em papel pardo para todos visualizarem;
  - 14- Finalizando com um conceito de desigualdade social.
  - 15- todo o grupo devera receber um texto base sobre o assunto tratado e se possível ler com grupo;
- Conceituação: **Sujeito:** para filosofia é: o ser individual, real, que se considera como tendo qualidades ou praticando ações.
- Coletivo: que abrange ou compreende muitas coisas ou pessoas, de ou utilizado por muitos.

**Dinâmicas: livro de dinâmicas para grupos:**

pag. 41 – **Papel:** um objeto intermediário;

pag: 82 e 157 – Jogo dos balões;

pag: 85 – Colagem coletiva.

## **Participação popular: O sujeito coletivo em ação.**

Para falarmos em sujeito coletivo, antes precisamos entender um pouco sobre participação.

Participação em nosso entender tem muitas formas de ser interpretada face a visão de *homem e de mundo, que se estrutura na sociedade contemporânea*. Etimologicamente falando, participação vem de parte, participar é fazer parte, tomar parte ou ter parte de alguma coisa. Antes de mais nada precisamos entender o porquê de participar. Participar quando se trata de organização popular tem uma conotação de organizar e discutir algo que precisa ser feito, principalmente problemas que precisam ser resolvidos no espaço de participação. O interesse por participar cresce segundo a conjuntura da realidade social e se manifesta das mais variadas formas.

A modernidade com as suas grandes transformações culturais, tecnológicas, competitivas e do mundo do trabalho, num primeiro momento, faz com que as pessoas se individualizem, se massifiquem e se automatizem levando a situações calamitosas de relacionamento.

Na atualidade as consequências desta trajetória revelam sujeitos conscientes da situação, e que procuram, como uma forma de reação, maneiras que o levam a participação nos grupos e/ou em seus locais de moradas, trabalhando coletivamente. Essa participação coletiva oportuniza a construção de uma democracia participativa, em que se universaliza equitativamente direito de participar, opinar sugerir e discutir direitos e deveres que devem ser vivenciados pelos participantes.

A participação para melhor entendermos, inspira como uma luta necessária a construção de uma melhor qualidade de vida, isto é, o espaço que instrumentaliza os indivíduos para a ação coletiva e conseqüentemente efetiva o direito de cidadania.

A participação coletiva dos sujeitos, é o caminho natural para o homem manifestar sua tendência inata de realizar, fazer coisas, afirmar-se a si mesmo e domina a natureza e o mundo em seu favor. O ponto central da participação não é o quanto se toma parte, mas como se toma parte da situação em movimento essencial a natureza social do homem. Portanto, o homem é para a natureza um ser participativo e que não pode viver isolado do meio onde vive.

Para entendermos melhor a participação e a organização como uma luta necessária a construção de uma melhor qualidade de vida, é não deixar de insistir em buscar fontes próprias e legítimas, as quais constituem o terreno da participação, isto é, o espaço que instrumentaliza os indivíduos para a ação coletiva e conseqüentemente efetiva o direito à cidadania. Bordenave (1986:59) nos coloca que “as comunidades populares, longe de serem organismos estanques encontram seu sentido no relacionamento com as instituições econômicas, sociais, políticas e culturais que compõe a sociedade”. Neste sentido a comunidade é compreendida como o local em que se concretiza as relações entre os indivíduos, a partir destas relações constroem suas ações coletivas.

A participação de que falamos até agora não se dá de forma individual entre as lideranças

de uma comunidade e alguma instituição, em decorrência, existe a sociabilidade das lutas, ela passa a se tornar coletiva, isto quer dizer, que “os laços de solidariedade que surgem quando as pessoas se agrupam para criar redes de transporte, ou sistema de esgotos e coleta de lixo lhes dá um poder coletivo”. ( Wolf, 1992:28)

Então podemos dizer que num sentido mais amplo “ um sentido de sujeito coletivo, entendido no âmbito da coletividade, em que se esboça uma identidade e se organizam práticas através das quais seus membros buscam defender interesses e expressar suas vontades, constituindo-se nestas lutas” (Sader,1988:5).

Segundo Leonardo Boff (1998) para que o ser humano se forme sujeito coletivo é necessário entender 3 pontos essenciais que são: 1º conquista de poder para ser sujeito pessoal e coletivo de todos os processos relacionados como pessoal e coletivo; 2º é a cooperação para além da competição e da concorrência; e o 3º é o auto-educar-se continuamente para exercer a cidadania e a concidadania como sujeito. No caso das organizações comunitárias, a participação e a discussão dos problemas e das situações que estão postas é fundamental, pois sendo a comunidade, geograficamente falando, o espaço onde os sujeitos sociais se relacionam, é também o espaço em que ocorrem os problemas e onde estes são resolvidos, não de forma individual, mas em toda uma coletividade, que se preocupa em buscar entender, discutir e encontrar formas para solucionar estes problemas. Neste sentido a autonomia do grupo é fundamental, pois começa a ter independência a liberdade de pensamento para expressar-se, mesmo sabendo que existem contradições e forças opostas tentando a dominação de uns sobre os outros que impeçam esta ação. É no coletivo que as mudanças acontecem, e isso pode ser chamado também de satisfator das necessidades humanas. Maria da Glória Gohn ( 1994:108), coloca que “o coletivo deve ser o cenário, o espaço de construção das vontades através do pluralismo das idéias, de seus confrontos e da formulação de linhas comuns que possibilitem a canalização das vontades individuais em vontades coletivas”.

Neste sentido, a constituição da coletividade em diferentes níveis e dimensões, supõe a percepção de carências comuns. São as carências que definem a coletividade possível dentro da qual se constituem a coletividade efetiva dos participantes dos movimentos.

Em fim a conquista de espaços públicos e a descoberta do sentido coletivo de alterar o que já está pronto e buscar horizontes possíveis de serem alcançados, é o primeiro passo para uma autonomia com participação e organização da população .

### **Desigualdade: uma questão social.**

Para entendermos desigualdade social, antes de mais precisamos entender o que gera esta desigualdade.

Na sociedade altamente capitalista em que nós vivemos, podemos entender desigualdade

como falta de acesso a escola de qualidade, falta de emprego, o não acesso ao trabalho, as condições de moradia, a saúde e principalmente a comida, pois neste conjunto todo poucos tem muito e muitos nada tem.

A concentração de renda no Brasil é uma das mais desiguais do mundo. A amplitude e a intensidade da pobreza do mundo, mais precisamente na América Latina e no Brasil que é a nossa realidade, são tão contundentes que uma análise mais ampla da situação nos dá um melhor entendimento da realidade. Precisamos entender o por que isso começa. O Brasil possui uma história de colonização desde o seu descobrimento. Fomos colônia de Portugal por muitos anos, continuamos sendo comandados pelos Bancos Americanos, pelo FMI, BIRD e outros que ditam as regras e vão implantando sua política liberal e excludente, e nossos governantes tendo que seguir suas orientações e condutas.

Quando uma sociedade nacional é ordenada em bases capitalistas, isto é, que as principais riquezas do país são produzidas como bens privados dos proprietários dos meios de produção, por meio da força de trabalho de homens e mulheres trabalhadoras, contratadas para produzir mercadorias e gerar lucros para proprietários. O conjunto destes elementos envolvidos no processo (fábricas, trabalhadores sem meios de produção bens e serviços para o mercado) chamamos de capital. O cenário apresentado é de uma sociedade desigualmente desigual e dividida pela propriedade não apenas pelo trabalho, dividida entre capital (quem detém os meios de produção) e trabalho (quem detém a força de trabalho).

Neste contexto podemos ver que a desigualdade está em quem detém os meios de produção e quem detém a força de trabalho. Marx já dizia, o homem é movido pelo econômico, e isso (às vezes) faz a diferença. Precisamos entender o por que dos movimentos sociais que se manifestam cada vez mais hoje, com reivindicações de sobrevivência para as pessoas, podemos citar como exemplo o MST, os mov. Ecológicos e tantos outros que compõe a sociedade.

Hoje vemos as desigualdades sociais aflorar nossos olhos a cada instante do dia. Podemos perceber que cada dia que passa cresce os mendigos nas ruas, crianças pedintes nas sinaleiras pedindo para poder sobreviver, famílias tendo que abrigar-se em lugares insalubres, correndo risco de vida, jovens tendo que prostituir-se para poder sobreviver e ajudar no sustento das famílias e outras tantas questões que poderíamos elencar e pensarmos como está sendo tratado estas desigualdades, principalmente pelo setor público de nossas cidades e Brasil.

De nada adianta termos a minoria da população que mora em mansões e grandes prédios e condomínios fechados, se a grande massa da população não tem aonde morar, ou ter os melhores carros importados do ano se quando fizer uso das ruas das cidades precisa seguir atrás de ônibus lotados de trabalhadores enfrentando engarrafamentos do dia a dia das grandes cidades.

Em fim a desigualdade social está visível, em baixo dos nossos olhos todos os dias e todos



os momentos, não tem como ignorá-los e fazer de conta que não existe nada, por que na hora que menos esperamos ela vai estar no nosso lado nos fazendo sombra sem podermos fugir.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

NÚCLEO DE ESTUDOS EM SERVIÇO SOCIAL E ORGANIZAÇÃO POPULAR –  
NESSOP

EDUCADORA: Sirlândia Schappo

**Democracia Elitista**

<b>Idéia de Democracia</b>	<b>Meta</b>	<b>Componente Chave</b>
Apenas um grupo de pessoas (vereadores, governadores, presidente, prefeito etc.) estariam habilitadas o suficiente para discutir e decidir assuntos políticos.	Poder governar com toda a autoridade os demais, considerados “desinformados e sem competência para decidir e argumentar sobre as necessidades e sobre os assuntos públicos”.	Centralização, concentração do poder

**Democracia Participativa**

<b>Idéia de Democracia</b>	<b>Meta</b>	<b>Componente Chave</b>
Através da participação, as pessoas se tornariam politicamente mais responsáveis, mais informadas, mais comprometidas com os assuntos públicos e com um projeto comum.	<ul style="list-style-type: none"><li>- Desconcentrar o poder político – a tomada de decisões;</li><li>- Romper com o monopólio dos representantes escolhidos e dos especialistas.</li></ul>	Participação Distribuição do poder

**Democracia Deliberativa**

<b>Idéia de Democracia</b>	<b>Meta</b>	<b>Componente Chave</b>
Diálogo livre e aberto entre os atores sociais - com igualdade de recursos e condições - onde através da troca de argumentos e razões os interesses possam ser formados e transformados publicamente.	Expressar valores publicamente e orientar a busca de caminhos para conseguir que as razões de cada grupo resultem convincentes para os demais cidadãos.	Diálogo argumentos/razões onde todos os interessados tenham igualdade de recursos e condições.

membros deverão ser tratados (sob a constituição) como se estivessem igualmente qualificados para participar do processo de tomar decisões sobre as políticas que a associação seguirá. Ou seja, todos os membros devem ser tratados politicamente iguais.

**Critérios de um processo democrático** (Dahl p. 49):

- Participação efetiva – Antes de ser adotada uma política pela associação, todos os membros devem ter oportunidades iguais e efetivas para fazer os outros membros conhecerem suas opiniões sobre qual deveria ser esta política;
- Igualdade de voto – no momento de se decidir sobre a política a ser tomada, todos os membros devem ter oportunidades iguais e efetivas de voto;
- Entendimento esclarecido – cada membro deve ter oportunidades iguais e efetivas de aprender sobre as políticas alternativas importantes e suas prováveis conseqüências;
- Controle do programa de planejamento - Os membros devem ter a oportunidade exclusiva para decidir como e, se preferirem, quais as questões que devem ser colocadas no planejamento;
- Quinto critério cidadania (direitos civis, políticos e sociais)

**Alguns caminhos para a democracia...**

- Discussão, argumentação e formação de opiniões públicas em torno de reivindicações e temas pertinentes a cidadania e a justiça social;
- Participação ativa, reflexiva e avaliativa tanto em períodos eleitorais como também no dia-a-dia, em espaços públicos (Conselhos, organizações de moradores, Planejamentos municipais, Fóruns, etc;)
- Formação (e/ou participação) de Associações e grupos de interesses comuns, possibilitando-se o desenvolvimento de argumentos, projetos, propostas que possam contribuir para a formação de uma nova cultura política e para uma inversão de prioridades no âmbito da agenda pública;
- Articulação com outros grupos em esferas públicas, gerando discussões, reivindicações e pressão sobre a mídia e os órgãos públicos, para que demandas prioritárias sejam implementadas através de políticas, programas e serviços públicos; Exigindo-se a participação e o controle sobre a agenda pública.

Será que nossos representantes políticos estão sabendo governar? Ex.: Para cada R\$ 1,00 investido em saneamento, o Brasil economiza R\$5,00 saúde (Jornal Nacional 27/08/2001).

Domicílios particulares permanentes urbanos, total e percentagem dos domicílios com abastecimento de água e esgotamento sanitário adequado e lixo coletado, por classes de renda domiciliar per capita em salários mínimos - 1999									
Brasil	Domicílios particulares permanentes urbanos								
	Total		Com abastecimento de água e esgotamento sanitário adequado e lixo coletado						
			Total	Classes de renda domiciliar per capita em salários mínimos (%)					Mais de 5
	Até 1/2	Mais de 1/2 a 1		Mais de 1 a 2	Mais de 2 a 3	Mais de 3 a 5			
<b>Domicílios</b>	<b>34</b>	<b>870</b>	<b>62,3</b>	<b>34,1</b>	<b>50,0</b>	<b>65,4</b>	<b>75,0</b>	<b>79,8</b>	<b>86,5</b>
	<b>828</b>								

Fonte: Síntese dos Indicadores Sociais 2000/IBGE

Mais de 30% dos domicílios urbanos não dispõem de abastecimento de água e esgotamento sanitário adequado e lixo coletado; Sendo que nas classes com até 1/2 salário mínimo per capita, chega a mais de 60%.

Para vivermos em sociedade sempre abrimos mão de alguma liberdade para permitir a liberdade do outro. Ex.: é proibido matar, tomar posse do que é do outro etc. Mas como podemos abrir mão de toda nossa liberdade política e permitir que os outros decidam o que é melhor para nossa comunidade/sociedade?

Para obtermos alguns objetivos que não atingimos sozinhos, optamos (ou somos inseridos nas já existentes) em formar **associações** (conselhos comunitários, associação de moradores, etc.) as quais devem ter uma **constituição** (Estatuto, regimento interno, Constituição etc.). **Esta constituição, em um governo democrático**, deve (segundo Robert Dahl, p. 48):

- Assegurar a todos o direito de participar das tomadas de decisão da associação;
- Deve-se criar um conjunto de regras e princípios - uma constituição - que determinará como serão tomadas as decisões da associação;

O sentido da Associação é assim o de deliberar, discutir e depois tomar as decisões políticas. A Associação deve estar assim de acordo com um princípio elementar: todos os

“Enquanto a autocracia (que não mostra a verdade e ainda desvirtua o conhecimento) precisa de cidadãos passivos, a democracia sobrevive apenas se pode contar com um número cada vez maior de cidadãos ativos” (John Stuart Mill apud Bobbio p. 398).

### Bibliografia

- BOBBIO, N. Democracia e conhecimento. In: Teoria Geral da Política, Rio de Janeiro, Campus, 2000.
- VITULLO, Gabriel Eduardo. Teorias alternativas da democracia: uma análise comparada. Cadernos de Ciência Política. Série Teses e Dissertações. nº 3. Porto Alegre: UFRGS, 1999
- Dahl, Robert. Sobre a Democracia. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2001.
- HABERMAS, J. Direito e Democracia: entre a faticidade e a validade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- KERSTENETZK, Célia Lessa, CARVALHO, Fernando de. Até que ponto o Brasil honrou os compromissos assumidos em Copenhague? IBASE: Observatório da Cidadania, 2000.
- SARTORI, G. A teoria da democracia revisitada. São Paulo: Atiças, 1994.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Síntese dos Indicadores Sociais 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2001.

## TEMA DA AULA

### I - Gestão e Representatividade Comunitária

Mobilização Social  
Reuniões  
Campanhas  
Informativos  
Documentação (registro)

## PLANO DE AULA

### **1º Momento**

14:00 às 14:20 – Apresentação do Educador

14:20 às 15:20 – Reunião e Observação Sociológica

15:20 às 16:00 – Debate sobre a Dinâmica e desdobramentos sobre a observação

### **2º Momento**

16:00 às 16:20 – Café

### **3º Momento**

16:20 às 17:20 – Apresentação e explanação do conteúdo programado

17:20 às 17:40 – Debate sobre o conteúdo

17:40 às 18:00 – Exploração sobre material, explicação sobre o texto de exercício.

Itajaí, 17 de novembro de 2001.

Curso de formação política para liderança comunitária.

Bairro Promorar II.

Para que nosso objetivo seja alcançado com sucesso é muito importante que cada liderança responda as questões abaixo relacionadas com entusiasmo, relatando aquilo que sente e vive no dia-a-dia comunitário .

A construção teórica do que é ser dirigente comunitário a partir de experiências de vida , pode ser um valioso instrumento , não só para os que vão participar desta construção ,como também , para todos os sujeitos sociais e as organizações comunitárias.

Portanto você e eu , somos responsáveis pelo que vamos construir, responda com muita dedicação as questões a seguir:

- 1) A partir de sua vivência o que é ser um dirigente comunitário?
- 2) Considerando seu dia –a –dia na associação , no centro comunitário ou em outra associação coletiva na comunidade; Escreva sobre as condições que você acha que a pessoa precisa ter, para ser presidente de uma entidade comunitária.
- 3) Ao realizar suas atividades comunitárias você deve se deparar com muitas situações e fazer um grande esforço para resolve-las . Então você deve contribuir bastante com sua comunidade ? Diga quais são e fale sobre as contribuições que você tem dado a sua comunidade.
- 4) Entendemos ser importante que o presidente da associação seja uma pessoa capacitada para enfrentar os problemas comunitários. Que capacidades você precisa desenvolver no seu dia-a dia? Ou você sente que as habilidades que possui já bastam para lidar com os problemas comunitários?
- 5) Fale como quiser sobre a relação que você estabelece com os moradores de seu bairro E o seu modo de conduzir os trabalhos na associação.

## O QUE É SER DIRIGENTE COMUNITÁRIO?

Este texto foi elaborado com a intenção de despertar os sujeitos sociais, líderes locais participantes do curso de formação política ministrado pelo Núcleo de Estudos em Serviço Social e Organização Popular (NESSOP), no bairro Promorar II - Itajai, para a construção de uma reflexão, capaz de tornar explícita o que é ser dirigente no sentido comunitário a partir do cotidiano vivido pelas lideranças participantes do curso.

Ao reportamo-nos a questão comunitária e suas interfaces havemos, de considerar o movimento globalizante e a atuação política neoliberal.

Tomada em conjunto nos remetem a uma parafernália de suposições, achismos e porquês, entretanto, há de nossa parte um sentido de que nesse sentido existem duas formas de se analisar e de se enfrentar tais fenômenos: a realidade construída teoricamente e outra a partir do concreto vivido.

Para ilustrar essa nossa suposição indagamos: o que está acontecendo com o mundo hoje? Se buscarmos a compreensão teórica poderemos utilizar várias vertentes (Marxista, Funcionalista, Fenomenológica e Anarquista) passando por inúmeros autores. Uma dessas, entretanto poderia nos levar a refletir sobre a questão a partir de alguns pontos, por exemplo:

a crise do Estado que vive um dilema entre local e o global,

a aumento alarmante da pobreza e sua influência no crescimento da indiferença social.

a participação política, presa num confuso modo de participação onde os cidadãos são levados a participarem da política formal (casas legislativas, senado e executivo), por escândalos éticos e morais os quais tem chocado a opinião pública brasileira, e a infima participação na política não institucionalizada, ou seja, o pouco envolvimento com as influências externas que interferem no dia-a-dia: em casa, no trabalho, no bairro, na cidade, no Estado e no País. Por outro lado podemos também construir teoricamente a partir da apreensão da vivência e do sentido que o sujeito social engajado com os problemas sócio-comunitários concebem sobre "o mundo da vida" as suas localidades.

Desse modo, partimos do pressuposto de que para compreendermos o que é ser dirigente comunitário também é necessário passearmos por estes caminhos, entretanto, optamos por entender o fenômeno acima mencionado a partir da experiência vivida por sujeitos sociais, presidentes de associações, centros comunitários e outras entidades de bairro.



## 1 - O QUE SIGNIFICA SER DIRIGENTE COMUNITÁRIO?

As organizações comunitárias são constituídas por um ordenamento pré- estabelecidos: presidente, vice-presidente, secretário, segundo secretário, tesoureiro e outras responsabilidades. Entretanto, para que as ações desse encargos possa acontecer sincronizadamente com os interesses da comunidade, é necessário a presença firme e decidida do dirigente comunitário. Este deve orientar, dirigir e organizar as ações coletivas na sua comunidade, além de estar sempre apto em representas a sua em relação a outras entidades e autoridades políticas e jurídicas.

Ser dirigente é o mesmo que ser líder da comunidade?

Essas duas categorias por muitas vezes nos confundem pois o líder é uma característica da pessoa, um dom nato e nem sempre que possui tal atributo natural esta a frente de uma associação de moradores, isso não quer dizer que a pessoa eleita para ser presidente de uma associação de bairro que não tenha este dom de liderar não possa vir a ser um líder, pois isso também se constrói, com vivência prática e compromisso com a responsabilidade.

"a pessoa que é eleita para dirigir o grupo (associação, conselho ou centro comunitário) geralmente possui um conjunto de qualidades e capacidades que a torna apta a ser um bom dirigente, igualmente essa pessoa precisa desempenhar um papel de maior responsabilidade o qual por vezes requer sacrifícios" (CEPES, 1987, p. 1)

Existem também os prós e os contras no desafio de ser dirigente comunitário, pois pela sua posição ele está mais exposto a críticas que podem ir desde as mais coerentes e construtivas até as mais absurdas e destrutivas, em contra partida tem-se a recompensa de estar empenhando o melhor de seu lado físico e mental para o bem coletivo de seu bairro.

### 2) O que é necessário para ser dirigente comunitário.

Não é fácil ser um dirigente comunitário esta função envolve questões pessoais, éticas, políticas, econômicas, enfim acaba aglutinando todos os problemas do bairro. Frente a tal realidade o dirigente precisa desenvolver algumas características, as quais lhe darão sustentação e fundamentação para seu agir como dirigente.

= Ser escolhido pela comunidade

- = Ser representativo (ter capacidade de saber representar os membros da comunidade)
- = Estar sempre da comunidade
- = Ser democrático (não impor seu ponto de vista, não deixar de cumprir os acordos e cumprir os encaminhamentos acordados pela coletividade)

### **3) Algumas contribuições do dirigente comunitário.**

Ao dirigir os trabalhos comunitários em seu bairro o dirigente comunitário contribui em larga escala para a TRANSFORMAÇÃO SOCIAL de maneira geral. No entanto além disso ele promove a participação e a organização política dos sujeitos sociais representados, através da mobilização e da educação comunitária, despertando nas pessoas o olhar e o pensar sobre os problemas sociais sobre o seu bairro.

### **4) O dirigente, a participação e a organização.**

Acreditamos que a organização e a participação comunitária constituem em importantes elementos para o fortalecimento das relações sociais, elemento fundamental para o enfrentamento das esferas de dominação política e econômica tem influenciado direta e indiretamente nos problemas sócio-comunitários. É a partir daí que poderá se implementar lutas coletivas. Porém, para que isto aconteça é necessário que o dirigente comunitário precisa facilitar e promover a comunicação na comunidade e sempre tomar as decisões coletivamente. Cabe também ao dirigente comunitário administrar os conflitos e unir as capacidades e as vontades de diferentes pessoas em prol do bem comum.

### **5) O dirigente como mobilizador.**

É necessário que o dirigente comunitário promova ações no sentido de congregar sua comunidade na busca de soluções de problemas tais como: saúde, alimentação, justiça, trabalho, segurança, essas questões só serão resolvidas com envolvimento e participação políticas das pessoas.

## 6) O dirigente como educador social

É fundamental que o dirigente comunitário tenha permanentemente uma postura educativa. Para que isto aconteça é preciso que ele esteja sempre atento ao comportamento de seus representados, tenha consciência dos principais problemas do bairro das origens e histórias de vida pelo menos das pessoas que a ele estão mais próximas, desenvolver o espírito democrático e socializador em todas as suas ações.

Em síntese pode-se dizer que em linhas gerais o dirigente comunitário deve promover e organizar a participação no seu bairro, buscando juntar esforços e idéias.

## 7) Que capacidades deve ter um dirigente comunitário.

- = Ser capaz de recolher os interesses, anseios e esperança do povo de seu bairro.
- = Cativar e adquirir confiança dos moradores do bairro.
- = Ter habilidades para empolgar e ativar os moradores.
- = Ter sensibilidade para saber quando começar e quando terminar a mobilização.
- = Ter o Máximo de informação sobre a realidade do bairro e se possível da região onde a comunidade está inserida.

O dirigente comunitário deve ter um grande conhecimento sobre a realidade de seus representados, não é suficiente saber que existe fome, desemprego, falta de moradia é preciso saber como buscar soluções para tais problemas, é papel do dirigente comunitário dominar estas informações tanto na comunidade quanto no País. Para que isso aconteça é necessário que:

- A) Se saiba onde buscar tais informações e como obtê-las.
- B) Ser capaz de interpretar as informações de modo crítico.
- C) Ter conhecimentos sobre as leis (tipo jurídico) previdência, trabalho, criança e adolescente. Isso também ajudaria o ajudaria a realizar uma reivindicação com maior embasamento e possibilidade de obter respostas adequadas.
- D) Ter clareza com relação aos objetivos.

Saber quando e como começar e aonde chegar é um ponto crucial para a ação comunitária, bem como a valorização de outros tipos de resultados: o fortalecimento da associação, o crescimento das pessoas e a articulação a ser alcançadas com outras comunidades.

### 8) COMO ENFRENTAR AS AUTORIDADES.

A ação reivindicatória exige que o dirigente comunitário, seja habilidoso ao defender os interesses da comunidade e sábio ao negociar pela comunidade.

#### 9) O que é negociar.

Podemos considerar que negociar significa chegar em algum acordo, que seja favorável a comunidade.

O que o dirigente comunitário precisa para ter para negociar.

- = Posição clara
- = Domínios de diversas alternativas
- = Domínios de informação sobre a questão em pauta.
- = Saber os aspectos que podem ser cedidos sempre.
- = Levar em consideração as posições tomadas no coletivo.
- = Promover a articulação das entidades comunitárias mais próximas.

#### 10) O dirigente comunitário também é um educador social.

Ser um educador social não é tarefa fácil, portanto os dirigentes comunitários devem sempre.

- = Enfrentar educativamente os problemas comunitários.
- = Demonstrar sempre uma atitude aberta e crítica.
- = Observar, escutar e dialogar democraticamente
- = Planejar as atividades
- = Especificar previamente qual o problema a ser discutido
- = Distribuir tarefas
- = Promover avaliação coletiva de todas as ações.

### 11) Como se avalia uma atividade .

Pode-se fazer uma boa avaliação a partir de algumas indagações :

- = Foram cumpridos os objetivos propostos ?
- = Que dificuldades pessoais , do grupo ou da comunidade foram empecilhos para alcançar os objetivos?
- = Que aspecto contribuíram par que fossem atingidos os objetivos?
- = Foram cumpridos todos os objetivos .
- = Como a comunidade se organizou para realizar a atividade?
- = O grupo todo participou da execução das tarefas ? Foram cumpridos os prazos estabelecidos?
- = Como foram utilizados os recursos?
- = Faltaram recursos? Esbanjaram-se recursos?
- = Quais foram os custos?
- = Valeu a pena realizar a atividade?

### 12) Outra modalidade de avaliação que também é fundamental aos trabalhos comunitários é a auto-avaliação , onde cada membro participante da atividade se avalia em relação às ações desenvolvidas na tarefa organizada.

“É preciso entender a auto avaliação , como um dos componentes da avaliação , que traz informação específica sobre os participantes do grupo: O que aprenderam, que obstáculos encontraram , e em que falharam . esta informação é de caráter pessoal e muito importante para avaliar os resultados da atividade (comunitária)”, grifo meu (CEPES 1987 P28)

Finalizando, observa-se que o dirigente comunitário tem grande importância para que a organização comunitária de modo eficiente possa alcançar seus objetivos , ou seja , ele nos parece ser o caminho mais curto entre a comunidade e a justiça social.